

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

PUBLICADA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO: — Cursos de Férias, *notícia*; Os dez mandamentos dos pais e dos mestres, (tradução), *dr. Abgar Renault*. — Preceitos para ensino do idioma português. *Moção do dr. Abgar Renault, aprovada pelo Congresso de Língua Vernácula*. — Minas no Congresso de Língua Vernácula, realizado no Rio, *noticiário*. — **COLABORAÇÃO:** — O fruto de uma aula, *prof. Mário Casasanta*. — Lições do recreio, *Aymoré Dutra*. — História muda, *Nair Starling*. — Vacina, *prof. Marques Lisbôa*. — **TRANSCRIÇÕES:** — Os jogos dirigidos na educação integral, *Ruth Gouvêa*. — Literatura para crianças, *Lúcia Machado de Almeida*. — Novos rumos da educação em Minas, *d'O Diário, Belo Horizonte*. — **FATOS À MARGEM DA VIDA ESCOLAR:** — A biblioteca infantil de Caratinga, *Maria da Glória Rocha Abêlha, diretora*. — **INFORMAÇÕES UTEIS AO MAGISTÉRIO:** — Atribuições do inspetor escolar municipal, *instruções*. Tabela para calcular a percentagem de freqüência, *re-edição*. — *Fotografias, nota*. — Programa em experiência, 2.º ano, *reprodução*.

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

PUBLICADA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

VOLUME II

2.º SEMESTRE DE 1949

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

BRASIL

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação

Cursos de Férias



Os Cursos de Férias instituídos em Minas pelo Sr. Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação, não estão se notabilizando apenas pelo cunho inconfundível de um espírito de eleição, familiarizado e preocupado com os problemas culturais dêste momento histórico, quando luzes novas dão novas diretrizes ao saber humano.

Evidenciam êsses congressos anuais de puro estudo e revisão dos conhecimentos imprescindíveis ao professorado no exercício do seu nobre apostolado, uma ânsia tal por mais segura orientação científica, elucidação filosófica, domínio teórico e destreza prática, que só êste aspecto bastaria para justificá-los plenamente.

Entre outras realizações igualmente notáveis, os Cursos de Férias, de que damos a seguir ligeira sùmula, estão concorrendo para a benemerência do Governo Milton Campos no setor da Secretaria da Educação, a cujos problemas o Sr. Dr. Abgar Renault vem dando o brilho de sua inteligência e cultura.

O primeiro Curso de Férias realizou-se em 1947, tendo o seguinte movimento:

Matrícula geral, 73 alunos. Comparecimento: Escolas Normais e Ginásios Oficiais, 24; Colégios Particulares, 45; Grupos Escolares, 2; Fiscal de Escola Normal, 1; Secretaria de Educação, 1.

Cursos especiais: Matemática, 14 alunos; Português, 29; Francês, 17; História, 18; Geografia, 31; Latim, 13; Inglês, 1; Física e Química e Ciências Naturais, 2.

Já em 1948 a convocação foi muito mais extensa, assim como os pedidos espontâneos de matrícula, dando os seguintes índices e durando o Curso os meses de janeiro e fevereiro: Matrícula, 425. Aulas dadas, 361. Comparecimento: Professores do interior, 109; Professores da Capital, 40.

NOTA: Os demais matriculados são pessoas interessadas e professores de estabelecimentos particulares.

Os Cursos especiais constaram de: Filosofia e Psicologia, Metodologia, Sociologia, Didática Geral, Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, Ciências Naturais, História e Geografia.

O mesmo movimento ascensional teve o Curso de 1949, também em janeiro e fevereiro, registrando-se: Matrícula, 506. Comparecimento: Professores secundários de estabelecimentos oficiais, 135; Professores primários, 162; Professores de estabelecimentos particulares e pessoas interessadas, 209.

Cursos: Matemática, 27 alunos; Estatística, 27 alunos; Geografia, 35 alunos; História, 35 alunos; Filosofia, 85 alunos; Psicologia, 85 alunos; Desenho e Artes Aplicadas, 31 alunos; Música e Canto, 23 alunos; Francês, 19 alunos; Inglês, 30 alunos; Português, 72 alunos; Inspeção de ensino, 55 alunos; Curso primário, 162 alunos.

Aulas dadas, 389. Professores que lecionaram: da Capital, 30; do Rio de Janeiro, 18.

Os dez mandamentos dos pais e dos mestres

Tradução de ABGAR RENAULT

1.º MANDAMENTO — “Não digas a uma criança: “Não faça isso”, sem lhe dares outra coisa para fazer”.

RAZÕES — Educar é corrigir. Corrigir é substituir uma forma de reação inconveniente por uma adequada. Dizer apenas “não faça isso” é dar uma ordem negativa. A criança tem prazer na ação. Para desviá-la da que não convém é preciso sugerir-lhe a ação conveniente, a fim de não privá-la do prazer de agir.

2.º MANDAMENTO — “Não digas que uma coisa é MÁ apenas porque te aborrece”.

RAZÕES — A qualificação de uma coisa em boa ou má é importante para a criança na formação de sua capacidade de julgamento. Não deve ser feita com fundamento apenas na tendência afetiva momentânea de quem a faz. Se é MÁ, cumpre dar a razão, de modo compreensível para a criança, e esta razão deve estar na coisa em si e não no desagrado que nos cause.

3.º MANDAMENTO — “Não fales das crianças em sua presença, nem penses que elas não escutam, não observam, nem compreendem”.

RAZÕES — A criança que se sente objeto da atenção dos adultos, quer quando a elogiam, quer quando a censuram, desenvolve uma excessiva estima de si mesma, que a levará a procurar essa atenção de qualquer maneira e a sofrer, quando não a conseguir.

4.º MANDAMENTO — “Não interrompas o que uma criança está fazendo sem avisá-la previamente”.

RAZÕES — A criança tem prazer na ação. Interrompê-la subitamente é causar-lhe violenta emoção de natureza inibitória. Se é necessário interrompê-la, proceda-se de modo que se evite a emoção da surpresa.

5.º MANDAMENTO — “Não manifestes inquietação quando a criança cai, ou não quer comer, etc. Faze o que fôr necessário, sem te agitares nem te alarmares”.

RAZÕES — A inquietação alarmada em torno de qualquer episódio da vida de uma criança serve apenas para ampliar o tom emocional do acontecimento. Cumpre, ao contrário, considerar as coisas

com naturalidade, para que nela se desenvolva a capacidade de dominar as suas próprias emoções.

6.º MANDAMENTO — “Não demonstres amor à criança, acariciando-a constantemente. Faze-o ocupando-te de seus interesses”.

RAZÕES — O carinho físico pode ser agradável para quem o dá, mas pode não corresponder ao interesse real de quem o recebe. O carinho espiritual revelado pela preocupação com os interesses reais da criança é muito mais benéfico.

7.º MANDAMENTO — “Não “leves” uma criança a passeio: “vai passear com ela”.

RAZÕES — A criança, por suas deficiências naturais, é uma dependente. Quanto mais cedo se anular em seu espírito tal sentimento de dependência, tanto mais rapidamente se completará o de que se basta a si mesma. “Levá-la a passeio” é colocá-la na dependência da iniciativa alheia. “Ir com ela passear” é associá-la à iniciativa e à ação, o que lhe dará mais prazer.

8.º MANDAMENTO — “Não faças sermões morais a criança pequena”.

RAZÕES — As expressões de conteúdo moral são incompreensíveis para a criança pequena porque são

abstratas. Os "discursos" ou "sermões", que as contenham, valem sómente como expressão inteligível de um estado de espírito que ela não compreende e a alarma.

9.º MANDAMENTO — "Não faltes às tuas promessas, nem prometas o que não podes fazer".

RAZÕES — No espírito de uma criança prometer é começar a realisar. Se a promessa não se cumprir, haverá uma frustração, como se a criança houvesse sido privada de alguma coisa, o que dá em seu espírito origem à descrença.

10.º MANDAMENTO — "Não mintas a uma criança".

RAZÕES — A mentira poderá ser uma necessidade social. Mas para a criança é uma desilusão da autoridade materna como fonte de conhecimentos e de verdade.

(Do livro *Anos da Infância*, da Dra. Susan Isaacs)

Preceitos para o ensino do idioma português

Moção do Dr. Abgar Renault, aprovada pelo Congresso de Língua Vernácula

No Congresso de Língua Vernácula, realizado no Rio, o Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação e chefe da delegação de Minas Gerais, apresentou a seguinte moção:

"Proponho que este Congresso, no seu esforço em prol da pureza de nossa língua, adote como lema esta afirmação de Rui Barbosa: "Uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" e sugiro aos poderes públicos e a entidades particulares a adoção dos seguintes preceitos para o ensino da língua portuguesa em estabelecimento de grau médio:

1 — Seja a língua portuguesa objeto do mais vivo estudo, não sob o aspecto gramatical apenas, nem para efeitos decorativos, ou de natureza literária, senão como processo de expressão de personalidade.

2 — Para que o ensino da língua nacional efetivamente corresponda à importância dessa disciplina e, por igual, à imperiosa necessidade de elevar o nível de qualidade de sua aprendizagem, dois terços de total das respectivas aulas serão consagradas exclusivamente a exercícios de redação, a exposições ou relatos orais (que terão como finalidade habituar o aluno ao uso adequado da palavra falada), à leitura expressiva, à interpretação, ao comentário e à análise de textos em prosa e em verso.

3 — Os exercícios de redação serão feitos também fora da classe, como trabalhos semanais, correndo no professor

o dever de expôr em aula os êrros cometidos em cada prova, a maneira como foram corrigidos, as regras de gramática infringidas, provocando a colaboração dos alunos nesse trabalho.

4 — Os gêneros dessas composições feitas fora da classe deverão, sem prejuízo da conveniência de sua variedade, ser deixados à livre escolha do aluno, pois é evidente que a mesma espécie de composição não produz os mesmos estímulos em tipos mentais diferentes e não pode, portanto, produzir os mesmos resultados.

5 — O uso do dicionário e de quaisquer livros de consulta, de notas e de fichas será estimulado vivamente.

6 — Deverá constituir obrigação dos estudantes a leitura de livros que serão indicados e cujo número mínimo variará conforme a série. Sobre cada livro lido o professor pedirá pequeno trabalho escrito ou oral sobre as características da linguagem do autor, o "motivo" da obra, seu sentido, etc.

7 — Dos 100 (cem) ou 10 (dez) pontos que podem ser atribuídos ao valor total das provas escritas de português, 60 (sessenta) ou 6 (seis) serão reservados à parte de redação.

8 — Na atribuição de nota às provas escritas das demais disciplinas, as incorreções de linguagem passarão no julgamento geral, de acordo com o conhecimento exigível dos alunos de cada série, na proporção de 1/5 relativamente ao da matéria sobre que versarem as referidas provas.

9 — Nas provas de línguas estrangeiras, inclusive latim, de que conste trabalho de tradução, e nas de literatura, as incorreções pesarão na proporção de 1/3.

10 — Sejam instituídos concursos anuais, sob o patrocínio dos poderes públicos, com o objetivo de estimular o estudo da língua portuguesa entre os alunos do curso primário, do normal, do secundário, do básico e do técnico de comércio.

11 — O prêmio mais valioso será denominado "Prêmio Rui Barbosa".

Esta moção foi aprovada por aclamação.

Minas no Congresso de Língua Vernácula, realizado no Rio

DISCURSO DO DR. ABGAR RENAULT, NA SESSÃO
DE ENCERRAMENTO

Publicamos a seguir o discurso que o Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação de nosso Estado e chefe da delegação de Minas Gerais ao Congresso de Língua Vernácula, reunido no Rio em fins de outubro, pronunciou no encerramento da importante assembléia:

"Há homens sem cujo advento as vidas nacionais haveriam sido diversas e os países espiritual ou fisicamente menores. São os que inspiraram pela força do coração e da inteligência normas ou estilos de vida, impregnaram do sentido nobre da direção a sociedade em que viveram e lançaram as fundações das nacionalidades, criando ou destruindo o acontecimento e ferindo e marcando o chão pedroso do Tempo.

Este, cujo nascimento hoje comemoramos, pertence a mais de uma categoria: é composta expressão de humanidade, na qual confluem tantas linhas espirituais, que a riqueza mítica da sua figura é constelação de virtudes pessoais e públicas, morais e intelectuais, cívicas e culturais, de que jorra uma luz complexa cujo amplo fóco ilumina, atrai, congrega e orienta.

Nêle o superior ao nível humano está em que as categorias éticas lhe estiram coerentemente no mesmo rumo fiel todos os poderes e qualidades, e o seu mundo privado, o seu

mundo social e político e o seu mundo intelectual cabem e se confundem numa área sensível e ardente, de agudos preceitos morais, lavada pela mesma luz e severamente delimitada pelo sentido ascético da impessoalidade, da justiça e da intenção pública.

Aos espantosos recursos do saber e à segurança minuciosa de suas técnicas de trabalho nunca foram indiferentes os objetivos a que deviam servir; jamais se mobilizaram e se puseram em marcha em direções arbitrárias e opostas ou apenas paralelas à justiça e ao interesse geral; ao fio de extensa e intensa vida pública, o seu impeto para qualquer atrito com a realidade saltou sempre, cega e inflexivelmente, à atração do mesmo chamamento irresistível, tendo deixado nas águas difíceis de todos os acontecimentos da sua época esteira firme e indelével, que obedeceu ardentemente aos mesmos paradigmas de natureza moral.

A partir do último quartel do século XIX não se registra nenhum fato nacional de relevo que lhe não encontre a palavra incandescente a apoiá-lo, se lhe parece em consonância com a superioridade dos seus arquétipos morais, a combatê-lo, se dêles ao arrepio.

As medidas e os pesos com que aquilata, ajuiza, delibera e defende — e salva, ou arremete — e fulmina são incorruptíveis, porque fabricados minudenciosamente nas infalíveis oficinas do seu mundo moral para servir ao mundo da sua cultura e à sua ação pública. apenas magia, a técnica mística, a literatura degrada-se

A verdade o possui por inteiro. Sem ela, a ciência é a um adorno de vidrilhos, a ação é espúria, desmanda-se do bem, prostitui-se e perde-se apodrecida nos montões residuais. A sua mesma palavra se esvaíria em fluido vanilóquio, se não estivesse sempre densa e grávida de verdade.

A sua palavra! O seu verbo! Rui é a encarnação do *homo loquens*, que, histórica e psicologicamente, antecedeu o *homo faber* e o *homo oeconomicus* e revelou, ao longo da afilida curva da evolução humana, que o homem é, acima de tudo, o animal que fala, isto é, pensa.

Mas a palavra não cria apenas a categoria humana: estabelece tipos humanos. Rui é a sua palavra, é uma criação do seu verbo demiúrgico. Esse verbo não é apenas instrumento de ação: é a própria ação; verbo cósmico e protóico; fonte, brisa, pétala, perfume, rebenque, azorrague, raio, trovão, tempestade.

Pela riqueza vocabular e sintática, pela originalidade, pela precisão, pela castidade, pela música numerosa, até as palavras desse verbo escritas à pressa na areia fugidiva da circunstância, ficaram e ficarão. Ele contém o poderio de uma força da natureza e transcende o efêmero porque tem por substância uma sábia mistura de beleza e de verdade. Esta a razão da sua glória sempre rubra e da sua viva imortalidade".

A esta brilhante oração, antológica como as produções geniais de Rui Barbosa, seguiu-se a Moção apresentada pelo Dr. Abgar Renault, sugerindo os preceitos para o ensino da Língua Portuguesa, que publicamos em destaque, em outro lugar.

O fruto de uma aula

MÁRIO CASASANTA

(ex-Inspeitor Geral da Instrução Pública, ex-Diretor da Imprensa Oficial, ex-Reitor da Universidade de Minas Gerais, ex-Diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal, professor da Universidade e da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais).

Não querem os mestres de educação que se julgue o ensino com apreciações superficiais, as quais ordinariamente se fazem à luz de critérios subjetivos.

Longe disso.

Uma aula abrange um mestre, uma classe e um certo tipo de atividades, e esses três elementos merecem um detido exame.

Atende, por exemplo, às diferenças individuais?

Uma classe, por mais homogênea que seja, é um grupo de crianças, e cada uma delas tem a sua individualidade própria, as suas preferências e as suas ojerizas, as suas habilidades ou inabilidades, os seus interesses e os seus desintereços.

Será boa, por acaso uma aula que não atenda a essas condições individuais?

Acham os melhores mestres, e, a nosso ver, fundamentamente, que não, mas a preocupação de satisfazer às diferenças individuais pode acarretar o defeito, não menos considerável, de concentrar o professor a sua atenção em poucos alunos.

Dá, por exemplo, o professor oportunidade ao pensamento e à expressão dos alunos, formulando problemas que os levem a refletir e provocando-os a dizer o que pensam?

E' possível que um ou mais alunos tomem conta da aula, fazendo, eles sós, as despesas da reflexão e da expressão, enquanto o resto da classe mantém o classico silêncio de Condado.

Reduz-se, por exemplo, o professor a dar a matéria do compêndio?

Bôa aula será aquela em que os alunos não se contentem com o compêndio, buscando outras fontes de consulta e recorrendo à experiência para completá-lo.

A carência dos livros constitui, via de regra, um obstáculo a êsse processo louvável de trabalho, satisfazendo-se professores e alunos, na melhor das hipóteses, com o compêndio, porque sabidamente nem todos os alunos os possuem e podem adquiri-lo.

Dada, porém, a hipótese de que todos os possuam, há modos e modos de usar o compêndio, havendo professores que o sabem completar de tal sorte que substituem bem uma biblioteca.

Não nos esqueceremos jamais de uma pequena sala de aula do interior de Minas, em que um missionário operava verdadeiro milagre com um lamentável resumo de química. Era um manualzinho de duzentas páginas, quando muito, tipo médio, e em que vinha um mínimo de química orgânica e inorgânica.

Dispondo também de pouco aparelhamento material, as experiências tinham de ser, por força, limitadas. Mas que poder de inteligência! Que vivacidade! O mestre sabia extrair daquelas páginas um rico e vivo conteúdo, esclarecendo-o com demonstrações e experiências ao alcance de todos. O compêndio não passava de um ponto de partida, de uma pequena base e de um motivo para os mais seguros vôos.

E' que, se os alunos se circunscreviam ao compêndio, o mestre não se satisfazia com um só livro, preenchendo-lhe, com perfeição, as lacunas, explicando-o, iluminando-o, desenvolvendo-o, discutindo-o.

O que, porém, dá a exata medida de uma aula é o fruto que dela realmente colherem os alunos, e não apenas quanto à informação, mas principalmente quanto à formação. Aprenderam alguma coisa? E' um bom resultado. Desenvolveram-se em algum bom sentido? E' o resultado por excelência. Por isso, disse bem um discreto ao asseverar que boa aula é a que permite aos alunos trabalhar mais inteligentemente na próxima aula...

Lições do recreio

AIMORÉ DUTRA

O recreio é um mundo. E o mais interessante desse mundo tumultuoso e comum é que quase sempre é um país desconhecido.

Geralmente, cuida-se do recreio por escalas e plantões. As professoras encarregadas da vigilância desse mundo efêmero e barulhento acompanham, displicentemente, os seus movimentos com a atenção dispersa em outros problemas distantes ou então retida na preocupação formal de policiá-lo.

Entretanto, o recreio não pede apenas tal atitude — é um campo variado de observações e pede estudo demorado e consciencioso. É uma sociedade que se agita, embrionária embora, mas trazendo os delineamentos mais ou menos positivos do futuro. Ali, podem ser avaliadas tôdas as reações das diversas personalidades sob a ação da escola e, conseqüentemente, o que a escola está conseguindo como força educadora.

Sim, como força educadora — porque o recreio, livrando o aluno das peias artificiais da classe, precipita todos os resíduos nocivos da sua personalidade real e desata os recalques da alma em explosões sinceras que denunciam logo os lados incoercíveis da índole do educando.

Outras vezes, revela dramas pungentes — as tragédias ignoradas e mais ou menos freqüentes das misérias pudicas,

nas quais os personagens são crianças infelizes que se refugiam numa discreta melancolia, abatidas e tristonhas nos cantos do pátio, revendo, intimamente, as cenas esmagadoras de um lar em ruínas...

É um engano supor que a infância é uma quadra feliz, de indiferenças e alegrias sadias.

Muitas vezes, nos olhos daquela menina que pula corda ou dança a ciranda, não cintila a chama viva que denuncia um prazer interior legítimo e firme.

Ela brinca automaticamente, — brinca pela imposição orgânica do instinto que pede agitação para o sazonalamento da natureza.

Mas, se perquirirmos com interesse de educador as profundezas misteriosas daquêlê olhar, ou as modulações dolentes daquela voz, encontraremos, às vezes, o fio desconhecido de uma tortura íntima que se esconde nos refolhos daquela alma doente que o borborinho dos jogos acalenta por alguns instantes, mas que somente uma sincera dedicação poderia curar.

Não é preciso imaginação para tirar do recreio as coisas mais comoventes, mais revoltantes ou mais cômicas.

Se Balzac fôsse professor primário e andasse pelos pátios das escolas a observar crianças em recreio, poderia ter traçado obra mais poderosa e mais comovente que o seu imortal romance *A comédia humana*.

Eis um retalho dessa verdade:

— Num dos grupos escolares do Triângulo, certa professora veio relatar-me o comportamento de um aluno que, no recreio, furtava a merenda dos colegas para vendê-la e comprar cigarros com o dinheiro apurado.

— Que fez a sra. ao aluno?

— Verifiquei a procedência da denúncia e puz o menino de castigo, suspenso do recreio por 15 dias e sem direito à merenda.

Procurei conhecer o aluno. Era um pirralho de 9 a 10 anos, enfezadinho — cruzamento de caboclo com branco e de uma côr embaçada, característica das compleições verminadas.

— Menino, você fuma ?

— Não senhor... já experimentei, mas meu estômago não pode nem com cheiro de fumaça de cigarro.

Fitei-lhe os olhos. Não denunciavam cinismo nem tão pouco o receio covarde dos mentirosos.

Pedi-lhe, então, que explicasse o caso em que se envolvia.

Com ingênuia ênfase contou-me que, de fato, por duas vezes, furtara a merenda a dois colegas filhos de um sírio. Os meninos traziam sempre merenda farta que não comiam e que, na volta para casa, distribuíam com os peixes de um córrego, no caminho por onde passavam. Ele pedira a merenda para levá-la a um cãozinho que estava doente, com uma pata quebrada e os meninos lhe deram um banho, no córrego.

Quanto aos cigarros, de fato, êle levava à escola um maço, mas não lhe pertenciam. Eram para o pai que o encomendara para comprá-los no arraial e levá-los. Como era um menino pobre, e os filhos do sírio eram ricos — argumentou — a professora acreditou na intriga. De mais, êle de fato não era boa bisca. Brincava na aula, não gostava da professora da classe, tinha antipatia por diversos colegas e era especialista em quebrar vidraças com estilingue. O que me impressionou seriamente nesse pequeno incidente, aparentemente tão banal, mas na realidade muito sério, foi a revolta do pequeno contra a injustiça sofrida.

— Eu não sentiria, — disse-me em lágrimas — se a professora me castigasse por qualquer outra das artes que realmente faço. Mas ela castigou-me por uma coisa que eu fiz porque devia fazer. Eu não tinha cachorrinho doente coisa nenhuma... irmãozinho pequeno, de três anos, é que estava doente, pedindo biscoito e mamãe sem saber como comprá-los porque não tinha dinheiro.

— Por que, então, você não pediu a merenda para seu irmãozinho em vez de arranjar a desculpa do cachorrinho ?

— Porque... porque fiquei com vergonha de falar nas faltas lá de casa...

— Mas, meu filho — observei — você está mentindo. Como é que sua mãe está sem dinheiro para comprar biscoito para seu irmãozinho e seu pai tem dinheiro para comprar um maço de cigarros de 3 cruzeiros ?

Ele não se atrapalhou:

— Papai também não fuma. Trabalha na fazenda do Seu Juca e um dos companheiros de serviço pediu a êle o favor de levar os cigarros, quando fôsse para o trabalho. Deu-lhe 5 cruzeiros. Ele me deu o dinheiro e eu levei os cigarros e o trôco.

Indaguei miudamente do caso. Era verdade tudo o que o menino dizia.

Fiquei firmemente convencido disto: jamais aquêle pirralho se esquecerá dêsse episódio. E aquela professora de plantão o acompanhará por tôda a vida como uma sombra aziaga a torturar-lhe a memória, quando esta evocar a ingênuia fase da infância... porque o que mais dói na alma do adulto são as injustiças sofridas pela criança.

História muda

NAIR STARLING

Parece haver magia na palavra história, pois, qualquer tipo apresentado pela professora, cai depressa no agrado da criança. Assim sendo, é de toda conveniência que o educador explore, o mais possível, esse poderoso instrumento de interesse.

A história muda oferece as mais variadas oportunidades para o desenvolvimento da atenção e da lógica; enriquece o vocabulário e faz crescer a imaginação.

Quando a criança vai ficando treinada no exercício, começa, espontaneamente, a idealizar historietas mudas, ou ainda, o que é de maior proveito, a adaptar assuntos das lições recebidas, como Higiene, Ciências, História, etc., em quadrinhos desenhados, sem legendas, apenas com seqüência de fatos.

O trabalho de imaginar, de dar seqüência lógica ao estímulo, de colorir ou adaptar historietas põe à prova as tendências, a vocação e demais habilidades do aluno. Realça, modo preciso, sua personalidade e grau de experiência, oferecendo à professora recursos admiráveis na satisfação das diferenças individuais.

Na apresentação do interessante exercício, podemos e devemos variar os processos, fazer combinações diferentes, vestir a mesma aula com modelos novos, para tirar da atividade todo proveito que ela puder oferecer.

A guisa de exemplo, aqui estão alguns recursos que temos empregado com grande êxito:

1 — Apresentar a história (mimeografada). Nenhum comentário, nenhum auxílio. O aluno deverá colorir e escrever as legendas.

2 — Distribuição da história (mimeografada). Nenhum comentário. Recolher o material. Apresentar depois questionário para ser respondido por escrito.

3 — Contar uma história. Dias depois, apresentá-la em forma de história muda.

4 — História muda com quadros em desordem (recortados). Os alunos deverão procurar a seqüência.

5 — Contar uma história fácil, contendo poucos incidentes. Os alunos deverão reproduzi-la em quadrinhos. (Desenhos ligeiros).

6 — Apresentar uma história. Comentá-la pedindo ao aluno um título para a mesma.

7 — Apresentar parte da história para o aluno imaginar o desfêcho.

8 — Apresentar a história com legenda trocada para ser corrigida pelo aluno.

E assim, através do desenho, linguagem singela mas eloqüente, a professora poderá, variando sempre as aulas, ensinar grande parte do programa, mantendo viva a chama do interesse tão recomendado pelos mestres da pedagogia.

Vacina

Prof. H. MARQUES LISBOA

— Venha cá, menino, você já foi vacinado ?

— Já sim !

— Quero ver a marca de sua vacina. Muito bem ! Como você foi vacinado ? Lembra-se disso ?

— Sim. A enfermeira, com uma pena, riscou o meu braço.

— O que ela usou na pena ?

— Depois de a ter desinfetado, usou um tubinho de vidro que tinha dentro uma agulhinha turva.

— Meninos, vejam o que vou escrever no quadro: VACINA. Vamos apagar duas letras no meio e temos VACA. . . A. Leiam o que está escrito. VACA. Mas o que tem a vaca que ver com a vacina ? É uma história interessante:

Vivia na Inglaterra um fazendeiro chamado Jesty. Isso foi há muito tempo e, naquela época, as mulheres é que tiravam o leite das vacas, enquanto que os homens trabalhavam no campo.

Um dia, Jesty notou que uma das mulheres não trabalhava.

— Como é isso, Daise ? Porque não trabalha ?

— Sr. Jesty, tenho o polegar ferido. O úbere da vaca está com umas postêmas que passaram para o meu dêdo.

— Está bem, vou ver isso.

O sr. Jesty observou, então, outras mulheres com as mãos feridas. As vacas de têtas com postêmas passavam a

doença, chamada *cow-pox*, para as tiradoras de leite. Vaca em inglês chama-se *cow*. O moço que cuida das vacas tem o nome de *cow-boy*. Por isso, essas postemas no úbere da vaca chamavam-se e chamam-se ainda *cow-pox*. As mulheres, tiradoras de leite, saravam e continuavam o seu trabalho costumeiro.

Houve uma epidemia de varíola e muita gente morreu ou ficou marcada pela doença. Aquelas mulheres que tiveram as feridas das vacas não sofreram varíola. Isso deu que pensar a Jesty que teve a idéia de retirar o pus das feridas das vacas e injetá-lo na sua família. Esse gesto seu provocou caçoadas e censuras de parte de amigos e conhecidos. O fato é que a sua família não sofreu varíola.

Um médico inglês — Jênner — teve informações populares da história de Jesty e resolveu verificar o valor de tais informações. Uma idéia surgiu: levar a vaca doente para a casa das pessoas que quisessem ser vacinadas. Frequentemente era vista uma vaca com *cow-pox* nas salas de visitas, em cima de tapetes, como podemos ver numa interessante ilustração da revista *Life*, de maio de 1947, pág. 16. As pessoas que desejavam ser vacinadas, ficavam ao redor da vaca à espera de sua vez.

Esse processo não era prático e Jênner resolveu tirar a vacina de alguém recentemente vacinado e passá-la para o braço de quem desejasse ser vacinado. Esse processo chamava-se "vacina de braço a braço". Mas êsse processo tinha ainda inconvenientes: um dêles é que com a vacina passavam também outras doenças de que sofria a pessoa fornecedora da vacina. Veio, então, a Jênner, uma nova idéia: planejou substituir os úberes da vaca e os braços das pessoas com vacina pela pele da barriga dos bezêrros. Para isso, Jênner deitava e amarrava o bezêrro numa mesa e, com uma faquinha bem afiada, o bisturi, fazia vários lanhos paralelos e esfregava um pouco do pus de uma postema afi nesses lanhos. No fim de uma semana, o bezêrro tinha a pele da barriga com estrias paralelas apostemadas. O bezêrro era

novamente deitado, sofria raspagem dessas postemas. O pus retirado era triturado com glicerina e metido num tubo de vidro. Foi com um tubinho d'esses, menino, que a enfermeira fez a vacinação no seu braço.

Como toda idéia nova, a vacina, a princípio, não foi levada a sério. Muitos se revoltavam e não queriam saber de histórias com a vacina. As vezes, eram levados à força.

Hoje, felizmente, é tão natural ser-se vacinado que já não causa barulho. Há um ditado que mostra a popularidade e a eficiência da vacina: "TEM VARIOLA, QUEM QUER".

Os jogos dirigidos na educação integral

RUTH GOUVÊA

GRAU DE COMPLEXIDADE DOS JOGOS E A NATUREZA DO EDUCANDO

Muitas classificações têm sido apresentadas para os jogos, variando o critério sobre o qual repousa a sistematização: idade, material usado, organização, natureza do exercício, etc. Todas essas mostram como são importantes os diferentes aspectos do jogo: a atividade principal indica que massas musculares ou aparelho sensorial vai ser mais estimulado pelo exercício; a organização, isto é, a roda, uma criança ou duas destacadas, a dispersão, a formação em fileira, o partido, o time exigem diferente desenvolvimento mental e social; material usado também, pois que material é em si uma fonte de motivação do exercício.

Existem vantagens em todas as classificações e por isso mesmo revelam quanto é necessário o professor conhecer os jogos sob seus diferentes aspectos; baseados nos conhecimentos discutidos na primeira parte de nossa palestra, o professor deverá fazer análise dos jogos que ensinará às crianças como também daqueles que aprender com elas.

Cada classificação apresenta suas vantagens e seus defeitos, e o ideal seria se pudessemos fugir a elas. O número de jogos porém é grande, a escolha às vezes difícil e nem sempre as regras estão perfeitamente claras em nossa memória. O livro de jogos organizado pelas crianças ou publicado para uso de professores tem de adotar um critério para apresentação. Assim, nosso livro *Jogos Infantis*, publi-

cado pela Prefeitura do Distrito Federal, apresenta os seus jogos catalogados em dois grandes títulos, *Jogos de Campo* e *Jogos de salão*, e os subtítulos focalizando a ação predominante que os jogos exigem.

Lembro-me das discussões acaloradas que tivemos nas primeiras reuniões de serviço ao iniciarmos a análise dos jogos que iríamos ensinar nas escolas quando se instalava a Superintendência de Educação Física, Recreação e Jogos em 1932.

Fazer a grande divisão em três grupos, jogos motores, jogos sensoriais e jogos intelectuais, era classificação que decididamente rejeitávamos, uma vez que podíamos verificar em cada um deles elementos conjuntos dos três aspectos: onde haverá maior trabalho mental, em *Nunca três* ou em *Que é que está mudado?* O primeiro é evidentemente jogo ativo de correr, mas por todos os jogadores é mais intenso que no segundo, jogo calmo onde a observação e a memória são primordialmente exercitadas.

Não queríamos, àquela época, contribuir nem de leve para o conceito errado que muitas vezes se faz das aulas de educação física.

Finalmente nos decidimos pelo que publicamos, uma vez que atingíamos a finalidade em vista — ajudar aos professores na organização de seus planos de aula de educação física e recreação.

Aconselhável para utilização dos livros publicados sobre jogos é examinar primeiro o critério adotado pelo autor a fim de que a procura dos mesmos se faça sem perda de tempo.

Apresentar uma classificação por idade, não me parece prudente por dois motivos:

1.º) a experiência anterior do grupo de crianças que jogam tem marcada importância na sua forma de brincar e capacidade de agir perante os companheiros; 2.º) entre os nossos jogos mais conhecidos, alguns há que interessando crianças da primeira série primária, vão interessar também alunos da escola secundária; *atravessando regato*, *professor*, *evitar a bola* e outros.

E' inegável entretanto que varia a complexidade dos jogos segundo a maturidade da criança e podemos tomar em consideração os diversos estágios evolutivos do ser em desenvolvimento e fazer a interpretação dos interesses lúcidos.

Em nossas aulas de metodologia para professorandos no Curso Normal como também nos cursos realizados para professores já diplomados, sempre tivemos o cuidado de fazer sentir que as classificações servem para pesquisa do material e é bom conhecê-las. Nosso trabalho essencial, porém, sempre foi orientá-los na aplicação dos jogos, levando em conta o grau de complexidade destes e desenvolvimento das crianças do grupo.

Ora, tratando-se de discutir o assunto perante a Associação Brasileira de Professores de Educação Física, é fácil dizer que essa orientação inclui uma grande parte essencialmente prática: nem a simples leitura da descrição de um jogo nos dá a compreensão profunda do meio; nem o estudo das necessidades do educando, se pode realizar independente da observação direta das crianças e adolescentes; nem a explanação teórica do professor se faz sem a ligação íntima com as aulas práticas. O nosso laboratório (ginásio ou campo de recreio) é indispensável.

Ousaremos, embora de forma sucinta, analisar como em função da natureza e necessidade do educando devemos fazer os planos de orientação das atividades.

JOGOS PRÉ-ESCOLARES

E' mais ou menos aos quatro anos que se inicia o brinqueado coletivo, podendo nossas considerações partirem do estudo da idade pré-escolar, quatro aos seis anos. Fase de crescimento mais ou menos rápida, estão em franco aperfeiçoamento as coordenações dos grandes movimentos ao mesmo tempo em que os aparelhos sensoriais e coordenações manuais são exercitados a cada passo. Todo conhecimento do meio se faz pelo contacto direto, e a locomoção e manejo de objetos preenchem as horas em que o petiz

está acordado; a mudança de atividade constante lhe dá o repouso necessário. Entrando no grupo para brincar, mas sendo altamente individualista, só permanece no brinquedo enquanto este o absorve completamente; a imitação e o espírito de dramatizar o que vê e o que imagina dão a esta fase um aspecto todo especial. Os brinquedos cantados, as dramatizações de historietas, os trabalhos manuais, sem fim utilitário, mas de ocupação agradável, constituem em grande parte a atividade no jardim de infância. Os brinquedos livres com material simples para que a criança possa andar, correr, saltar, trepar, sem organização definida, satisfazem o crescimento físico. Os jogos dirigidos devem ter organização simples de roda, sem penalidade, ou se houver, muito branda, como a perda momentânea de um lugar; os jogos de dispersão se não tiverem um acabamento que reuna as crianças novamente ou se o orientador não os fizer seguir de outro jogo que as aproxime, afastará as crianças por estímulos externos: "seu lóbo está em casa", "frade", "torre", "professor", "trem" e outros.

INICIANDO A VIDA ESCOLAR (6 A 8 ANOS)

À proporção que a experiência no grupo se processa, as crianças vão desejando mais organização e os jogos constituem parte importante de sua atividade. Na fase escolar, considerado o período da escola primária, isto é, os anos que precedem a puberdade, entre os seis e doze anos mais ou menos, os jogos de fugir e perseguir, de esconder, a grande variedade dos jogos de bola, constituem o maior atrativo. A variedade de jogos que agradam é muito grande, mas, a dificuldade de técnica, as regras mais ou menos complicadas, e o grau de cooperação necessária para a boa execução são levados em conta segundo o desenvolvimento das crianças.

Entre os seis e oito anos já havendo certo domínio sobre os grandes movimentos, estão em franco progresso as ordenações sensorio-motoras mais delicadas, havendo grande

interesse por jogos que exercitem os sentidos e exijam certa habilidade: "Jacó e Raquel", "Alvo", "Bom dia", "Chamada da roda", "Torre", "Professor". Não sendo ainda bem desenvolvida as noções de espaço, tempo e número, as regras devem ser muito simples, introduzindo penalidades leves marcadas imediatamente às falhas executadas; os jogos de eliminação, por exemplo, devem ser em pequeno número. Embora menos individualistas que na fase pré-escolar, começam apenas a compreender direitos alheios, desejando companheiros para seus brinquedos; querem medir força e se opõem aos outros chamando a atenção sobre si. Os jogos que promovem espírito de união, mas em que a criança tem alternadamente o papel principal e o secundário agradam e vão canalizando o instinto de dominar que a caracteriza. O elemento competição existe, mas sem a intensidade dos jogos de partido: uma criança contra outra, como em "gato e rato", "leço atrás", "corrida contrária", "Jacó e Raquel"; uma contra muitas: "Raposa e frangos", "machadinha", etc. Os brinquedos cantados e a imitação nas dramatizações constituem uma parte das atividades livres nesta idade e devem ser incluídos entre os jogos dirigidos.

FASE ESCOLAR — 8 AOS 9 ANOS

Pelo aperfeiçoamento das coordenações mais delicadas vai a criança tendo o domínio de mecanismos orgânicos mais complicados, conseguindo realizar o aprendizado da leitura, da escrita e revelando sempre o desejo de adquirir habilidades várias. Havendo na marcha de desenvolvimento físico um certo declínio, apresentando a criança maior capacidade de atenção, concepção mais ajustada de tempo e espaço, e grande curiosidade pelas coisas que a rodeiam, seus jogos revelam regras mais difíceis, habilidades mais complicadas e uma combinação de técnicas diferentes em um mesmo jogo. O orientador deve incentivar o espírito inventivo em vez de insistir na perfeição, pois que a criança tem um fim em vista na atividade, mas é de fácil desânimo em face dos insucessos. E' entre os oito e dez anos que uma variedade

enorme de jogos de bola com diferentes técnicas combinadas a exercícios de correr, saltar e flexões diversas são executados com grande satisfação pessoal e alegria de todo o grupo; "evitar a bola", (alvo móvel); "porteiro" (defesa e chute com o pé direito e esquerdo); "defender a cadeira", "professor" (com arremesso dos mais variados, acompanhados de movimentos determinados dos membros inferiores e do corpo); "parem", e muitos outros. Gosta de aventuras, de lutar, de trepar, de fugir e perseguir, não sendo criminosa sua tendência à depredação, porém, vaidade do pequeno herói. Há maior sociabilidade, já se observando a capacidade de se organizarem em jogos com exigências de regras quando sem direção de adultos. Desejam pertencer a um grupo, mas revelam dificuldade em ajustar-se aos outros no grupo.

O jogo de competição individual, um contra um ou contra muitos, são ainda os mais numerosos, uma vez que promovem o espírito de união e oferecem à criança oportunidade de observar as conseqüências imediatas de seus atos. A organização simples de partidos aparece: são jogos em que as crianças agem separadamente, porém, o resultado é para o grupo ao qual pertence. Têm em parte imediata satisfação de sua contribuição ou verificam o insucesso de sua atividade, mas durante o jogo e no final dele sentem a responsabilidade para com o partido e querem vencer o adversário. O estímulo para agir é intenso e mais severa sua auto-crítica e a crítica dos companheiros que analisam o jogador como elemento de sua equipe: jogos de estafeta, variadíssimos pelas inúmeras habilidades que encantam nessa fase, e em cuja organização há uma espécie de teste das próprias possibilidades; "apanhar o lenço", onde a esperteza e a agilidade satisfazem o espírito de aventura, e o desafio julgado pelos companheiros termina com marcação de pontos para o partido; "tiro ao alvo" e muitos outros.

FASE DE TRANSIÇÃO

Dos dois anos antecedentes à puberdade, que em média ocorrem dos treze para quatorze nas meninas e quinze para

dezesseis nos meninos, muitas transformações orgânicas se processam, alterando profundamente o físico e determinando modificações sensíveis na conduta das crianças. Os interesses de meninas e meninos se revelam mais diferenciados do que no brinquedo anterior, mas não nos perderemos agora nas grandes discussões que essas pesquisas têm provocado. Lembramos entretanto, as diferenças de resistência e os jogos mais violentos desejados pelos meninos. Os jogos organizados se realizam em grupos separados, porém, as ocasiões de atividade em conjunto constituem também interesse dos adolescentes. O cuidado relativo à quantidade de exercício realizado deve ser grande, pois se em geral, os meninos se atiram a atividades excessivas que podem ser prejudiciais, as meninas muitas vezes mostram uma preguiça para executar os exercícios físicos. A observação cuidadosa do grupo nos dá sempre os meios de orientar os jogos segundo as necessidades reveladas. Intelectualmente mais desenvolvida, a criança quer jogos que exijam esforço mental. A memória organizada que implica participação da personalidade está no auge de seu desenvolvimento, idade ouro da memória. Procuram aperfeiçoar a técnica na execução de suas habilidades. Atravessam uma fase em que as emoções e impulsos volitivos são fortes, mas são de auto-domínio fraco. Os jogos têm em geral regras mais complicadas, que exigem esforço de vontade para obediência, e muitas vezes são violadas as regras e cometidas as faltas em virtude do auto-domínio fraco: "corra seu urso", "evitar a bola", "minha tia voltou de Paris", "mamífero, ave ou peixe", e jogos como "end-ball", "bola americana", "barra manteiga". O desejo de pertencer a um grupo, o sentimento de justiça e de honra que se evidenciam, o desprezo pela covardia com ideais corporificados nas ações dos heróis favoritos, revelam o grau mais elevado de integração social e são a causa do grande prazer pelos jogos de partido, onde as crianças agem conjuntamente: cada uma regula sua atividade para maior êxito do time, não sendo muitas vezes a ação correspondente ao desejo individualista de sua personalidade. O espírito de

sacrifício pela causa do partido começa a aparecer com preponderância no domínio de cada um sobre si mesmo. Há "in ter play", isto é, as reações de cada jogador estão além de condicionadas pelas regras e penalidades que lhe serão impostas, suscitadas ou inibidas pelas reações dos companheiros ou adversários durante a peleja: "End-ball", "bola americana", "variação de futebol" e uma grande variedade de outros jogos, empolgam os meninos e meninas neste período de desenvolvimento em que cursam os últimos anos da escola elementar ou os primeiros da secundária. Como o desejo de imitar os mais velhos e aperfeiçoar-se além de si mesmo caracteriza o ser em crescimento, muitas vezes parecem empenhados na realização de jogos de time de organização mais avançada como "conquista de bandeiras", "voleibol", "basquetebol" e outros. Tive ocasião de observar nos ginásios das "high-schools" e nos "play-grounds" norte-americanos sessões magníficas de jogos cujas técnicas são realmente introdutoras das exigidas nos grandes jogos dos torneios internacionais, desenvolvendo os jovens sadamente, seu espírito de "sport-manship". A preocupação do professor não deve ser a preparação de time, mas a de organização de um programa intenso de jogos.

Literatura para Crianças

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

"On ne connaît point l'enfance : sur les fausses idées qu'on en a, plus on va, plus on s'égare. Les plus sages s'attachent à ce qu'il importe aux hommes de savoir, sans considérer ce que les enfants sont en état d'apprendre. Ils cherchent toujours l'homme dans l'enfant, sans penser à ce qu'il est avant que d'être homme."

Iniciando êsse pequeno ensaio com algumas palavras de Rousseau, no prefácio de *Emile*, insensivelmente presto uma homenagem ao filósofo de Genebra, que, com aquela extraordinária clarividência que lhe era peculiar, chamou a atenção do mundo para a criança.

Sua mensagem repercutiu profundamente no espírito de outro grande suíço — Jean Henri Pestalozzi — despertando nêle a vocação para o estudo da formação da infância, vocação que se revelou com a leitura de *Emile* e que se traduziu numa obra grandiosa e bela, baseada nas teorias de Jean Jacques Rousseau.

Sômente agora, entretanto, em pleno século vinte, a prática daquelas idéias está sendo levada a efeito. E a pobre criança, que tem vivido rodeada de erros e incompreensões, começa a ter a importância que merece. Importância tanto maior quanto êsse assunto está diretamente ligado aos grandes problemas que os homens vêm procurando resolver inutilmente através dos anos.

Pouco adianta que os "grandes" se reúnam em conferências a fim de descobrir uma fórmula que afaste as guerras e que garanta a paz.

O mundo continua errado, e a gente chega à conclusão de que é quase impossível modificar uma mentalidade adulta, endurecida e mal dirigida desde a infância. Voltando a Rousseau, ei-lo que diz, também em *Emile*: "un enfant supporterait des changements que ne supporterait pas un homme: les fibres du premier, molles et flexibles, prennent sans effort le pli qu'on leur donne; celles de l'homme, plus endurcies, ne changent plus qu'avec violence le pli qu'elles ont reçu." E as esperanças se voltam todas para a geração futura.

Sim, porque é somente através das crianças que se poderá chegar ao tão desejado mundo melhor. Com o progresso da medicina e da psiquiatria, vai se evidenciando cada vez mais a influência capital do período da infância na formação física e espiritual do adulto.

O homem é oitenta por cento o resultado da sua vida de menino: o alimento que ingeriu; o ambiente em que se formou; as influências que sofreu; o herói do livro que o impressionou, etc. Basta meditar nisso para nos convencermos da seriedade e atenção com que deve ser encarado esse problema aparentemente tão simples e realmente tão complexo. Entretanto pouca, pouquíssima importância temos dado a esse assunto.

Os pais (as mães sobretudo), conscientes de sua responsabilidade, deveriam preocupar-se seriamente com a educação dos filhos, procurando esclarecer-se o mais possível. Nas classes abastadas, há geralmente grande boa vontade e ótimas intenções... mas péssima orientação. Quase sempre as mães estudam mais o modo de vestir dos filhos do que o sistema acertado de educá-los. Em vez de alimentá-los racionalmente, enchem-nos de balas e gulodices; em lugar de fortalecê-los para enfrentarem corajosamente a vida, enfraquecem-nos satisfazendo-lhes todos os caprichos, certos de

que é esse o verdadeiro modo de amá-los. E os erros vão se transmitindo de pais a filhos. Quanto à gente pobre então, a situação é muito mais grave.

O que vemos por aí é realmente confrangedor. Crianças de ambos os sexos soltas pelas ruas, maltrapilhas, viciadas e doentes, no mais completo abandono e promiscuidade. Não é preciso ser profeta para saber que essa degradação física e moral produz não apenas seres infelizes, mas também malfeteiros de toda espécie. E não podemos culpá-los. Culpemo-nos antes a nós mesmos que, mergulhados em nosso "bem-bom", muito pouco fazemos para remediar o destino trágico dessas criaturas lançadas ao mundo do mesmo modo que nós, com os mesmos direitos, portanto. Culpemos principalmente à Sociedade e aos governantes, cuja atenção desviada para outros assuntos, apenas se detém passageira e superficialmente sobre essa questão capital.

Como seria melhor um mundo onde os homens fôssem "moldados" na infância por uma orientação sábia e sadia! Onde todos houvessem sido convenientemente alimentados, instruídos, educados! Dirão que isso é uma ingênua utopia. Sim, é uma utopia realmente. E continuará sendo isso mesmo, enquanto fugirmos de enfrentar o problema, enquanto desviarmos criminosamente os olhos como quem evita um espetáculo desagradável.

No Brasil pouco se tem realizado em favor da infância abandonada, principalmente meninas. As raras instituições de proteção às crianças desamparadas do sexo feminino são na maioria, de iniciativa particular.

Fiquei conhecendo uma, um asilo dirigido por freiras, que abriga cerca de cinquenta meninas entre 8 a 12 anos, tiradas das ruas. E em que horrível estado foram recolhidas! Sujas, pervertidas, desnutridas, cheias das piores doenças, dizendo palavras. Basta dizer que quase todas já não eram mais virgens!... Que podem esperar da vida, que ilusões podem ter essas infelizes crianças?!...

Vi num desses abrigos para meninos um garoto de 13 anos, que viveu na rua, dos 6 aos 12 anos, completamente

abandonado. Lembro-me de que era louro, tinha rosto sar-dento e dentes cariados. E como era trágico o seu olhar! De dia esmolava, furtava, e à noite dormia debaixo do via-duto. Fica-se, imaginando que o pobrezinho deve ter tido coqueluche, sarampo e outras doenças da infância tudo isso inteiramente só! Aos 12 anos foi recolhido, tendo o médico verificado que sofria de reumatismo gravíssimo, causado pelo frio das noites dormidas ao relento. Disseram-me que o garoto não sorria nunca. Esse menino sem infância e de uma gravidade precoce, morreu há dias, apesar dos cuida-dos de que estava rodeado. Entretanto, trata-se de apenas um caso entre milhares.

Esses estabelecimentos de proteção à infância, embora não resolvam absolutamente o problema, (que tem raízes muito profundas), não deveriam ser entregues a indivíduos leigos, como geralmente acontece, mas sim a pessoas bem orientadas, com amor pelo ofício, boa dose de idealismo e... capacidade técnica. Se é verdade que os asilos e abrigos não representam uma solução definitiva, é preciso reconhecer que suavizam um pouco uma realidade bastante penosa.

Mas, sem querer, estou fugindo de meu assunto, que é literatura para crianças. Que o possível leitor perdoe divagações tão amargas e infelizmente tão verdadeiras.

A literatura infantil é uma das armas mais poderosas com que se pode contar para educar (e... deseducar...) uma criança. Arma de dois gumes, mais eficiente ainda por-que atua subconscientemente, sem que o menino perceba. A criança reage automaticamente sempre que lhe queremos impor qualquer coisa.

Lembro-me da ironia disfarçada com que assistíamos no colégio às aulas de polidez e bom comportamento. — "Une petite fille bien élevée fait comme ça", dizia a freira. E a gente ficava com uma vontade doída de fazer justamente o contrário do que ela recomendava...

A literatura infantil deve ser educacional, instrutiva ou recreativa?

O ideal seria concentrar nela as três coisas juntas. A criança deve ser instruída e educada sem o perceber, convencida de que está se divertindo apenas. Quando isso se tornasse um tanto difícil, bastaria que o livro infantil apenas fôsse sadiamente recreativo... Não se iludam os edu-cadores, julgando que uma obra, somente por ser chama-da de "literatura educativa", venha a alcançar a sua finali-dade. (Não me refiro ao livro didático, é claro). Isso só será conseguido se o autor, servindo-se de habilidade inata ou adquirida, souber veicular aquela intenção através de um enredo interessante e bem contado, fazendo a moralidade decorrer mais da "atmosfera" da história do que dos concei-tos nela emitidos. Do contrário, tudo "entrará por um ouvido e sairá pelo outro." E o comentário único do me-nino será este: — Mas que história "pau"!

A influência do livro na formação moral, social e ar-tística das novas gerações, é importantíssima, até mesmo decisiva, às vezes. Mas a influência boa ou má só se fará se o menino se *empolgar* realmente pelo herói, seja ele bom ou mau.

A criança, sem sentir, molda as suas atitudes pelas das personagens que ama e admira: o pai, a mãe, o herói do livro muito interessante que o tenha impressionado, etc. São, portanto, profundamente nocivas as histórias nas quais, por exemplo, o crime e o vício são apresentados de forma atraente. Por outro lado, o autor deve ter o cuidado de evitar que o seu herói "bonzinho" seja uma figura desinte-ressante ou cacete, intransigente e perfeita demais. A cri-ança inteligente desconfia logo que aquilo é uma trapaça, e o efeito é desastroso. A moralidade no livro infantil deve ser diluída, discreta, e decorrer mais do desenrolar natural das coisas do que de conceitos dogmáticos.

É um erro fazer literatura de "grande para pequeno" com linguagem deformada e puerilidade forçada. O me-nino percebe que aquilo é uma atitude falsa e que o estão ludibriando. A criança, ávida de conhecimento, quer com-partilhar do mundo do adulto. E é no "modo" de mostrar a ela esse mundo que está o segredo da literatura infantil.

Aliás, muitas autoridades no assunto têm observado a atração que exerce na criança a literatura para adultos, onde alguma coisa sobre aquêle misterioso e imenso mundo, apenas vislumbrado, possa ser descoberta.

Nas *Confissões de Minas*, Carlos Drummond de Andrade tem esta palavra: — “Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vasado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo?” Confirma esse ponto de vista a popularidade cada vez maior, entre meninos e jovens, de autores que não se dedicaram a escrever especialmente para eles. Refiro-me a Rudyard Kipling, Swift, Júlio Verne, Mark Twain e outros.

Cecília Meireles, que possui um profundo conhecimento da alma infantil, observa que “livros destinados a um público de adultos conseguem captar a curiosidade e, em breve, o amor de leitores inesperados, habitantes dêsse vasto mundo pequenino que certas pièguices e carinhos convencionais desencantaram de obras infantis e que procuram para além das suas fronteiras, em horizontes com outros ares e outra luz, a explicação que desejam para a vida, sob essa ainda tumultuosa forma de batalhas e reis, cavalos e demônios, elefantes e anjos, que, segundo Kipling — e todos nós o sabemos — atraí não apenas a criança, imagem que sonha a humanidade, mas o homem, essa imagem que às vèzes preserva longamente a meninice.”

A criança deve ser preparada leal e corajosamente para enfrentar a vida. É mais que tempo de acabarmos com a criminoso história da cegonha, cujo único efeito é incutir malícia nos pequenos e dar-lhes, ao terem conhecimento da verdade, uma sensação de que foram enganados, ludibridos. E isso justamente pelas criaturas que mais amavam e em quem mais confiavam: os pais. Um assunto que deveria ser rodeado de seriedade, respeito e poesia — a maternidade — passa então a ser para elas algo de feio e pecaminoso. Em vez de mentir, porque não chamar a atenção

do menino para a beleza e maravilha do pequeno ser em formação? (Está claro que o assunto só deve ser ventilado quando a curiosidade da criança o exigir).

Em se tratando de literatura infantil, a atitude a ser tomada deve ser a mesma: mostrar o que há de belo na realidade, vestindo-a de sonho e ensinando a criança a “descobrir” o mundo de um modo alegre, poético e saudável. Mostrar-lhe o maravilhoso que existe no cotidiano — o canto dos pássaros, o ciclo misterioso dos astros, a semente que se transforma em planta, flor e fruto, a assombrosa “cooperação” e inteligência com que funciona o corpo humano, seja num homem ou numa insignificante formiga... Fazê-la respeitar e compreender a dignidade e beleza que existe no trabalho em suas mais diversas formas, seja nas mãos grosseiras do carpinteiro, que tem amor pelo ofício, seja nos dedos hábeis de um grande cirurgião.

Não se depreende daí que se deve ser contra os contos de fada. Absolutamente: Essas histórias são universais, e devemos a Cinderela, Branca de Neve e Pele de Burro, os melhores momentos da nossa infância.

A criança tem necessidade do fantástico, do maravilhoso, e é preciso satisfazê-la, evitando contudo o exagero, que irá prejudicá-la, afastando-a demasiadamente da realidade. É fabuloso o manancial de encantamento e poesia que aquêles contos representam. Lembram-nos, entretanto, de que o caso dessas histórias é todo especial.

Há nelas como que um sópo de gênio que as fêz viver, durante séculos, através da tradição oral, de pais a filhos.

Foi Charles Perrault, aliás também autor de obras galantes, quem, no século dezessete, primeiro se dedicou a recolher êsses contos e a escrevê-los num estilo delicioso, adaptando-o à infância. Mais tarde, em fins do século dezoito, Jacob e Guilherme Grimm, dois irmãos nascidos em Hanau (Alemanha), continuaram a obra de Perrault, dedicando-se à literatura folclórica oral e fazendo estudos sobre a origem das lendas. Pouco depois, em princípios do século dezenove, nascia em Copenhague o poeta Andersen, filho de um operário. Dotado de imaginação poderosa, An-

dersen procurou desenvolvê-la, visitando outros países e conhecendo novos povos. Apesar de não tão rica, sua obra é mais pessoal que a dos dois primeiros, pois alguns de seus famosos contos — entre os quais *Os Cisnes Selvagens* — são criações exclusivamente suas.

Nota-se, entretanto, em alguns contos de fada, assim como em fábulas célebres frequentemente contadas às crianças, erros provenientes de uma certa falta de conhecimento pedagógico, natural aliás naquela época. Tomemos, por exemplo, a história de Pele de Burro. O rei viúvo, que muito amava a defunta esposa, apaixonou-se pela filha e deseja desposá-la. A sugestão de incesto, apesar de velada e nada intencional, poderia perfeitamente ser suprimida.

Em *Joãozinho e Maria*, vemos um pai e uma mãe desnaturados, que, não tendo meios para sustentar os filhos, resolvem abandoná-los no meio de uma floresta cheia de perigos. A esperteza e o cinismo são exaltados na figura da raposa que faz o corvo cantar, aticando-lhe a vaidade, a fim de tirar-lhe o queijo. Noutra fábula célebre, ensinasse a criança a ser fria e insensível, contando-lhe a história da formiguinha trabalhadora que nega alimento e agazalho à pobre cigarra no inverno, só porque esta teve o bom gosto de cantar e ser alegre durante o verão. A lição de operosidade e previdência que se recebe nessa fábula é suplantada pelo que se aprende nela de falta de solidariedade humana. Não seria mais justo e mesmo “educativo” fazer a formiga socorrer a cigarra, avisando-a, entretanto, que da próxima vez a deixaria sofrer as consequências de sua leviandade?

Cosias muito importantes em literatura infantil são a justiça e o “happy-end.” Quando eu estava escrevendo as *Viagens Maravilhosas de Marco Polo* para as crianças, meus filhos iam lendo cada capítulo que eu terminava. Lembrome de que em certo pedaço, no qual o herói se achava aprisionado por pigmeus antropófagos na ilha de Sumatra, o menino largou de repente o manuscrito e jogou-o contrariado para um lado, exclamando com ênfase :

— Mamãe, se você matar Marco Polo agora, eu boto fogo no livro todo!

Examinando fichas de livros infantis em alguns grupos de Belo Horizonte, verifica-se a freqüência com que as crianças explicam o motivo pelo qual não haviam gostado de tal ou qual livro, e às vêzes livros muito bons.

— “Porque a bruxa nem foi castigada”, dizia uma. — “Porque eu não queria que aquêlê bicho bonzinho morresse”, escreveu outra. — “Porque o príncipe devia casar com a menina pobre e não casou...”

Nota-se a predileção por histórias de fadas (até 10 e 11 anos, mais ou menos). Daí em diante, salvo exceção é claro, as meninas, mesmo continuando a apreciar as fadas, preferem histórias sentimentais com esboços de romance, à moda de Genoveva de Brabante, Heidi, etc. Quanto aos meninos, atiram-se vorazmente a Júlio Verne, Tarzan, etc. Querem viagens, perigo, aventuras. É preciso satisfazer-lhes essa necessidade, apresentando-lhes tais coisas do modo mais sadio possível. E fica-se melancolicamente pensando no quanto a nossa geração de crianças foi prejudicada pela guerra. Pobres meninos, para os quais a “descoberta” do mundo, em vez de ser uma coisa maravilhosa e lírica, transformou-se num pesadelo de horrores! Muito cedo souberam que em Dachau e Buchenwald homens perversos torturavam sádicamente os seus irmãos... Muito cedo aprenderam que o mundo estava cheio de ódio e morte!

Bem difícil há de ser neutralizar a “marca” que isso tudo deve ter deixado no espírito das crianças.

Nossa literatura infantil deveria explorar um pouco mais assuntos brasileiros, evitando contudo o perigo do regionalismo. Ocorre-me lembrar o caso de Mark Twain, por exemplo, que, jogando os seus personagens num ambiente tipicamente americano. (Tom Swayer e Huckleberry Finn) escreveu, entretanto, dois livros que interessam aos adolescentes do mundo inteiro. Em vez de fazer a criança amar o Brasil através de um “porque me ufanismo” estéril, porque não lhe dar histórias que a ponham em contacto com a nossa natureza, flora e fauna, tão ricas em elementos de

poesia, encanto e aventura? Veja-se, por exemplo, o admirável livro *Hilêia Amazônica*, de Gastão Cruls. Que mundo de sugestões êle oferece à imaginação!

Porque não fazer o menino conhecer as nossas lendas e amar a nossa história, conduzindo-o ao presente através do passado? Está claro que isso tudo deveria ser feito de um modo inteligente e agradável, sem o que não seria possível interessar à criança, que possui no mais alto grau uma intuição apurada que a torna sensível a êsse "que" misterioso e fascinante encontrado nas obras dos bons escritores

Quanto ao teatro infantil, estamos ainda bem atrasados. A criança tem vivido até agora dos "restos" do adulto. Indaga-se se tal peça "serve" (e não se "é feita") para crianças, e leva-se o menino ou menina à representação. Deveria haver um teatro interpretado por gente grande, com peças escritas especialmente para a infância.

É interessante também as próprias crianças inventarem e representarem as suas peças. Isso significa uma formidável evasão poética para o mundo do maravilhoso, além de proporcionar uma verdadeira "libertação de complexos". Digo isso por experiência pessoal. Em nossa casa costumam reunir-se meninas para "fazer teatrinho". Tudo é inventado e arranjado por elas mesmas, em grande segredo. Aliás não escrevem os "sketches". Ensaiam-nos apenas, às escondidas, previamente. Dos enredos, de uma ingenuidade comovente, surgem às vezes coisas deliciosas! E o mais importante é que elas se divertem a valer. Geralmente há fadas, gigantes, bruxas. A menina liberta a sua imaginação e "vive" o papel que deseja. Uma garôta exclamou, depois de um desses improvisados teatrinhos:

— Ai, meu Deus! Como é bom a gente ser fada!

Num parênteses, ocorre-me contar um fato bastante expressivo que presenciei: um menino rico divertia-se num quarto cheio de brinquedos. Notei que, em vez de dar corda no urso de pelúcia ou de fazer voar o belo avião metálico, o menino brincava, deliciado, com um tóxico aeroplano de táboas, fabricado por êle mesmo. Estranhando a pre-

ferência que êle dava àquele brinquedo tão mal feito, perguntei-lhe porque desprezava o outro. O menino respondeu então, apontando para o avião metálico:

— Não gosto dêle porque êle "é só isso", e o que eu fiz, cada hora eu finjo que êle é de modelo diferente...

Essa criança, com essa resposta, esclarece bastante o quanto é importante deixar algo livre a ser completado pela imaginação infantil.

Quanto ao rádio para crianças, o que acontece é desastroso. Numa dessas chamadas "horas do guri", foi ouvida a vozinha ingênua de uma menina de seis anos cantando o velho tango *Noche de Reys*, onde um marido enganado conta a tragédia que o levou a um duplo assassinato!... E não é só. O pior são as dramatizações levadas pelo "rádio-teatro", destinadas a um público de adultos. Torna-se quase impossível evitar que as crianças ouçam essas peças muitas vezes cheias de inconveniências.

Compreendendo a influência nefasta das novelas sobre crimes no espirito infantil e alarmada com o surto violento de roubos e assassinatos praticados por adolescentes de 12, 13 e 14 anos nos Estados Unidos, a N.B.C. acaba de anunciar que aquela espécie de irradiações só será feita à noite, depois das 21 horas. Porque não seguir êsse exemplo?

Quanto a cinema para crianças, o problema é o mesmo do teatro. Não há fitas especialmente feitas para a infância.

Para levar os meninos ao cinema sem receio, geralmente se consulta apenas se o filme não é "impróprio para menores." Entretanto vê-se freqüentemente o cinema cheio de crianças assistindo a fitas que, se não são imorais, se tornam positivamente prejudiciais por ser mórbido e depressivo o assunto do enredo. Todavia, já se faz uma grande coisa em matéria de cinema para crianças. Refiro-me ao desenho animado, a Walt Disney sobretudo.

Positivamente o futuro do cinema está nisso. Um futuro sem fronteiras nem barreiras, livre e ilimitado como a própria imaginação. Quem viu *Bambi* jamais poderá esquecer-se dos momentos de puro encantamento que gozou. Quanto a *Branca de Neve*, muita gente ficou chocada com

a interpretação um tanto "glamourosa" e americanizada que Disney lhe deu. Com razão. Branca de Neve flutua nas recordações poéticas de nossa infância como um vulto de forma indefinida, alguma coisa de adorável e sagrado que jamais deveria ser materializada. Achei curioso um menino dizer outro dia que ficava irritado com os fracassos do Pato Donald. Realmente. Nada de ironias ou de sátiras com gente pequena. A criança é pura demais para compreender isso. Voltando a Walt Disney, reconhecemos nele um conjunto raro de qualidades. A um delicioso "sense of humour" alia o sentido poético e maravilhoso das coisas. É dele uma revista encantadora para crianças: *Walt Disney's Comics*.

E, por falar em revistas infantis, é lamentável que esta-ja dominando entre nós uma espécie de sublitteratura importada, que nada tem em comum conosco. O enredo é geralmente "thrilling" e (diga-se a bem da verdade) consegue divertir. Nos desenhos, em quadrinhos, há moças pouco vestidas e heróis fabulosos, "homens-atômicos", que tudo resolvem sem trabalho algum do raciocínio ou da inteligência. Atravessam paredes, andam no mar, voam no espaço ...

Truques apenas. Dirão que, se é assim, Perrault e Grimm também se serviram de truques. Repetindo o que foi dito, lembremo-nos de que o caso daqueles contos célebres é todo especial. Há neles um manancial infinito de beleza e poesia que não se encontra nas tais histórias em quadrinhos, onde os enredos excitantes e mórbidos despertam nas crianças emoções prejudiciais. Aliás, o *Super-Homem*, personagem simpática, não seria propriamente nocivo se exercesse as suas faculdades extraordinárias num ambiente mais saudável.

O mais grave, entretanto, é que, como disse Lúcia Miguel Pereira na tese que apresentou ao Primeiro Congresso de Escritores, é feita ali a apologia do domínio pela força bruta, da vitória do mais forte sobre o fraco. Em recente artigo publicado no *Diário de Notícias*, Rachel de Queiroz

escreve: "O herói supremo das histórias de quadrinhos é o crime, nas suas manifestações mais brutais e primárias. O assassínio, o rãpto, o assalto, e até massacres coletivos são nelas descritos com minúcia, quase direi com volúpia. É a glorificação da brutalidade."

E tudo isso aparece como se fosse muito natural um sujeito ser "gangster" ou assassino. Além do mais, as tais histórias em quadrinhos cultivam aquêle clima de vingança, ódio e morte que a guerra revelou às crianças e que deveria ser cuidadosamente apagado quanto antes. Não nos esqueçamos de que os homens foram feitos para se amarem e jamais para se odiarem.

Aliás o assunto tem atraído ultimamente a atenção de grandes escritores e pedagogos. Merece louvores a campanha contra os "flans" importados, que está sendo feita por Vivaldo Coaracy e Paulo Duarte, no *Estado de São Paulo*.

Este último, após várias considerações sobre essa mania, que o brasileiro adquiriu, de imitar modas, nomes e hábitos norte-americanos, comenta: "Infelizmente não nos inclinamos para aquilo que é realmente digno de ser copiado nos Estados Unidos: a noção de respeito à lei, o espírito de cooperação humana e a consciência do cumprimento do dever."

Outro perigo das revistas em quadrinhos é a "preguiça mental" que elas provocam. Para que "perder tempo" lendo livros "massudos" se em poucos minutos a gente pode "ver" histórias inteiras?

E a "lei do menor esforço" começa a dominar sorrateiramente o espírito da criança.

Qualquer medida proibitiva contra os "flans" importados seria uma arma de dois gumes, pois atingiria muita coisa boa que nos vem da América do Norte e de outros países. O único modo de combater essa literatura seria fazer-lhe concorrência, lançando uma revista infantil com suficientes encantos no texto e na forma para suplantar aquela. Teria alguns quadrinhos também, pois não se pode

de um momento para outro tirar da criança uma coisa a qual ela está habituada, sem lhe dar um sucedâneo equivalente.

Dirão que não temos bons ilustradores nem escritores no gênero. Quando o governo iniciar uma campanha que estimule a literatura infantil, promovendo concursos com prêmios, etc., muitas revelações surgirão, estejamos certos. E assim, com a colaboração de um grupo escolhido de escritores e ilustradores, de uma editôra de responsabilidade e ainda com uma pequena subvenção dos poderes públicos para auxiliar as despesas — que não seriam poucas — talvez fôsse possível fazer uma revista realmente interessante.

Que os autores de livros infantis meditem na responsabilidade que lhes cabe, certos de que a literatura para crianças deixou de ser considerada “subliteratura”, e tornou-se uma coisa séria, seríssima, digna do maior respeito.

E além do mais, é ou não é divertido a gente sacudir e acordar aquêles restinho de criança que dorme dentro de todos nós?

Novos rumos da educação em Minas

O Secretário da Educação do Governo Milton Campos empreende novas iniciativas, encaminha a equação ou apresenta a solução de importantes problemas — Ensino rural

O plano quinquenal do ensino primário — Como se promove o aperfeiçoamento do professorado — Orientação pedagógica para a Língua Materna — O que é o S. O. P. — Jardins de Infância — Autêntica orientação democrática.

Fiel à função cultural da imprensa, “O Diário” tem registrado, atentamente, em notícias ou comentários, as atividades do professor Abgar Renault, à frente da Secretaria da Educação. Restrições e elogios nossos S. Excia. os recebe, por igual, como crítica construtiva. O mesmo espírito de colaboração leva-nos a esboçar, neste número de aniversário um retrospecto dessas iniciativas, com o fito de informar os nossos leitores acerca do que ora se está fazendo e se pretende fazer, nesse importante setor da administração pública.

O FUNDADOR DO ENSINO RURAL

Ninguém sustentará a inexistência de escolas nos campos, antes da gestão do Sr. Abgar Renault. Mas o que havia era tão pouco e tão deficiente e o que se realizou e se está realizando, na Secretaria da Educação, de tal maneira avulta, que bem se pode considerar o titular da Secretaria da Educação como o fundador do ensino rural em Minas.

Efetivamente, que valem escolas desaparelhadas, que se espalham, caprichosamente, no ermo do sertão, ao som e ao sabor dos acanhados interesses eleitorais? Muito pouco

também pode fazer a professora rural que, com a remuneração média de Cr\$ 200,00 por mês, tem de pagar, só de pensão, às vezes mais de Cr\$ 100,00. É certo que a ilimitada dedicação feminina faz milagres. Mas o prodígio nunca se transforma em habitualidade. Percorrer léguas a pé ou a cavalo da residência até à escola acontece muitas vezes, mas não é suficiente. Que se pode exigir de uma professora assim, no fundamental capítulo do preparo geral e especializado? Urgia, pois em matéria de ensino rural, cuidar a um só tempo da quantidade e da qualidade, transformando tudo, desde a localização das escolas e o aprimoramento do ensino, até a formação e o salário do professorado. É o que está fazendo o professor Abgar Renault, conforme os planos do Governo Milton Campos. Para tanto conta com a inestimável colaboração financeira e técnica da União, através do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, graças ao compreensivo concurso do professor Murilo Braga, e com a participação da iniciativa particular, mercê do apoio e do auxílio da Sociedade Pestalozzi, sob a esclarecida direção do Dr. Sandoval de Azevedo que, na Fazenda do Rosário, tudo tem feito para facilitar a concretização dos propósitos que animam os governos Estadual, Federal e dos municípios.

Sim, também dos municípios. A colaboração municipal possibilita a assinatura de convênios com o Governo Estadual, os quais estabelecem as normas da reforma em plena execução. Constróem-se edifícios escolares adequados, em obediência a padrões tecnicamente estabelecidos, para escolas cuja situação depende de elementos demográficos, sociológicos e outros, de modo que satisfaçam as verdadeiras necessidades locais. As professoras que as regem, cujos vencimentos são pagos pelo Estado e pelo município, não podem perceber menos de Cr\$ 600,00 mensais, quando normalistas ou diplomadas pelo Curso da Fazenda do Rosário. Esses proventos, se coroados de êxito feliz as gestões do Secretário Abgar Renault, serão acrescidos, graças ao estabelecimento de agências postais nas próprias escolas, a cargo das respectivas professoras.

Essa providência ainda traz a vantagem de acabar de conferir à escola rural o relevante papel que lhe cumpre desempenhar, como condensação de valores culturais de vária índole e como centro irradiador de civilização. Ora, essas professoras que, ainda sem a necessária preparação, são obrigadas pela conjuntura social do nosso país a acumular, com os seus deveres específicos, as funções do missionário e do colonizador, estavam realmente clamando por uma formação condizente com as circunstâncias e com a realidade. Para o fim, as duas iniciativas simultâneas se procede: a organização de cursos intensivos nos municípios e a criação do estágio de aperfeiçoamento técnico e cultural, na Fazenda do Rosário, ao qual acorrem os elementos selecionados nos municípios, para onde têm voltado, aptos a conseguir com os próprios meios a transformação esperada.

Não se trata porém de esforço desajudado. Mediante serviço especializado, que ultimamente acabou de estruturar-se, essas atividades são orientadas e assistidas convenientemente. Para justificar o advérbio basta dizer que a direção técnica desse Serviço foi confiada à educadora Helena Antipoff.

"Palavras e planos", estará murmurando o derrotista. Vai a resposta em fatos e números: com os municípios, assinaram-se 26 convênios para construção de escolas. Nos 248 cursos municipais aperfeiçoaram-se cerca de 1.200 professoras e nos 4 cursos intensivos da Fazenda do Rosário, diplomaram-se 185. Acresce que, nesse mesmo recanto, próximo a Belo Horizonte, funcionará êste ano regularmente a primeira entre as duas escolas normais rurais, criadas em lei estadual.

A ESCOLA PRÓPRIA NO LUGAR CERTO

Esse o princípio que, parece, presidiu à elaboração da lei n.º 408, de 14 de setembro de 1949, que dispõe sobre o plano de desenvolvimento do ensino primário, estabelece princípios para a criação de unidades escolares e escala de

prioridade para construção de prédios destinados ao seu funcionamento. Processos técnicos de base científica e objetiva localizam as escolas adequadamente e resolvem uma série de pontos fundamentais que sempre andaram ao-deus-dará, vale dizer, ao talento dos políticos: número de unidades escolares anualmente criáveis; as condições exigíveis para a ascensão sucessiva de escola isolada a grupo escolar; as necessidades mínimas de um prédio escolar satisfatório. Além disso cumpre mencionar importante novidade destinada a corrigir os males da centralização administrativa agravados quando ocorre fraca densidade demográfica, a saber, o centro regional, "sistema em que se congreguem escolas de grau elementar e médio, a fim de atender à população de determinada região, como centro de condensação e de irradiação pedagógica, consistente em jardim de infância, grupo escolar, escola normal e, sempre que possível, colégio, bem como cursos vocacionais anexos, biblioteca, cinema, teatro e instalações para educação física". Ocorrendo a colaboração dos vários órgãos responsáveis, o sistema de ensino primário do Estado, assim desenvolvido, permitirá que, dentro em 5 anos desfrutem do benefício da instrução 80% da população escolar nas cidades, nas vilas e na zona rural de cada município. A percentagem corresponde ao máximo a que se pode aspirar, pois atualmente a escola não chega a atender a 20% da população escolar.

Ainda em forma de projeto, essa lei sobre o ensino primário alcançou expressiva consagração no Seminário de Educadores, que a UNESCO reuniu, há pouco, em Petrópolis. Sob proposta de notável educador mexicano, foi traduzida em espanhol e distribuída, para servir de modelo, a todos os participantes do Congresso.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Seria vão trabalhar pelo melhoramento do ensino, sem elevar o nível cultural do professor. Ao educador Abgar Renault não escaparia a elementaridade desse problema.

Dai os Cursos de Férias, organizados em quatro anos consecutivos, para servirem aos docentes de todos os graus. As disciplinas entregues a elementos do magistério de renome nacional são tratadas com enderêço, a um tempo metodológico e prático. Depõe favoravelmente ao critério adotado e demonstra a louvável receptividade dos mestres mineiros a crescente afluência aos Cursos de Férias, expressa em números que falam só por si: Compareceram a cada Curso: 60, 200, 506 e 872 professores.

Resta outra realidade significativa: convívio dos professores entre si e o contacto de todos eles com alguns dos mais acatados mestres nas várias especialidades.

O CURSO PARA BIBLIOTECÁRIA

Ainda no capítulo do aperfeiçoamento do professorado releva salientiar recente providência da maior importância no presente e no futuro. Queremos aludir ao Curso de Biblioteconomia. Rápida leitura do programa a que obedece, o qual divulgamos oportunamente, demonstra que o Curso, além de formar e aperfeiçoar técnicas aptas a dar aos livros arrumação e catalogação racionais, diplomará bibliotecárias completas, capazes de conferir às bibliotecas escolares a insubstituível função de centro e base de todo o ensino, tanto na solução de problemas e no encaminhamento de estudos, como na formação dos futuros leitores. Esses conscientes consumidores de livros, são hoje em número assustadoramente exíguo. Urge combater tal deficiência, se quisermos comunicar à educação a dignidade e a continuidade que a transformam em autêntico bem de cultura.

O APRIMORAMENTO DO ENSINO DA LINGUA

A experiência colhida na direção do ensino secundário, do Ministério da Educação, já mostrara ao Professor Abgar Renault o triste estado a que, entre nós, chegara o ensino da língua vernácula. Assim, o administrador que baixou a Por-

laria que determinou a consideração dos erros de português no julgamento das provas parciais de tôdas as matérias, forçosamente cuidaria do relevante problema, na Secretaria da Educação. Com êle se tem preocupado desde o início da sua gestão. De iniciativa sua é a lei que instituiu, no Curso de Formação de Professôres, o ensino de português e literatura, ministrado por forma inteiramente nova, em disciplina única, com o objetivo de inculcar às futuras professoras a exata compreensão dos valores instrumentais e estéticos, implícitos na língua, em funcionamento, graças à conjugada aplicação da lingüística moderna e dos mais recentes princípios pedagógicos. Fêz mais o Sr. Secretário Abgar Renault neste particular. Elaborou um plano orgânico de aprimoramento do ensino lingüístico e do aperfeiçoamento dos estudos vernáculos com ação na escola e fora dela. Entregou-lhe a execução à Orientação Técnica do Ensino da Língua Portuguesa, órgão recentemente criado e ao qual compete promover os meios conducentes ao melhoramento do ensino do nosso idioma. Do aludido plano fazem parte os Concursos de Composições, promovidos entre os alunos que freqüentam os cursos do segundo grau. A imprensa registrou a significativa aceitação do segundo desses certames, o qual se realizou no ano passado. O prestígio que lhe veio do aplauso pessoal do Governador Milton Campos e os resultados obtidos constituem a segurança de mais ampla repercussão para êste ano.

UMA PALAVRA ENIGMÁTICA

Que significa SOS? Quer dizer Serviço de Orientação e Seleção Profissional. É criação recente do nosso Governo, na Secretaria da Educação. Funciona no Instituto de Educação e é dirigido pelo psicólogo de renome internacional Professor Mira y Lopez.

Do alcance desse Serviço nos meios escolares, nem é preciso falar. Nada mais importante que o diagnóstico oportuno da aptidão e da vocação, nada mais útil que a oportuna seleção do indivíduo para a atividade profissional de que

é realmente capaz. O SOS, apesar de recentemente organizado, já vai produzir frutos, no âmbito escolar. As candidatas aos Cursos de Administração e Formação de Professôres do Instituto de Educação serão submetidas a testes aí elaborados para o fim de selecioná-las. Alargará a sua esfera de ação a outros domínios, com acréscimo de seus benefícios à coletividade. O Secretário da Educação está em entendimentos com o Chefe de Polícia, no sentido de vir a exigir-se o exame de seleção profissional, entre as condições para concessão da carteira de "chauffeur" e para a admissão de inspetores de veículos.

JARDINS DE INFÂNCIA

Entre as preocupações contemporâneas avultam as apreensões com as crianças abandonadas que são praticamente, quase tôdas as crianças.

A atual situação de emergência torna impositiva a necessidade de jardins de infância.

O problema tem estado nas cogitações do incansável Secretário Abgar Renault. Cursos de Aperfeiçoamento são dedicados às professoras do ensino pré-primário, tanto no ano letivo como durante as férias, havendo ministrado êsse último Cecília Meireles, poetisa, educadora e conferencista de valor excepcional. Providências ora em estudo permitirão aumentar o número insuficientíssimo dos jardins de infância da Capital e hão de tornar possível a sua disseminação pelas cidades do interior. Funda-se a esperança na colaboração com o Prefeito Negrão de Lima, cuja idéia acolheu com a maior boa vontade, e na influência desse exemplo, nos outros administradores municipais.

O SENSO PRÁTICO DO ADMINISTRADOR HUMANO

O teor pedagógico das iniciativas requer moldura adequada. Não ficou esquecida a questão do mobiliário escolar.

Cuidadoso plano que nesse particular se executa, proverá as escolas do necessário e prevê além da fabricação dos móveis, na própria localidade, com economia considerável, a recuperação de 9.810 carteiras, em condições de serem reparadas, que a atual administração encontrou atiradas, como inúteis, a depósitos e porões. Com idêntico espírito prático, inspirador da prudência de quem sabe condicionar os propósitos às possibilidades financeiras do momento, cogita o Professor Abgar Renault de atualizar os laboratórios científicos dos estabelecimentos de ensino de segundo grau, já havendo contemplado seis entre esses com o importante melhoramento.

Nos domínios dos fatos concretos, releva ainda salientar providência demonstradora do aprêço do govêrno para com o professorado e o tino administrativo de quem alcança os benefícios que acarreta ao ensino o condigno tratamento daqueles que o ministram. De um ano a esta parte, a Secretaria da Educação fornece transporte às professoras primárias da Capital que, residindo no centro da cidade, lecionam no perímetro suburbano ou na zona rural.

ORIENTAÇÃO DEMOCRÁTICA

As iniciativas do Professor Abgar Renault à frente da Secretaria da Educação enquadram-se numa tendência harmoniosa e com isso se integram no estilo e nos planos do Govêrno Milton Campos. Tanto o rigoroso cumprimento da lei dos concursos para provimento dos cargos no magistério primário e secundário, como a extensão dos benefícios do ensino ao âmbito rural, segundo moldes puramente técnicos, afastam do ensino a ingerência de estreitos interesses eleitorais. Em esfera igualmente isenta, processa-se à convocação de professores para os vários cursos de aperfeiçoamento, enquanto se desenvolve o plano destinado a aprimorar o ensino da língua e se confere a possível amplitude à disseminação e aparelhamento de jardins de infância e ao Ser-

viço de Orientação e Seleção Profissional, uma das novidades no sistema de ensino que marcarão a passagem do Professor Abgar Renault pela Secretaria da Educação. O denominador comum que harmoniza esses propósitos e realizações é o empenho em criar, no campo da educação, iguais oportunidades e aos indivíduos, segundo as necessidades e o merecimento. A isso só se pode chamar orientação democrática.

A Biblioteca Infantil de Caratinga

Nem tóda idéia, pensamento, esforço ou ação, tem, no ambiente da escola, as proporções de um acontecimento. Quando, entretanto, uma atividade nasce da compreensão mútua, reativa-se no esforço comum e se engrandece do desejo de ser útil, em que resultados magníficos floresce e frutifica a sua realidade, como aconteceu com a Biblioteca Infantil de Caratinga, cuja organização nos foi científica na notícia abaixo:

"Tóda organização depende de esforço para atingir o seu objetivo.

Quando fui encarregada de organizar a biblioteca do meu Grupo recebi uns poucos livros esfacelados de restos de antigas tentativas infrutíferas de bibliotecas, e uma sala nua e triste.

Convoquei imediatamente meus futuros e grandes auxiliares: as crianças.

Fiz uma reunião preliminar e desta surgiu a idéia de se fabricar, na própria sala, uma estante e bancos. Dois meninos do 4.º ano, aprendizes de marceneiros, se prontificaram a ir comigo a uma serraria, para a escolha de tábuas. A compra das tábuas, o desenho da estante e sua confecção, foi trabalho de duas semanas. Os bancos foram feitos à noite, porque as classes estavam ansiosas para a abertura da Biblioteca.

As meninas providenciaram pano para a cortina da estante, pois vidro não entrava em nossas cogitações, nem em nossas finanças. Juntamente com a professora de trabalhos manuais, confeccionaram a cortina e um fórrô para uma

209

mesa baixa que os meus oficiais conseguiram desenterrar de um depósito de objetos anti-diluvianos, que existia num dos quartos do arquivo.

Foi um dia de festa o dia da abertura da biblioteca.

Contávamos com 67 livros infantis: 29, a Enciclopédia e o Tesouro da Juventude, pagos pelas professoras. — Mas, lá estavam a estante e os bancos envernizadosinhos a atestarem a grande realização das crianças do Grupo.

Todos nós, eu e as crianças, tínhamos orgulho de ali estarmos assentadinhos em nossa biblioteca.

A nossa biblioteca tem um nome: "Machado de Assis", mas, nós a chamamos "nossa" simplesmente.

Trabalhamos em cartazes. Organizamos horário. Tódas as crianças do Grupo tiveram a sua oportunidade de pegar um livro de história, ler ou ver as figuras e, foi um sucesso! Nunca mais esfriou o entusiasmo com que me recebem á porta de suas classes quando vou buscá-las para a meia hora mágica da história (para o 1.º ano) e do convívio com o mundo encantado dos livros para os outros anos.

Contamos hoje, decorridos dois anos da fundação da biblioteca, com 781 livros, sendo: 478, recreativos; 251, informativos, 17 pedagógicos e 35 de literatura.

Um fichário organizado de apreciações pessoais das crianças, um fichário de assuntos em andamento, bem como um ativo de 248 cartas escritas pelos 3.ºs e 4.ºs anos.

Bem sei que a "minha" biblioteca (como a chamo em particular) é pobre ainda; não pode, nem ao menos, apresentar-se sob êsse título, mas, muito tem beneficiado os meninos desta terra e quiçá os próprios pais que já lêem, êles também, vários livros de nossa pequena parte literária.

Maria da Glória Rocha Abelha, Bibliotecária do Grupo Escolar "Princesa Isabel", de Caratinga.

Informações úteis ao magistério

Atribuições do Inspetor Escolar Municipal

Instruções baixadas pelo Sr. Superintendente do Ensino Secundário e Superior

"Sr. Inspetor Escolar,

A Secretaria da Educação tem recebido numerosas consultas de inspetores escolares municipais, versando, em sua maioria, sobre dispositivos do Regulamento do Ensino Primário, em cuja aplicação costumam pôr o zelo que tanto os recomenda à Administração do Estado.

Ocorre, porém, que vários dispositivos do Decreto n.º 7.970-A, de 15 de outubro de 1927 (Regulamento do Ensino Primário) foram revogados pelo Decreto n.º 11.501, de 31 de agosto de 1934 e pelo Decreto-lei n.º 804, de 28 de outubro de 1941 (Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado).

Do cotejo entre o que, no tocante à inspeção, estabelecem o Regulamento do Ensino Primário, o Decreto n.º 11.501 e o Decreto-lei n.º 804, verifica-se que as atuais atribuições e deveres do inspetor escolar municipal, são:

1 — JUNTO AS ESCOLAS ISOLADAS PRIMÁRIAS DA SEDE DO MUNICÍPIO:

- a) abrir, numerar, rubricar e encerrar os livros de escrituração escolar;
- b) receber o compromisso dos professores e dar-lhes posse;

c) anotar, nos títulos de nomeação dos professores, as datas de posse e início de exercício, dando destes atos ciência à Secretaria;

d) prestar às autoridades competentes as informações que lhe forem solicitadas;

e) atestar, mensalmente, o exercício dos professores;

f) levar ao conhecimento da Secretaria as interrupções do ensino e quaisquer irregularidades verificadas no funcionamento das escolas sob sua inspeção;

g) organizar, de acordo com os professores, e presidir as comissões examinadoras das classes do 3.º ano, bem como aprovar o rol de alunos das demais classes para o efeito de promoção, nos termos do art. 342 do Regulamento do Ensino Primário;

h) fazer inventariar a mobília e o material didático, quando a professora da cadeira entrar em exercício de suas funções ou quando as deixar, devendo guardar e conservar o prédio e tudo o que no mesmo se contiver, pertencente ao estabelecimento;

i) cooperar com os professores e pessoas de boa vontade para a organização e desenvolvimento das instituições e atividades escolares;

j) sugerir ao Governo medidas tendentes ao progresso do ensino.

2 — JUNTO AOS GRUPOS ESCOLARES E ESCOLAS REUNIDAS:

a) receber o compromisso dos diretores e dar-lhes posse, quando fôr o caso;

b) anotar, nos títulos de nomeação dos diretores, as datas de posse e início de exercício, visando as comunicações que os empossados devem endereçar à Secretaria;

c) prestar às autoridades competentes as informações que lhe forem solicitadas;

d) atestar, mensalmente, o exercício dos diretores;

e) sugerir à Secretaria medidas tendentes ao progresso do ensino;

f) COOPERAR com os diretores, professores e pessoas de boa vontade para a organização e desenvolvimento das instituições e atividades escolares.

3 — JUNTO AS ESCOLAS PARTICULARES:

a) verificar se essas escolas funcionam com observância das disposições contidas no art. 4.º do Regulamento do Ensino Primário, que prescreve o seguinte: "Nenhum estabelecimento de ensino particular poderá funcionar sem registro prévio na Secretaria da Educação", convidando-as a fazer esse registro.

4 — Ao inspetor municipal, pois, entre outras atribuições que lhe eram anteriormente conferidas, ficam vedadas as de nomear substitutos, conceder licenças e aplicar penalidades.

5 — Aos inspetores distritais cabem, nos demais distritos, e aos auxiliares, nos povoados, as mesmas atribuições e deveres relembrados nesta circular com relação aos inspetores municipais.

Assim definidas as atribuições do inspetor escolar, a Secretaria da Educação assinala, com prazer, as amplas possibilidades de colaboração com a escola, franqueadas à diligência desses devotados e desinteressados auxiliares do ensino, nos municípios.

ANTES QUE UM FISCAL A PREOCUPAR-SE COM SENÕES, caberá ao inspetor o papel de amigo, a quem o professor buscará, para um conselho, se o inspetor souber captar-lhe a estima. Será um articulador entre a sociedade, de que é representante, e a escola, instituída para servi-la; será um elemento, um agente de ligação, empenhado em aproximar o povo das casas de ensino, em neutralizar as causas de atrito entre pais e mestres; favorecer os professores, com a sua experiência, esclarecer os que só vêem a escola por fora ou a conheçam pelos informes, nem sempre seguros, das crianças, contribuindo, por outro lado, para a organização e o desenvolvimento das instituições: caixa escolar, cantina, etc.

É este, em suma, o papel que se designa ao cidadão investido no cargo de inspetor, dentro do mecanismo do ensino primário.

Quanto aos problemas e dificuldades concernentes ao ensino propriamente dito e as divergências que, por vezes, chegam a perturbar a tranqüilidade da escola, a Secretaria da Educação, através de seu corpo de funcionários especializados, tomará as providências que entender necessárias.

Certo de que, no exercício da nobre e delicada tarefa para que fostes convocado na vossa qualidade de cidadão, continuareis a servir à nossa terra, subscrevo-me, com todo apreço,

(a.) *Bolívar T. Mineiro*, Superintendente do Departamento do Ensino Secundário e Superior.

Fotografias

Para serem publicadas nesta revista, freqüentemente recebemos fotografias de fatos da vida escolar que nem sempre podem ser aproveitadas. Quando não têm defeitos que as inutilizam, nenhuma explicação trazem, nem ao menos dizendo de onde procedem.

Esta redação se interessa, tem mesmo todo empenho em documentar, por meio de fotografias, as realizações de nossos estabelecimentos de ensino. Pedimos, por isto, às suas diretoras e professoras que selecionem com cuidado o material que nos fôr enviado, escolhendo as cópias mais nítidas e próprias à reprodução em clichês.

TABELA PARA CALCULAR A PERCENTAGEM DE FREQUÊNCIA

Reproduzimos neste número, para atender solicitações, a "Tabela para o cálculo da percentagem", entre escolares frequentes e matriculados, de autoria do Inspetor Duntalmo Prazeres, com o exemplo que a acompanhou quando publicada no número 185 desta "Revista".

Se queremos, — êste o exemplo — saber qual é a percentagem de frequência em uma classe em que há 43 alunos matriculados e 29 com frequência regular, multiplica-se o número de alunos frequentes por 100 e divide-se o produto pelo número de matriculados ($29 \times 100 = 2.900 \div 43 = 67$). O resto é desprezado). Passando à tabela, procura-se aí a coluna "Classe de 43 alunos", desce-se pela sua primeira divisão até encontrar-se o número 29. Correspondendo a êle, vamos achar, na divisão imediata, (%) o número 67. Isto quer dizer que em uma classe em que estão matriculados 43 alunos e 29 tiveram frequência, a percentagem é de 67%.

I

Classe de 9 alunos		Classe de 10 alunos		Classe de 11 alunos		Classe de 12 alunos		Classe de 13 alunos		Classe de 14 alunos		Classe de 15 alunos		Classe de 16 alunos		Classe de 17 alunos	
Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%
9	100	10	100	11	100	12	100	13	100	14	100	15	100	16	100	17	100
3	33	9	90	10	90	11	91	12	92	13	92	14	93	15	93	16	94
7	77	8	80	9	81	10	83	11	84	12	85	13	85	14	87	15	88
6	66	7	70	8	72	9	75	10	76	11	78	12	80	13	81	14	82
5	55	6	60	7	63	8	66	9	69	10	71	11	73	12	75	13	76
4	44	5	50	6	54	7	58	8	61	9	64	10	66	11	68	12	70
3	33	4	40	5	45	6	50	7	53	8	57	9	60	10	62	11	64
2	22	3	30	4	36	5	41	6	46	7	50	8	53	9	56	10	58
1	11	2	20	3	27	4	33	5	38	6	42	7	45	8	50	9	52
		1	10			2	18	3	25	4	30	5	35	6	40	7	43
				1	9	2	16	3	23	4	28	5	33	6	37	7	41
						1	8	2	15	3	21	4	26	5	31	6	35
								1	7	2	14	3	20	4	25	5	29
										1	7	2	13	3	18	4	23
												1	6	2	12	3	17
														1	6	2	11
															1	5	

II

Classe de 18 alunos	Classe de 19 alunos		Classe de 20 alunos		Classe de 21 alunos		Classe de 22 alunos		Classe de 23 alunos		Classe de 24 alunos		Classe de 25 alunos		Classe de 26 alunos		
	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	Alunos frequentes	%	
19	100	19	100	20	100	21	100	22	100	23	100	24	100	25	100	26	100
17	94	18	94	19	95	20	95	21	95	22	95	23	95	24	96	25	96
16	88	17	89	18	90	19	90	20	90	21	91	22	91	23	92	24	92
15	83	16	84	17	85	18	85	19	86	20	86	21	87	22	88	23	88
14	77	15	78	16	80	17	80	18	81	19	82	20	83	21	84	22	84
13	72	14	73	15	75	16	76	17	77	18	78	19	79	20	80	21	80
12	66	13	68	14	70	15	71	16	72	17	73	18	75	19	76	20	76
11	61	12	63	13	65	14	66	15	68	16	69	17	70	18	72	19	73
10	55	11	57	12	60	13	61	14	63	15	65	16	65	17	68	18	69
9	50	10	52	11	55	12	57	13	59	14	60	15	62	16	64	17	65
8	44	9	47	10	50	11	52	12	54	13	56	14	58	15	60	16	61
7	38	8	42	9	45	10	47	11	50	12	52	13	54	14	56	15	57
6	33	7	36	8	40	9	42	10	45	11	47	12	50	13	52	14	53
5	27	6	31	7	35	8	38	9	40	10	43	11	45	12	48	13	50
4	22	5	26	6	30	7	33	8	36	9	39	10	41	11	44	12	46
3	16	4	21	5	25	6	28	7	31	8	34	9	37	10	40	11	42
2	11	3	15	4	20	5	23	6	27	7	30	8	33	9	36	10	38
1	5	2	10	3	15	4	19	5	22	6	26	7	29	8	32	9	34
		1	5	2	10	3	14	4	18	5	21	6	25	7	28	8	30
				1	5	2	10	3	14	4	17	5	20	6	24	7	26
						1	5	2	9	3	13	4	16	5	20	6	23
								1	4	2	9	3	13	4	16	5	19
										1	4	2	8	3	12	4	15
												1	4	2	8	3	11
													1	4	2	7	
														1	4	2	7
															1	3	5

V

Classe de 45 alunos	Classe de 46 alunos	Classe de 47 alunos	Classe de 48 alunos	Classe de 49 alunos	Classe de 50 alunos	Classe de 51 alunos	Classe de 52 alunos	Classe de 53 alunos	Alunos frequentes	%
45	100	47	100	48	100	51	100	53	100	49
44	97	47	97	48	98	51	99	53	99	48
43	97	45	95	46	96	50	98	52	98	46
42	93	44	93	45	95	49	96	51	95	45
41	41	42	41	43	45	46	48	50	49	44
40	39	41	41	42	44	45	47	49	48	43
39	38	40	40	41	43	44	46	48	47	42
38	38	39	39	40	42	43	45	47	46	41
37	37	38	38	39	41	42	44	46	45	40
36	36	37	37	38	40	41	43	45	44	39
35	35	36	36	37	39	40	42	44	43	38
34	34	35	35	36	38	39	41	43	42	37
33	33	34	34	35	37	38	40	42	41	36
32	32	33	33	34	36	37	39	41	40	35
31	31	32	32	33	35	36	38	40	39	34
30	30	31	31	32	34	35	37	39	38	33
29	29	30	30	31	33	34	36	38	37	32
28	28	29	29	30	32	33	35	37	36	31
27	27	28	28	29	31	32	34	36	35	30
26	26	27	27	28	30	31	33	35	34	29
25	25	26	26	27	29	30	32	34	33	28
24	24	25	25	26	28	29	31	33	32	27
23	23	24	24	25	27	28	30	32	31	26
22	22	23	23	24	26	27	29	31	30	25
21	21	22	22	23	25	26	28	30	29	24
20	20	21	21	22	24	25	27	29	28	23
19	19	20	20	21	23	24	26	28	27	22
18	18	19	19	20	22	23	25	27	26	21
17	17	18	18	19	21	22	24	26	25	20
16	16	17	17	18	20	21	23	25	24	19
15	15	16	16	17	19	20	22	24	23	18
14	14	15	15	16	18	19	21	23	22	17
13	13	14	14	15	17	18	20	22	21	16
12	12	13	13	14	16	17	19	21	20	15
11	11	12	12	13	15	16	18	20	19	14
10	10	11	11	12	14	15	17	19	18	13
9	9	10	10	11	13	14	16	18	17	12
8	8	9	9	10	12	13	15	17	16	11
7	7	8	8	9	11	12	14	16	15	10
6	6	7	7	8	10	11	13	15	14	9
5	5	6	6	7	9	10	12	14	13	8
4	4	5	5	6	8	9	11	13	12	7
3	3	4	4	5	7	8	10	12	11	6
2	2	3	3	4	6	7	9	11	10	5
1	1	2	2	3	5	6	8	10	9	4

VI

Classe de 54 alunos	Classe de 55 alunos	Classe de 57 alunos	Classe de 58 alunos	Classe de 59 alunos	Classe de 60 alunos	Classe de 61 alunos	Alunos frequentes	%
54	100	55	100	57	100	58	100	60
53	98	54	98	56	98	57	98	59
52	96	53	96	55	96	56	96	58
51	94	52	94	54	94	55	94	57
50	92	51	92	53	92	54	92	56
49	90	50	90	52	90	53	90	55
48	88	49	88	51	88	52	88	54
47	87	48	87	50	87	51	87	53
46	85	47	85	49	85	50	85	52
45	83	46	83	48	83	49	83	51
44	81	45	81	47	81	48	81	50
43	79	44	79	46	79	47	79	49
42	77	43	77	45	77	46	77	48
41	75	42	75	44	75	45	75	47
40	74	41	74	43	74	44	74	46
39	72	40	72	42	72	43	72	45
38	70	39	70	41	70	42	70	44
37	68	38	68	40	68	41	68	43
36	66	37	66	39	66	40	66	42
35	64	36	64	38	64	39	64	41
34	62	35	62	37	62	38	62	40
33	61	34	61	36	61	37	61	39
32	59	33	59	35	59	36	59	38
31	57	32	57	34	57	35	57	37
30	55	31	55	33	55	34	55	36
29	53	30	53	32	53	33	53	35
28	52	29	52	31	52	32	52	34
27	50	28	50	30	50	31	50	33
26	48	27	48	29	48	30	48	32
25	46	26	46	28	46	29	46	31
24	44	25	44	27	44	28	44	30
23	42	24	42	26	42	27	42	29
22	41	23	41	25	41	26	41	28
21	39	22	39	24	39	25	39	27
20	38	21	38	23	38	24	38	26
19	37	20	37	22	37	23	37	25
18	36	19	36	21	36	22	36	24
17	35	18	35	20	35	21	35	23
16	34	17	34	19	34	20	34	22
15	33	16	33	18	33	19	33	21
14	32	15	32	17	32	18	32	20
13	31	14	31	16	31	17	31	19
12	30	13	30	15	30	16	30	18
11	29	12	29	14	29	15	29	17
10	28	11	28	13	28	14	28	16
9	27	10	27	12	27	13	27	15
8	26	9	26	11	26	12	26	14
7	25	8	25	10	25	11	25	13
6	24	7	24	9	24	10	24	12
5	23	6	23	8	23	9	23	11
4	22	5	22	7	22	8	22	10
3	21	4	21	6	21	7	21	9
2	20	3	20	5	20	6	20	8
1	19	2	19	4	19	5	19	7

que não se coadunem com a dinâmica e a força dos seus interesses e experiências. Daí os programas enciclopédicos cujos fatos o educando deve aprender, ainda que não os possa compreender. Daí os insucessos escolares verso insucesso da cultura nacional.

A Secretaria da Educação, sentindo a necessidade de um programa que melhor atendesse às imposições do processo educativo, constituiu comissões de marcado valor pedagógico, encarregando-as de o elaborar.

Sem perder de vista as possibilidades do aluno, procurou-se conciliar as condições escolares atuais — composição média das classes, extensão do curso, duração do ano letivo e do dia escolar com a significação social dos conhecimentos, hábitos, atitudes e ideais que à escola cabe desenvolver.

É assim que matérias afins, como Noções de Coisas, Ciências Naturais e Higiene, que nos programas vigentes foram consideradas em separado, nos atuais constituem uma unidade de estudos reduzidos ao essencial, de modo a não comprometer as finalidades dos mesmos na escola primária.

Procurou-se, também, para atender às condições naturais do desenvolvimento da criança, evitar a sobrecarga de matérias que não se harmonizassem com as fases dos seus interesses, razão por que certos assuntos foram deixados para mais tarde, outros substituídos e outros eliminados do programa.

O estudo dos fatos geográficos, por exemplo, cuja compreensão requer certa visão social que a criança do primeiro ano, presa ainda ao seu meio familiar, não possui, passou a ser iniciado no segundo.

Com estas modificações, o trabalho escolar do primeiro ano ficou bastante aliviado. No seu horário semanal devia dar-se atenção às aulas de Língua Pátria, Aritmética, Geografia, Ciências Naturais, Noções de Coisas, Higiene, Instrução Moral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto e Exercícios Físicos.

Revela acentuar que a medida aplicada ao primeiro ano era necessária. Haja vista a percentagem elevada de crian-

Programa em experiência (*)

(SEGUNDO ANO)

INTRODUÇÃO

É o processo educativo compreendido em seus elementos fundamentais — de um lado, a criança, ser imaturo, prêsso ao seu mundo físico e afetivo, indiferente ao que não tem relação com a sua vida, e, do outro, a experiência adulta condensada em fatos, princípios e leis, visando a alcançar certos valores sociais, morais e civicos — que demarca o traçado do programa escolar e, ao mesmo tempo, ressalta a complexidade dos problemas que o envolvem.

Realmente, conhecer a criança em seu meio, compreender as fases da sua evolução, interpretar as experiências que já possui, os motivos e interesses que a animam nos diferentes ciclos da idade; depois, encarar os fatos a serem estudados em seu aspecto embrionário, dinâmico e vital, na delimitação e gradação das dificuldades, e, ainda, em consonância com as exigências da vida, são questões que demandam estudos sistematizados, pesquisas e experimentações contínuas.

Há quem pense: a imaturidade do espírito infantil ou a superficialidade da sua experiência deve ser amadurecida ou aprofundada pela imposição da escola, a quem cumpre revelar à criança conhecimentos vastos e complexos, mesmo

(*) — Esgotado o número desta Revista contendo o Programa em experiência, segundo ano, fazemos a sua reprodução, para atender os inúmeros pedidos que temos recebido.

cas que o repetem uma, duas, três e até quatro vezes, resultando desta verdadeira estagnação escolar ser-lhes impossível chegarem ao término do curso primário.

Na organização do currículo escolar, encarada sob esse duplo aspecto — técnico e político, e sem se perder de vista o princípio básico da educação — “não contrariar a evolução natural, antes favorecê-la”, procurou-se:

a) seriar as dificuldades, iniciando o estudo de cada matéria pelos assuntos mais acessíveis à compreensão da criança, mais próximos de sua experiência;

b) correlacionar os assuntos em estudo nas diversas matérias do programa (Geografia — História — Ciências Naturais — Educação Moral e Cívica, etc.);

c) fracionar certos estudos em períodos, o que talvez facilite o trabalho didático, pela dosagem racional do tempo necessário à apreciação e assimilação dos fatos e também dosagem da matéria cuja aprendizagem se deve verificar.

Procurou-se, ainda, ordenando, de maneira clara e precisa, os diferentes aspectos da experiência coletiva em um programa realizável, sugerir algumas atividades que poderão ser desenvolvidas e adaptadas ao meio escolar, às necessidades, aptidões e capacidade dos educandos. Todavia, fé-lo sem visar o tolher a autonomia e iniciativa didáticas do professor e, sim, dar às escolas estrutura comum, no sentido de conciliar seus resultados com as exigências sociais.

A divisão da matéria de determinadas disciplinas em períodos foi adotada com o objetivo de favorecer a verificação do programa, sob o ponto de vista quantitativo, e, destarte, assegurar-se, da sua exequibilidade, relativamente à extensão. Ocorre, entretanto, explicar que, na realização do seu trabalho, o professor não deve prender-se demasiadamente aos períodos. Muitas vezes, terá que passar a assuntos que estão em período diferente daquele que decorre. A fim de não perder a oportunidade para tratar de fatos atuais. Pode também acontecer que a matéria seja esgotada antes de terminado o período ou, ao contrário, não se consiga realizar tudo no espaço determinado. Em todos estes casos, é a necessidade da classe, o desenvolvimento dos edu-

candos, que devem constituir motivos de preocupação do professor na execução do programa.

Evidentemente, a preocupação do administrador, quando lança um programa de trabalho, é que este seja executado na íntegra. Em se tratando, porém, da educação, processo de complexidade extrema, o melhor partido será experimentar, medir, para depois ajustar os interesses e possibilidades naturais do educando com o interesse político-social.

Eis porque a administração do ensino público em Minas julgou mais acertado promover uma experimentação em torno de assuntos que lhe parecem indispensáveis à cultura elementar do cidadão brasileiro. E só aqueles de comprovado valor educativo e de perfeita exequibilidade, relativamente à situação escolar atual, passarão a ser considerados partes integrantes do programa destinado à escola primária.

É neste caráter — Programa em experiência — que os presentes programas são entregues às professoras mineiras. A colaboração e a assistência interessada dos que vão realizá-lo de muito servirão para que seja melhorado. Revisto à luz das observações relatadas pelos que o aplicarem, será, por certo, peça de valor no desenvolvimento da educação.

*

Língua Pátria

LINGUAGEM ORAL

— Dilatar as experiências sobre coisas e relações do meio, através de um contacto vivo com a natureza, através de histórias, de poesias, de gravuras, de excursões e das demais atividades do programa.

— Desenvolver o pensamento e a lógica da criança através da participação em várias atividades da escola, da casa e do seu meio e através da discussão e da conversa sobre planos e atividades, e de histórias, de gravuras, de dramatizações, etc.

— Desenvolver a linguagem clara e espontânea através de oportunidades em que se leva a criança a falar, como : conversa, hora de histórias, palestras, dramatizações, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das atividades já citadas e com o enriquecimento de coletivos.

— Corrigir os erros de linguagem mais comuns ou mais graves da classe.

— Dar noções simples de sujeito e de predicado, de substantivo, de pronome e de verbo.

Leitura

— Dar um grande interesse pela leitura e pelas atividades de leitura em classe.

— Promover um desenvolvimento rápido nos hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver a capacidade de interpretação inteligente de material simples.

— Desenvolver a capacidade de ler silenciosamente matéria ligada a outras do programa como Ciência, Geografia, etc.

— Desenvolver a capacidade de ler oralmente, em situações normais de leitura oral.

Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas, bilhetes com um fim real.

— Desenvolver a boa organização dos fatos e a clareza da linguagem na composição de histórias da imaginação da criança ou à vista de gravuras.

— Oferecer boas normas de composição através da leitura de bons livros.

— Desenvolver a concordância verbal nos casos em que as composições o exigirem.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sílabas simples; com letras geminadas; com *se* e *ce*; com *x*; com *ch*; com *qu* e *gu*, etc.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem e das palavras com ditongos e tritongos.

— Desenvolver a capacidade de escrever trechos simples, sob ditado.

Escrita

— Desenvolver os hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver as qualidades de alinhamento, formação das letras, regularidades de inclinação e espaçamento.

— Treinar a escrita de 50 letras por minuto.

INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

LINGUAGEM ORAL

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

Havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver a linguagem.

Como, porém, desenvolver-se o pensamento?

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separar-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro da linguagem influi na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Daí estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário porque a classe é confiada a um só professor:

a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias de linguagem, mas através de todas as matérias e em todas as atividades;

b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como todas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças expressem sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças ao envés de $2+2=$, não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa da linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conversar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque esse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se preparam.

*

No segundo ano, continua-se a orientação do primeiro.

O ambiente da escola e a personalidade do professor devem influir favoravelmente, predispondo as crianças para uma expressão espontânea e natural.

Adquire-se a linguagem através de um treino persistente e inteligentemente orientado pela habilidade do professor. Atividades individuais e em grupo realizadas em classe devem criar oportunidades frequentes para a criança falar.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

1.º) Conversa diária sobre o plano de:

- a) atividades do dia;
- b) atividades gerais;
- c) um determinado trabalho;
- d) uma excursão;
- e) uma dramatização;
- f) um programa de auditório, etc.

2.º) Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a "Hora de Histórias":

"O velocino de ouro" — "O isqueiro encantado" — "Rosa Branca e Vermelha" — "As duas fadas" — "Histórias de anões" — "O ganso dourado" — "Riquete lopetudo" — "Os doze cisnes selvagens".

3.º) Gravuras:

- a) expor 3 ou 4 gravuras incompletas;
- b) estimular cada criança a inventar uma história sobre uma delas;
- c) estimular as crianças a trazerem pequenas gravuras interessantes sobre quaisquer assuntos;
- d) agrupar as gravuras de acordo com o conteúdo e conversar sobre elas.

4.º) Excursões de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

Escolha de acordo com a necessidade da classe.

5.º) Dramatização:

Dramatizar uma história do tipo do "Ganso Dourado", versão de Grimm.

6.º) Poesias lidas pela professora:

- a) ler as poesias;
- b) conversar sobre as poesias;
- c) fazer decorá-las.

Sugestões quanto ao tipo:

"Os tamanquinhos", de Cecília Meireles; "A rã e o touro", de Olavo Bilac.

7.º) Histórias lidas pela professora:

"Narizinho Arrebitado"; "O sítio do Pica-Pau Amarelo"; "Marquês de Rabicó" "Casamento de Narizinho"; "Aventuras do Gato Félix", do livro "Reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Relativamente à gramática, que se sugere deste período em diante, divergem as correntes, dando-lhe uns a primazia no ensino da língua, e indo outros ao extremo de suprimi-las na escola primária.

Achamos de bom aviso guardar um justo meio termo, consagrando o que se nos afigura essencial, mas procurando contrabalançar os males da "gramatiquice", com a recomendação de processos mais conformes com a atual metodologia da linguagem.

Primeira preocupação do professor deve ser o treino dos alunos nas formas certas, de modo que manejem um vocabulário próprio com boa sintaxe, antes de se darem conta da existência da gramática.

Assim, por exemplo, saberão empregar adequadamente o verbo *haver*, como auxiliar, como transitivo direto e como impessoal, ainda que não conheçam essa classificação, e isso através de atividades e exercícios numerosos e bem escolhidos.

Admite-se que não saibam que *haver* seja impessoal em determinado caso, mas não troquem praticamente o verbo *haver* pelo *ter*, como usualmente se faz.

Mais tarde, depois do domínio dos fatos da linguagem, o que se comprova com a expressão certa das relações comuns da vida, é que deverá surgir o problema gramatical com a indução das regras elementares.

Primeiro a língua, depois a gramática, tendo-se presente que a gramática deve ser extraída da língua falada e escrita.

Através das várias atividades deste trimestre, o professor deve aproveitar oportunidades para formar a noção do sujeito e do predicado completos.

Atividades:

1.º — Conversa:

- a) as maneiras já sugeridas;
- b) uma vez por semana conversar sobre acontecimentos noticiados nos jornais, que possam interessar às crianças, para dilatar seus interesses.

2.º — Histórias contadas pela professora:

Hora de Histórias: — "Aladino e a Lâmpada Maravilhosa" — "A fonte da vida" — "O pássaro azul" — "O cavalo encantado" — "Branca Flor" — "João Grumete".

3.º — Gravuras:

- a) usá-las, freqüentemente, das várias maneiras sugeridas;
- b) colecionar gravuras sobre as principais personagens da Infância Mineira;

c) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras.

4.º — Excursão, de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º — Dramatização:

Tipo: — "História do Tocador de Gaita", do livro — "Histórias que a Mamãe contava", de João Kopke.

6.º — Poesia:

- a) ler uma poesia, conversar sobre ela;
- b) fazer decorá-la.

Tipos: "Deus", de Olavo Bilac; "O Lobo e o Cão", de Olavo Bilac.

7.º — Histórias lidas pela professora:

Continuação do livro "Reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato; "Cara de Coruja"; "O Irmão de Pinóquio"; "O Circo de Escavalinho"; "O Pó de Pirlimpimpim".

8.º — Palestras:

Para ajudar a criança a pôr as idéias numa determinada seqüência lógica, as primeiras palestras devem ser sobre cousas que ela possa mostrar ou fatos sobre que possa ilustrar fartamente;

- a) palestrar sobre alguma coisa feita ou colecionada;
- b) sobre alguma coisa interessante trazida para o museu;
- c) sobre maneira de se fazer uma determinada coisa de interesse da classe, — ex.: uma arapuca, um apiário, um passe de mágica, etc.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

Nesse trimestre o professor deve aproveitar tôdas as oportunidades para dar à criança a noção da palavra principal do predicado — o verbo — e da palavra principal do sujeito — o substantivo e o pronome.

Atividades:

Associar, quanto possível, as atividades às datas cívicas deste período.

1.º) Conversa.

2.º) Histórias contadas pela professora.

Horas de Histórias: — Nesse trimestre, a hora de histórias pode ser preenchida, de vez em quando, com histórias contadas pelas crianças. As histórias devem ser curtas e contadas antes ao professor. As que forem contadas pelo professor podem ser reproduzidas, nessa hora, se forem da escolha espontânea da criança.

Sugestões para a professora:

"Cabeça de Cavalinho", versão de Anderson; "A Gata Borralheira", versão de Grimm; "João Bôbo"; "Rosa Vermelha e Rosa Branca", versão de Grimm; Histórias de Anões; "O Urso Encantado"; "Jack e o pé de feijão"; "O Príncipe querido"; "A bola de ouro".

3.º) Gravuras;

4.º) Excursões: — De acordo com o programa de ciências ou de geografia. Escolha de acordo com o interesse da classe.

5.º) Dramatização:

Tipo: — História do Chapéuzinho Vermelho.

6.º) Poesias:

Tipos: — "O leão e o camandongo"; "O soldado e a trombeta" e "As Flores", de Olavo Bilac.

7.º) História lida pela professora:

Sugestões: — “Juca e Chico”, de Busch; “As Irmãs de Juca e Chico”, de Elisa Resende; “As Irmãs de Juca e Chico”; “Sinhazinha e Maricota”, de Levitzow; “O Saci”, de Monteiro Lobato.

8.º) Palestras.

OUTUBRO E NOVEMBRO

O professor deve orientar seu trabalho no sentido de levar a distinguir substantivos próprios e comuns e pronomes. Oportunidades devem ser dadas também para enriquecer o vocabulário das crianças com substantivos coletivos.

Atividades:

1.º) Conversa. Observar as datas cívicas deste período, da maneira indicada.

2.º) Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a Hora de Histórias: — “Simbad, o marinheiro”; “No reino das fadas”; “Rosa mágica”; “Os doze cisnes selvagens”; “O velocino de ouro”; “Os doze cisnes”; “O cavaleiro do cisne”; “A fonte da vida”.

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º) Dramatização:

Tipo: — Rever as dramatizações já realizadas.

6.º) Poesias:

Ler poesias e comentá-las com as crianças. Acentuar as imagens mais bonitas e fazer sentir os elementos principais da poesia lida. Tipo: “Os Pobres” e “Natal”, de Olavo Bilac.

7.º) Histórias lidas:

“O camondongo cinzento” e “Blondina”, de Condessa de Ségur.

8.º) Palestras.

Resultados: — No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) contam histórias mais longas com boa seqüência lógica;
- 2) revelam grande interesse pelo trabalho criador;
- 3) conhecem e apreciam outras 20 histórias do nosso folclore;
- 4) contam com boa seqüência lógica fatos presenciados ou ocorridos consigo;
- 5) têm a noção do sujeito e do predicado, do verbo e do substantivo e do pronome;
- 6) revelam o vocabulário adquirido através de experiências vividas, de histórias, de poesias, e através do estudo dos coletivos;
- 7) sabem de cor, no mínimo, oito poesias.

LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acordo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e um processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Daí, os casos tão freqüentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem porque não interpretam. A primeira preocupação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que vai ensinar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. É nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma, enquanto a criança não tiver um profundo interesse pela leitura e “motivos imperiosos” que a obriguem a ler.

★

Além do enriquecimento de experiência e do desenvolvimento de um interesse vivo pela leitura, a atividade máxima do segundo ano está em desenvolver rapidamente os hábitos, altitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa, já iniciados no primeiro ano do curso, isto é, reconhecimento rápido e acurado de palavras e grupo de palavras; capacidade de perceber grandes unidades de pensamento; habilidade de atacar palavras novas; poder de concentrar-se no texto e de interpretar inteligentemente o que lê. Isso implica leitura abundante e variada de material fácil e interessante. O vocabulário, a estrutura das sentenças devem ser os usados pelas crianças de todos os meios sociais.

As aulas de leitura terão como objetivo manter os hábitos já formados, eliminar hábitos indesejáveis e desenvolver o poder do leitor.

Para manter os bons hábitos formados deve ter-se na classe material simples e interessante que facilite a leitura independente, isto é, sem o auxílio do professor.

Os maus hábitos devem ser eliminados um de cada vez. O professor, quando reúne o grupo para a leitura, expõe claramente

o hábito que tem em vista eliminar. Os exercícios para correção dêsse maus hábitos devem ser intensos, variados e interessantes. Por isso, aconselha-se ao professor reunir as crianças que manifestarem o mesmo grau de deficiência, trabalhar com elas e marcar trabalho para as demais. É o melhor dos hábitos de trabalho que um professor pode conseguir, principalmente quando se trata de classes muito numerosas.

As atividades para desenvolver o poder do leitor implicam um tipo de leitura que promova um crescimento maior nos hábitos de interpretação inteligente.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

O trabalho nestes dois meses deve correr muito semelhante ao do último trimestre do 1.º ano.

A — Tese de leitura oral:

a) mandar ler um trecho à primeira vista. Registrar os resultados;

b) mandar ler um trecho com estudo prévio independente do professor. Registrar os resultados.

B — Teste de leitura silenciosa:

Mandar ler uma história curta e fácil para responder com sinais ou poucas palavras, às perguntas feitas no quadro.

C — Leitura no livro adotado (do 1.º ano) para desenvolver a capacidade de perceber grupos maiores de palavras;

a) destacar da lição frases e palavras; fazer exercícios de leitura no quadro;

b) destacar da lição palavras e frases, escrevê-las em fichas e fazer exercícios de exposição rápida;

c) ler para a classe uma história do livro adotado. Mandar cada criança ler um trecho. Evitar as ordens “adiante”, “bastante”, o que mecaniza muito, mas indicar o trecho pelo conteúdo, assim — “Fulano, leia o trecho que nos conta o nome do menino, etc.”

D — Leitura silenciosa:

a) mandar ler silenciosamente uma história do livro para responder às perguntas feitas no quadro;

b) escrever de um lado do quadro perguntas numeradas e, do outro, as respostas com numeração desordenada. Mandar as crianças lerem as perguntas e as respostas para escreverem numa folha de papel, o número da pergunta ao lado do número da resposta;

c) leitura silenciosa por prazer, na biblioteca da classe;

d) leitura silenciosa de direções (ordens) para realizar determinados trabalhos. Ex.: direções (ordens) para colorir, para desenhar, cortar e colar, etc.

E — Exercícios diários com cartões relâmpagos contendo palavras ou grupos de palavras.

Cartões relâmpagos são fichas com palavras ou grupos de palavras. Têm esse nome, porque devem ser apresentados rapidamente às crianças.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Atividades:

— Atividades para despertar o interesse pelo livro adotado

a) folhear o livro para reconhecer alguma história pelas gravuras;

b) ler o índice para ver que histórias o livro contém, etc.

B — Atividades para eliminar os maus hábitos em leitura oral.

1.º) *Leitura oral*: — Estudar silenciosamente uma história

para:

a) ler o trecho mais bonito para a classe;

b) contar o resto da história;

2.º) *Fazer leitura dramatizada* para desenvolver a naturalidade e a expressão. Cada criança lê as palavras de uma determinada personagem, numa história dialogada.

3.º) *Leitura oral em pequenos grupos*

O professor reúne as crianças em grupos de 4 a 5, de acordo com o seu desenvolvimento. Os grupos trabalham por si mesmos, e, quando necessitam, pedem o auxílio do professor. Cada criança traz consigo uma ficha e marca o que os companheiros revelarem, como:

a) leu com clareza;

b) saltou palavras;

c) trocou palavras;

d) leu correntemente;

e) leu com bom timbre de voz;

f) leu com naturalidade e expressão, etc.

Os pontos dessa ficha variam de acordo com o adiantamento das crianças que compõem o grupo.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor em leitura oral e silenciosa;

4.º) *Leitura oral para toda a classe.*

Uma vez por semana deve reunir-se a classe para a Hora de Leitura. Os melhores leitores participarão do programa; os outros assistir-lhe-ão ao desenvolvimento. A leitura deve ser estudada previamente. Depois de cada leitura discutir:

- a) o trecho, se foi bem escolhido;
 - b) a história, se foi de interesse geral;
 - c) a leitura, se foi clara, agradável e expressiva;
 - d) a pronúncia e a articulação, distintas, etc.
- D — Leitura silenciosa:

O professor deve apresentar constantemente questões que despertem o interesse das crianças e que, assim, a obriguem a pensar, enquanto lêem. A leitura silenciosa deve ser sempre feita com algum objetivo em vista.

1.º Ler uma história e responder perguntas feitas previamente.

2.º Ler uma história e desenhar cenas do princípio, do meio e do fim.

3.º Ler uma história e dividi-la em suas principais partes.

4.º Ler instruções para realizar um trabalho como:

- a) colorir gravuras;
- b) compor uma história com fichas desordenadas,
- c) cortar e colar, etc.

Essas atividades devem ser muito freqüentes dêsse período em diante, para desenvolver o hábito da leitura independente de interpretação inteligente do que lêem.

E — Atividades para desenvolver rapidamente os hábitos formados no primeiro ano da classe.

Ler silenciosamente por prazer na biblioteca.

F — Exercícios para desenvolver a capacidade de reconhecer rapidamente palavras e grupos de palavras:

- a) exercícios com cartões relâmpagos;
- b) expor ordens para as crianças executarem: Ex.: "Imite a Emilia, despedindo-se de D. Carochinha", etc.

d) decompor palavras difíceis para auxiliar o seu pronto reconhecimento.

Cada criança deve ler pelo menos quatro livros nesse período além do livro adotado.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

A — Testes de leitura oral.

B — Testes de leitura silenciosa. Esses testes devem ser dados de maneira já indicada no primeiro trimestre. Os resultados devem ser comparados para verificar o progresso das crianças.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor:

- 1 — Para desenvolver o poder de pensar no que lê:
 - a) fazer ler silenciosamente uma história;
 - b) mandar escolher, entre três respostas, uma adequada à pergunta, sem abrir os livros;

d) ler para localizar um dado ou um fato. Ex.: Verificar em que lição e em que trecho desta há uma explicação sobre a casa do castor, etc.

2 — Para desenvolver a capacidade de reter fatos lidos:

- a) mandar ler uma história;
- b) apresentar perguntas e mandar que respondam com os livros fechados. As outras atividades serão as mesmas dos períodos anteriores.

Manter diariamente a leitura independente de material muito fácil, para desenvolver rapidamente os hábitos formados.

Atividades para desenvolver o poder do leitor:

OUTUBRO E NOVEMBRO

Atividades para desenvolver o poder do leitor:

A — Leitura associada às demais matérias do programa:

- a) dar um tópico e indicar a leitura a ser feita sobre ele;
- b) conservar e discutir os dados colhidos pelas várias crianças. Seguir as mesmas atividades nos períodos anteriores. Nesse período cada criança deve ler, no mínimo, 4 livros.

Resultados — No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- b) lêem oralmente, à primeira vista, por unidade de pensamento, e não palavra por palavra;
- c) fazem perguntas sobre a matéria lida;
- d) discutem inteligentemente o que lêem.
- e) interpretam o material ligado às várias matérias do programa;

f) mantêm grande interesse pela leitura.

Sugestões para livros a serem lidos nesse ano:

"História de Cristininha" — "História de Joãozinho" — "Os bonecos de Elzinha" — "Tinzinho e os pés rimbos" — todos de Carlos Frederico, "Rosa Alice no Palácio Encantado" — "O urso que tinha música na barriga" — "As memórias do Elefante Basílio", todos de E. Veríssimo; "Leitura Preparatória", de Francisco Viana; "O livro de Violeta", de João Lúcio; "Histórias de animais", de João Kopke; "Meu livro", de Teodoro de Moraes, "Primeiras leituras", de Maria dos Reis Campos e Alcina de Sousa; "Leitura intermediária", de Erasmo Braga.

COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a

primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinquenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quase impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? E' a lei do exercício que vai resolvê-lo. Em primeiro lugar, o que é essencial na composição é o desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na correção das formas gramaticais, mas, sim, o treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição, etc.. Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-lo, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

E' justamente êsse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, fruto da maturidade da criança e da persistência do professor.

O problema das composições tráz consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de tôdas, seja uma palavra, ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular seus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura, de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos, escolhidos entre os mais graves e os mais freqüentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três vezes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos das próprias composições, faz com êles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se

corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a composição: originam-se freqüentemente dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo que tenham muito que dizer. E não é só isso. E' necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas, dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias e trechos de boa forma devem ser dados com freqüência.

*

O treino da linguagem oral, o enriquecimento da experiência, o contacto com livros ilustrados e a leitura devem ter produzido um grande desenvolvimento na capacidade de a criança pensar e organizar o seu pensamento.

A estrutura da sentença continua simples, mas vai se desenvolvendo, inconscientemente, *pari-passu* com o desenvolvimento das formas mais complexas do pensamento.

Através da correção das composições as crianças devem ir ganhando outras noções de gramática. Vão, por si mesmas, fazendo induções e generalizações até estabelecerem algumas regras.

Atividades:

A — Exercícios para desenvolver a organização de idéias e dar normas às crianças:

1 — exercícios de composição de cartas, em colaboração, com o tratamento da 3.ª pessoa.

2 — exercícios individuais de composição de cartas;

3 — exercícios de colaboração e individuais de composição de avisos e ordens;

4 — exercício de colaboração e individuais de redação de convites e de agradecimentos, etc.

B — Exercícios de composição para desenvolver boa organização na seqüência cronológica dos fatos:

1 — exercícios de composição sobre as cenas de uma história muda;

2 — exercícios de composição de uma história sobre gravuras de sentido completo.

C — Exercícios para desenvolver a organização de idéias, clareza e imaginação:

1 — Composição de história à vista de gravuras de sentido incompleto;

2 — composição de histórias com duas, três, quatro, cinco e seis palavras dadas;

3 — composição de cartas enigmáticas.

D — Exercícios para desenvolver a capacidade de organização de idéias e clareza de exposição:

1 — exercícios de responder a perguntas ligadas às várias matérias do programa;

2 — mandar ler um trecho;

3 — mandar responder a perguntas feitas sobre o que foi lido.

A princípio as perguntas devem implicar a citação de um fato, depois dois, três, até seis fatos.

E — Exercícios de verificação das noções e formas gramaticais adquiridas através das composições.

F — Atividades para medir o desenvolvimento das composições:

a) dar o objetivo da atividade para a classe;

b) ler uma história curta;

c) mandar escrever a história;

d) registrar os resultados.

NOTA: — Essa atividade deve ser repetida cada três meses.

No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a forma de cartas, recados, convites, etc.;

b) redigem convites, recados e cartas;

c) respondem por escrito a perguntas previamente feitas sobre a leitura, implicando organização até 5 fatos distintos;

d) têm um grande interesse pelo trabalho criador;

e) escrevem ou reproduzem uma história com boa seqüência;

f) revelam um bom desenvolvimento na estrutura das sentenças.

ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais frequentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação defeituosa. As trocas de letras, tão freqüentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de todas as matérias do programa, deve ter meios certos de *contrôle*. Enquanto não se dispõe de

outros recursos, o livro de leitura adotado na classe pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem de uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavras para cada ano devem ser:

1.º) freqüência nos exercícios escritos;

2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter uma caráter acentuadamente artístico.

*

No segundo ano, o treino de ortografia é muito semelhante ao do segundo semestre do primeiro ano.

Na seleção de palavras, o professor pode orientar-se pelo livro de leitura adotado na classe, completando-o com as palavras erradas dos exercícios escritos e com outras sugeridas pelas outras matérias como, pela Geografia, História do Brasil, Ciências, etc.

Atividades:

A — Os mesmos exercícios do último semestre do primeiro ano.

B — Exercícios de marcação de sílabas. Marcar mais fortemente a sílaba acentuada.

C — Exercícios de divisão de sílabas.

No fim do segundo ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a ortografia gramatical dos verbos nos tempos presente e imperfeito do subjuntivo;

b) conhecem a ortografia de palavras mais comuns no seu vocabulário, aprendidas através da percepção visual, isto é, palavras que aprendem a escrever prestando atenção na forma, como: homem, descida, etc.;

- c) conhecem a acentuação das palavras paroxítonas;
 d) dividem as palavras aprendidas por percepção visual e com letras geminadas;

e) dividem palavras com ditongos e tritongos.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavras para cada ano devem ser:

1.º) frequência nos exercícios escritos;

2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentuatadamente artístico.

3 — escrevem corretamente palavras desconexas, ditas de acôrdo com a família ou com os sufixos e prefixos das palavras;

4 — possuem recursos para escrever corretamente palavras desconhecidas, transmitidas num texto de sua compreensão;

5 — conhecem algumas regras abidas por indução;

6 — distinguem palavras pelas sílabas e pela acentuação;

7 — sabem dividir palavras em sílabas.

ESCRITA

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem difundidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida exige, nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez e legibilidade*.

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pegar caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se ele não se faz contínua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem defronte da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão

e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da criança fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser de molde a permitir que o braço direito descanse naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança, ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30° mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim, paralela à diagonal traçada do canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3.º e 4.º dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontoar para segurá-los. Devem ser mantidos entre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aquele.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como todas as atividades, deve ser controlada, sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1) espaçamento das palavras;
- 2) espaçamento das linhas;
- 3) inclinação da escrita;
- 4) forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5) regularidade das letras e da inclinação;
- 6) ausência de floreios.

A qualidade mede-se, também, pela *disposição geral*:

- 1) margem;
 - 2) centragem de títulos;
 - 3) aberturas de parágrafos.
- Pela lîmpeza*

- 1) rasuras;
- 2) borrões;
- 3) cuidado geral

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O quociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiên-

cia das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios pra corrigi-los e registrando os seus progressos.

*

Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário

A Aritmética, se ensinada com o objetivo único de ensinar Aritmética, sem atender a necessidades reais e sem corresponder a situações que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria esse fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. No entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação, pouco duram, dêles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo desperdiçados inutilmente. E' costume dar aos alunos, por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descurando-se daqueles casos real e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "cit/100" e, contudo, duvidará diante de uma caderneta de Caixa Econômica, para calcular os juros de um semestre. Saberá resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19, etc., e talvez se visse embaraçado se lhe dissessem: "Volte daqui a três quartos de hora". Hábeis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente, o preço de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal isto é, aplicar a Aritmética aprendida na escola aos problemas corriqueiros de todo dia. E' que entre a Aritmética da escola e a Aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conhecimentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aqueles que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhe são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco, vinte e cinco etc., mas aceitará, satisfeita a troca de um níquel de Cr\$ 0,40 ou de uma pratinha de Cr\$ 0,50 por alguns níqueis de Cr\$ 0,10, atraída pelo número dêstes, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos está reservada a parte mais delicada do programa. Cumpre-lhe oferecer aos alunos situações oportunas, atuais, em que os números entrem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Tudo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projetos ou atividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos. Ex.: Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos, etc.) chegam à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, presos com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegariam para uma parede, 2 metros e meio para outra. Escolhida a fazenda, decidiram por uma de Cr\$ 1,60 o metro.

Quanto gastariam, então? Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

	Cr\$
4 metros, a Cr\$ 1,60	6,40
1/4 do metro	0,40
4 metros e 1/4	6,80
2 metros	3,20
1/2 metro	0,80
2 metros e 1/2	4,00
	6,80
	4,00
	10,80

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elaborarão oportunamente.

Será fácil, depois dêsses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,25 por Cr\$ 1,60. E de 2,50 por Cr\$ 1,60. Ou de 6,75 por Cr\$ 1,60. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado "Cr\$ 6,80" e não o resultado "Cr\$680,00"; "Cr\$ 4,00" e não Cr\$ 400,00".

4,25	4,25	
1,60	1,60	
<hr/>		
2550	2550	
425	425	
<hr/>		
68000	68000	etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à solução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas, o interesse despertado pelo problema, que foi realmente "um problema da classe" e que fez, por isso mesmo, um apêlo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de boa vontade, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, fáceis. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Sómente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor é que a êle se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realçado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais, seriados, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *compreender*, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão, isto é, depois de *compreender* que 5 mais 7 são 12, que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc., por que não associar rapidamente esses resultados à indicação das operações, chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Toda dificuldade será, pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerre e feita a verificação por meios *objetivos*, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), *que decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a raciocinar, que promovam associações úteis.*

Os problemas trazem *vida* ao trabalho, quando bem aproveitada dos, além de fornecerem *motivos* para o estudo. Dão *finalidade* às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as mais ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para *desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo*). Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horário. Problemas sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (percentagem de alunos frequentes em cada classe na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da Biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da Biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio, importação e exportação, população, anúncios, etc." Em certa escola primária, por iniciativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma cozinha para os pobres na cidade Ozanan. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos, e terminaram com um festival que satisfiz plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Jamais a Aritmética fôra tão vivida pelos alunos nessa escola. Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de todas as classes, quanto faltava para os Cr\$ 3.500,00 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o capital mais rapidamente. Movimento de pequenas rifas de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasias para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios do mesmo, impressão de ingresso, etc., etc., levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelaram aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias, como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral. Os mesmos problemas imaginados, não teriam despertado tanto interesse nem provocado igual curiosidade intelectual. Contudo, os

problemas atuais não poderão ser exclusivos no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogo, etc., etc.

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade de auxílio da Aritmética e apreciar sua técnica na solução dos problemas. E, assim, a aprendizagem se tornará mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: — Todas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é a de desenvolver no aluno motivos fortes para a ação que eleva, para a ação que dignifica. A Aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos supérfluos, etc.), etc. etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que se prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do Município, do Estado, do País; os impostos, seu emprêgo); previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc); etc., etc. Assim as questões presas à economia política e à ciência das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições, natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da Aritmética, deve ser vivo, prende-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição de corpo, linhas ângulos, etc., corresponderia a partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, parece o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados, os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as cousas e suas formas; e compreender como as formas das cousas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de "medida de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encadeamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho:
 - a) considerando as experiências como base;
 - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais
- 2 — Atender às diferenças na classe:
 - a) questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
 - b) trabalhos qualitativa e quantitativamente dosado.
- 3 — Exigir sempre exatidão nos cálculos (uma questão está certa ou errada).
- 4 — Garantir um controle automático nos fatos fundamentais das quatro operações.
- 5 — Habituar o aluno a verificar seu próprio trabalho.
- 6 — Levar o aluno a colaborar na elaboração de regras e princípios.
- 7 — Verificar, periódicamente, o progresso dos alunos, tornando-os interessados pelos resultados.
- 8 — Desenvolver o cálculo mental.
- 9 — Desenvolver a capacidade para aplicar os conhecimentos.
- 10 — Desenvolver a capacidade para raciocinar e o hábito de raciocinar.

*

FEVEREIRO E MARÇO

Revisão: — Aplicar, em problemas e outros exercícios, a matéria estudada no primeiro ano.

Contar até 100 por 1, 5 e 10 (Substituir a contagem objetiva do primeiro ano pela contagem simbólica).

Contar em série, indo além de 100.

Aplicação da numeração ordinal até décimo.

Exercícios orais e escritos com os fatos fundamentais da soma e da subtração, sob a forma de problemas.

Exercícios de cálculo mental, limitando o resultado a 18.

Somas de três números simples (revisão dos fatos fundamentais).

Somas de números compostos de dois algarismos.

Subtração de números compostos de dois algarismos.

Exercícios, em problemas orais, com a moeda, até dois cruzéis ou um pouco mais, se a classe permitir.

Problemas usando: — metro, meio metro; litro, meio litro, quilo, meio quilo; dúzia, meia dúzia; metade, dôbro.

Montar a "loja escolar".

(A loja não tem uma finalidade financeira. Como entre outros valores sociais está o uso mais fácil da moeda, é aconselhado manter a loja durante todo o segundo ano. Para aumentar o seu movimento e dar mais oportunidades à resolução de problemas, a "loja" poderá atender a outras classes, havendo, neste caso, um horário especial para efetuar as vendas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar até 300 ou mais.

Introduzir a expressão "um quarto" nos problemas.

(No primeiro ano, tornaram-se os alunos familiarizados com a expressão "metade", resultante da divisão do objeto ou grupo de objetos em duas partes iguais. É o passo inicial para compreender a fração.

A representação simbólica " $\frac{1}{2}$ " não será necessária nem ao primeiro ano e nem ao segundo. Assim também a representação " $\frac{1}{4}$ ". Mas, no terceiro ano, quando a forma gráfica será então associada à experiência que representa.

"Compreensão — notação — aplicação" — são três passos definidos no ensino das frações. No primeiro passo — compreensão — a fração será apresentada em situações reais, isto é, em situações em que ela é comumente usada. Ganha assim a idéia de fração, objetivamente, os alunos terão mais facilidade para aplicá-la.

Exercício de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Números romanos até XII.

Aplicação da numeração ordinal até vigésimo.

Somas de dois números (um composto de dois algarismos e outro simples).

Ex.: 13 + 5; 24 + 3; 12 + 4; etc.

Limitar os exercícios àqueles casos em que o total não ultrapassa a década em que está o adendo maior. Não entrando, assim, casos como estes: 17 + 8; 19 + 4; 27 + 3; etc.).

Somas de números compostos. Introduzir a reserva (Limitar os resultados parciais a 18).

Subtração de números compostos (todos os algarismos do minuendo devem ser maiores que os seus correspondentes no subtraendo).

Formar, nos alunos, o hábito da verificação. Verificar a soma pela própria soma, feita em sentido inverso. A subtração, pela soma.

Introduzir a multiplicação (como um novo vocábulo para a soma de parcelas iguais). Continuar o trabalho iniciado no primeiro ano, contando de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10.

Multiplicação de dois números simples, sendo um deles 2, 5 ou 3.

Dar os fatos fundamentais da multiplicação (multiplicação de dois números simples) e as inversões. Ex.:

8	2	5	3	7	2	
2	8	3	5	2	7	etc.
—	—	—	—	—	—	

São aconselhadas fichas de cartolina (ou outro material, de forma retangular), que tragam de um lado o fato fundamental, e do outro lado, o fato fundamental seguido de seu resultado.

8	8
4	4
—	—
—	32

Divisões correspondentes às multiplicações de dois números simples (fatos fundamentais da divisão).

Dos exemplos acima, são correspondentes:

16 ÷ 2; 16 ÷ 8; 15 ÷ 3; 15 ÷ 5; 14 ÷ 2; 14 ÷ 7 ou

16		2	16		8	etc.
—			—			

(A princípio, dar, ao mesmo tempo, a multiplicação e a divisão correspondente, para que as crianças verifiquem que o quociente é sempre um dos fatores).

Conhecer a moeda até dez cruzeiros.

Exercícios, em problemas, com as medidas aprendidas.

Triângulos e quadriláteros. (Reconhecimento e aplicação das formas geométricas: círculo, triângulo, quadrilátero).

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Ler e escrever números até 500 ou mais.

Contar de 2 em 2, começando de qualquer número (31, 33, 35, etc.; 28, 30, 32, etc.; 39, 41, 43, etc.).

Números pares e ímpares.

Subtração de números de dois ou três algarismos (casos em que um algarismo no minuendo seja menor que o seu correspondente no subtraendo).

Ex.:

392	427
169	283

Exercícios com os cem fatos fundamentais da soma e da subtração para rapidez. Outros exercícios de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Colunas de soma, com três números simples. (Usar todos os fatos fundamentais. E, de modo especial, os menos fáceis, como $8 + 9$, $6 + 7$, $5 + 9$, $8 + 7$, $7 + 9$, etc.).

Ex.:

7	2	4	5
2	3	4	3
7	9	9	7

Revisão dos fatos fundamentais da multiplicação, já estudados. Introduzir outros fatos fundamentais em que um dos fatores seja 4, 6, 7, 8, 9. (Dar as duas formas simultaneamente).

Ex.:

6	4	8	6	9	7
4	6	6	8	7	9

etc.

Divisões correspondentes (fatos fundamentais da divisão).

Ex.: $24 \div 6$ e $24 \div 4$ são fatos fundamentais da divisão que correspondem aos seguintes fatos fundamentais da multiplicação: 6×4 e 4×6 . $48 \div 6$ e $48 \div 8$ correspondem às multiplicações 6×8 e 8×6 .

(São aconselhadas fichas para o estudo dos fatos fundamentais da divisão).

24/6	24/6
—	—
4	4

Conhecer a moeda até Cr\$ 50,00. Dar, sem escrever a operação o trôco de qualquer importância sobre cinco cruzeiros.

Multiplicação de um número composto de dois ou três algarismos por um número simples. A princípio, com produtos parciais simples. Depois, composto.

Ex.:

324	121
2	4
516	721
3	8

Conhecer, no relógio, as horas e minutos.

Exercícios de cálculo mental, aplicando: metade, dôbro, um quarto.

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas.

Aprender a ler o calendário: — dia, semana, mês, ano.

OCTUBRO E NOVEMBRO

Ler e escrever números até mil ou mais.

Contar de 2 em 2, de 10 em 10, começando de qualquer número (13, 23, 33, etc.; 7, 17, 27, 37, etc.).

Algarismos romanos até XX.

Soma de dois, três e quatro números (de dois ou três algarismos), levando uma, duas ou três reservas (resultados parciais das colunas, separadamente, até 18).

Exercícios e problemas em que entre a subtração de números de dois e três algarismos. (Não incluir zeros no minuendo quando o correspondente, no subtraendo, não for zero).

Somas de números simples, para exercícios de rapidez.

Fatos fundamentais da divisão, inexactos.

Ex.: $14 \div 3$; $17 \div 5$, etc.

Multiplicação de um número composto por um simples, incluindo zero no multiplicando.

Ex.:

205	308	607
3	5	4

Exercícios, em problemas, com metade, um quarto e dôbro.
 Conhecer a moeda até cinqüenta cruzeiros.
 Conhecer, no relógio, as horas e os minutos.

No fim do 2.º ano os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1 — resolvem pequenos problemas de uma ou mais operações e aplicam a matéria estudada;
- 2 — fazem qualquer trôco (sem escrever) até cinco cruzeiros;
- 3 — sabem olhar as horas no relógio;
- 4 — reconhecem a moeda até cinqüenta cruzeiros;
- 5 — respondem aos fatos fundamentais da soma e da subtração; rapidamente;
- 6 — contam de 2 em 2, de 5 em 5 e de 10 em 10, começando de qualquer número;
- 7 — lêem e escrevem até mil.
- 8 — conhecem os fatos fundamentais da multiplicação e da divisão;
- 9 — têm ampliado o vocabulário aritmético e sabem usá-lo;
- 10 — reconhecem o círculo e o quadrilátero. Aplicam estas formas em seus trabalhos.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CAPÍTULO I

Pontos a considerar no ensino da Geografia

O ensino da Geografia na Escola Primária não tem como objetivo dar à criança o conhecimento de toda a matéria, o que não convém por dois motivos:

- a) a matéria é vastíssima;
- b) é mutável em seu fatos e localizações.

Assim sendo, o objetivo da Escola Primária ao ensinar Geografia à criança é torná-la um indivíduo capaz de, permanentemente, compreender os fatos e relações geográficas, acompanhando-os em suas mutações e importância para a vida do homem. Em resumo, tornar cada aluno capaz de aprender inteligentemente os fatores geográficos, compreendendo-os em sua relação com a vida humana.

Este objetivo não foi e nunca será alcançado se nós nos preocuparmos apenas em *transmitir* conhecimentos geográficos.

Poderemos alcançá-lo, no entanto, se visarmos o desenvolvimento do espírito da criança, dotando-o de qualidades necessárias à compreensão geográfica.

Tais são:

A — Atitude geográfica.

B — Pensamento.

C — Capacidade de utilizar os instrumentos de estudo da matéria.

A) — *Atitude geográfica*: — o estudo dos fatos e localizações geográficas não é simplesmente especulativo. Tais fatos e localizações devem ser estudados pela relação que têm com a vida do homem, favorecendo ou dificultando sua atividade e, em qualquer caso, obrigando-o a pensar para melhor adaptação. Todos os grupos de homens constituídos em sociedades experimentam, em sua vida econômica, política, social e espiritual, efeitos do ambiente em que vivem. Os *fatos geográficos*, quando isolados da vida humana, carecem de importância vital. Ao passo que, estudados em relação a determinado grupo de homens, em sua ação favorável ou desfavorável, controladora de atividades, estimuladora do pensamento, os *fatos geográficos* assumem máxima valia para compreensão do homem em seu caráter, seus problemas e dificuldades, desenvolvimento e ação.

Ex.: — *Chuva* — A chuva é da experiência infantil.

Em Geografia, a criança vai aprender a ver a chuva, não como um fato em si mesmo, mas sim, nos diversos aspectos de suas conseqüências para a vida: abundância, escassês, falta absoluta, fertilização do solo, necessidade para vegetais e animais, culturas, trabalho do homem para remediar sua falta, conseqüências financeiras, conseqüências na conduta social, enchentes, higiene, etc.

Assim, pode e deve ser estudada a chuva desde as primeiras aulas de Geografia, com observação no ambiente local. O estudo analítico do fenômeno, muito mais elevado e difícil, compete ao campo científico-natural, nos anos posteriores.

Ver os fatores geográficos sob esse prisma de *relação* com a vida humana é o que chamamos de *atitude geográfica*, atitude que a Escola Primária deve formar na criança.

B) — *Pensamento geográfico*: — Este está diretamente ligado à atitude. Em sua educação e desenvolvimento visamos tornar a criança capaz de *descobrir, localizar e interpretar* relações geográficas. É o pensamento que a levará a meditar sobre a vida dos homens nas diferentes regiões do globo:

Onde vivem ?

Como vivem ?

Por que vivem assim ?

Não se vai pedir à criança a interpretação de todas as relações geográficas; há muitas dificilmente perceptíveis. Outras, no en-

tanto, pela sua influência em situações concretas da vida da criança e da comunidade, podem ser facilmente fixadas para interpretação e julgamento.

Por exemplo: — Diferença de preços entre produtos alimentícios próprios ou não da região: o peixe do mar, a banana brasileira e a maçã estrangeira.

Por ela preparamos o pensamento da criança para interpretação de relações mais complexas e menos concretas.

E por isso a formação do pensamento geográfico é básica, deve constituir nossa preocupação desde a primeira aula de Geografia, pois vai influir sobre todo o curso.

C) — *Utilização dos instrumentos de estudo*: — as realidades geográficas não podem ser diretamente observadas pela criança, exceto em casos de Geografia local. Uma professora não pode viajar, com sua classe, por todas as regiões que deve estudar.

Essas regiões chegam até nós através de documentos de pessoas que as viram.

Esses documentos constituirão, pois, instrumentos para o estudo da Geografia. São eles, principalmente:

- 1 — Textos.
- 2 — Mapas e plantas.
- 3 — Gráficos.
- 4 — Fotografias, gravuras, etc.

Quanto maior habilidade tiver o indivíduo em utilizar-se desses instrumentos mais apto está para colher dados de raciocínio e julgamento sobre regiões geográficas distantes.

* * *

Vemos, pelo que ficou exposto, que a Geografia não é, absolutamente matéria de decoração pura; é, antes, de raciocínio e aquisição de hábitos, habilidades e atitude.

Exemplos: — O hábito de consultar o mapa; habilidade em interpretar uma legenda; utilização do raciocínio em julgar da importância de uma estrada de ferro para a vida de uma região, atitude de justa compreensão para com as possibilidades brasileiras.

O desenvolvimento da criança na matéria deve, pois, ser medido, não só pelos conhecimentos que possui, mas também pelo desenvolvimento do raciocínio, hábitos e habilidades que adquiriu.

Seqüência

Assim, considerada, a matéria deve ser levada ao conhecimento da criança, coordenada de tal modo que conhecimentos, habilidades e hábitos anteriores preparem o espírito para a etapa seguinte. A

falta de uma etapa vem, muitas vezes, prejudicar o resultado, como aconteceria se, em matemática, fôssemos ensinar a divisão a uma criança que não estivesse a par das operações de subtração.

Por isso, um programa completo de Geografia deve conter os seguintes aspectos: (*)

- A — Geografia local.
- B — Visão geográfica.
- C — Geografia universal.

Inicia-se pela Geografia local, mais inteligível para o aluno considerando-se que:

1.º — A atitude de sentir os fatores geográficos em relação à vida humana só pode ser formada pela observação de fatos da vida da criança, da família e da comunidade onde ela vive.

2.º — O pensamento geográfico em sua base tem que jogar com dados concretos, observáveis pela criança, visto que ela ainda não é capaz de abstrações.

3.º — Os instrumentos de estudo de Geografia são símbolos dos quais é necessário que a criança aprenda a significação. Esta significação só será apreendida quando, de início, a própria criança faz ou acompanha a transposição da realidade para o simbolismo. (Quando, por exemplo, ela própria representa uma rua muito conhecida por duas linhas traçadas no papel).

Geografia local

E' o estudo do ambiente natural em relação à vida da criança e da comunidade. Visa, não apenas a dar conhecimentos, mas principalmente ao início da formação do pensamento, atitude, hábitos e habilidades.

E' maravilhoso notar que, onde quer que esteja situada a escola, encontram-se no ambiente os mesmos elementos que condicionam a vida do homem nas mais diversas regiões do globo.

(Água — Solo — Clima — Vegetação — Rios — Vias de Comunicação — Animais — Povos vizinhos, etc.).

O estudo desses elementos em relação ao comércio, agricultura, indústria e outros aspectos da vida local — vem habilitar o aluno a compreender, mais tarde, a vida em todos os pontos do universo.

Essas relações, às vezes, são tão simples, que não nos lembramos de levar a criança a salientá-las, esquecidas de que cousas, assim concretas, são indispensáveis para as primeiras generalizações e interpretações infantis.

(*) Branom — *The Teaching of Geography*.

Exemplo: — a cidade X no Estado, não sendo, absolutamente, uma cidade industrial, mantém uma pequena fábrica de vinhos. Por quê? Nesse porque é que está a essência do ensinamento geográfico.

A relação entre o cultivo da uva e a altitude elevada, qualidade especial do terreno, etc., da cidade X orientará o pensamento infantil, tanto mais se se fizer uma comparação com cidades vizinhas, onde não exista a indústria do vinho, a menos que a matéria prima seja importada, o que já constitui nova relação geográfica digna de interpretação.

O maior valor da Geografia local está justamente na formação dessa base necessária ao bom desenvolvimento do espírito da criança.

Toda cidade, por pequenina que seja, tem assim pontos de sua vida social e comercial unidos ao meio em relação facilmente observável pela criança. Numa, é o plantio do arroz ou do feijão; noutra, uma indústria de laticínios; noutra, ainda, a abundância de determinadas frutas, etc.

Visão geográfica

Traduzimos por "Visão geográfica" um trabalho interessante aconselhado por Branom e que vem favorecer o desenvolvimento gradual do espírito infantil no espaço, favorecendo elementos que estejam dentro de seu interesse e compreensão.

Por ela alimentamos a curiosidade infantil dando mais interesse à matéria; introduzimos o hábito e elementos de comparação; fixamos a idéia de relação entre o homem e o meio.

Um exemplo: a criança do sul do Estado, ao estudar sua localidade, fica sabendo donde lhe vêm as frutas, os legumes, o leite, etc., que servem à sua alimentação. Mas... o chocolate? Eis aí uma oportunidade. Contando à criança alguma coisa da cultura do cacau e das regiões em que ele vive, sem preocupações com sua localização exata, dar-lhe-emos idéia da existência de outros homens, com vida um pouco diferente da nossa, vida condicionada a um ambiente também diferente do nosso.

Muitos trabalhos de visão geográfica podem ser feitos durante o estudo da Geografia regional. A maçã pode constituir outro tema interessante para esse trabalho.

Donde vem? Por que é tão mais cara do que a nossa laranja e a nossa banana?

Por que não a plantamos também? (referência à cidade de Maria da Fé) poderíamos produzi-la em larga escala? Por quê?

Esse trabalho não pressupõe o conhecimento detalhado de ne-

numa região, mas visa apenas a dar à criança a idéia da vastidão do mundo com a diversidade de seus ambientes naturais e da vida de seus habitantes.

A pecuária, tão desenvolvida a Oeste, será assunto de *visão geográfica* em muitas escolas do Estado, ao passo que a cultura da mamona interessará, do mesmo modo, a outras escolas.

Não só em questão de alimentação, mas também em objetos familiares à criança, encontramos assuntos interessantes: vestimentas, brinquedos, objetos escolares, etc.

Assuntos de *visão geográfica* não constarão de nosso programa. Devem vir incidentalmente, de acordo com o interesse e oportunidades diversas reveladas em classe.

Geografia regional

O trabalho anterior prepara a criança para a Geografia regional que é o estudo detalhado e aprofundado de uma região geográfica. Deve começar, naturalmente, pelo Estado de Minas e, dentro deste, pela região onde está situada a escola. Os aspectos mais importantes da vida social, econômica e política do Estado devem ser compreendidos pela criança em sua relação com a localização, clima, solo, vegetação, etc.

A Geografia regional continua no 4.º ano, com o estudo do Brasil em seus Estados e regiões mais importantes e interessantes, e influência que exercem na vida do País.

O Brasil como unidade geográfica e política é compreendido em suas possibilidades, problemas e dificuldades — intercâmbios e ligações estreitas entre os Estados.

Geografia universal

Finalmente estudar-se-á o mundo como um todo. Estudam-se os países mais interessantes pela importância, relações amigáveis, políticas e comerciais que mantêm com o Brasil. Deve ser firmada na criança a atitude simpática para com os povos estrangeiros, pela compreensão de seus problemas e dificuldades.

Definir o papel do Brasil no mundo e do indivíduo no Brasil.

A seqüência das regiões a serem estudadas, quer no Estado, no País ou no mundo, faz-se de acordo com a sua importância e interesse da classe. Faz-se ainda aproximando-se as regiões semelhantes ou contrastantes.

Assim, compreendido o grande desenvolvimento de uma região fertilíssima, mais de pronto sentirá a criança os problemas e dificuldades de outra em que faltem elementos naturais, que fazem o valor da primeira.

E' assim que, a cada estudo terminado, mais apto se acha o aluno a dominar a matéria.

CAPITULO II

Métodos e processos

Desde que o ensino vise ao desenvolvimento do espirito infantil deve abolir completamente a decoração de pontos feitos pela professora ou extraídos de compêndios. Esses serão substituídos por diversas fontes de informações, organizadas pela professora em colaboração com a própria classe e acompanhando o desenrolar do estudo.

Ex.: livros, revistas, jornais, fotografias e gravuras, mapas e plantas, (depois de feito o trabalho inicial de interpretação) informações de pessoas, relatórios de excursões, prospectos de propaganda, gráficos, palestras da professora e de alunos, pequenos museus, etc.

A fixação na memória da criança de dados básicos para raciocínio e julgamento, será auxiliada com notas tomadas por ela própria. Cada aluno terá, portanto, o seu caderno de notas de Geografia, onde serão escritos resumos de aulas e consultas diversas, relações numéricas, listas de nomes, soluções de problemas e dificuldades, etc., etc.

A apresentação da matéria pode ser feita por meio de projetos, problemas, centros de interesse e outros processos comumente utilizados em nossas escolas.

Convém notar, no entanto, a excelência da aplicação do problema no desenvolvimento do raciocínio geográfico. O *porque* explícito ou implícito em todo problema mostra sempre, no problema geográfico, a relação entre o homem e o meio, o que constitui a própria essência da Geografia.

O problema pode existir por si só ou aparecer dentro de um projeto, centro de interesse ou qualquer aspecto do trabalho.

Exemplos de problemas geográficos:

1.º — por que nossa cidade (B. Horizonte), tão mais nova do que Sabará tem maior desenvolvimento? (G. local);

2.º — por que o E. de Minas, tanto ou mais rico que o E. de S. Paulo, tem menos comércio que este (G. regional);

3.º — por que os E. U. da A. do N. tornaram-se um país de grande desenvolvimento agrícola? (G. universal).

Convém atentar que o problema é problema em relação ao indivíduo, isto é, é problema quando estabelece no espirito um estado de dúvida que leva o indivíduo a pesquisar, raciocinar e chegar a conclusões. E' por isso que o problema deve ser estabelecido no

início e não no fim de qualquer estudo. Estabelecido no final do trabalho, ele pode tornar-se em simples pergunta cuja resposta a criança encontrará elaborada, bastando consultar sua memória ou seu caderno de notas.

O problema pode partir da criança ou ser sugerido pela professora. Num e noutro caso, porém, compete à professora, se necessário, formulá-lo em termos claros e precisos, bem defini-los em seu objetivo e assim mantê-lo à frente da classe até que sua solução seja encontrada.

Há problemas que ficam resolvidos em uma aula; outros, em uma semana; outros, em 15 dias; outros há, ainda, que ocupam a classe durante mais tempo: são problemas grandes, inclusivos e que muitas vezes devem ser subdivididos em pequenos problemas, tendentes, todos êles, a armarem o aluno de soluções parciais que o habilitarão a resolver o *grande problema*.

EsSES, sem dúvida, exigirão treino da classe, treino que só pode ser adquirido na resolução de problemas anteriores, mais fáceis e menos amplos.

O ponto capital na aplicação de problemas e que valoriza todo o método é a atividade mental da criança.

E podemos focalizar no seguinte ponto a sua maior dificuldade: — orientação do raciocínio pela professora.

Para o adulto, é mais fácil estudar, pensar sozinho, tirar conclusões e, depois, transmiti-las a 30 ou 40 cabeças simplesmente receptoras, do que despertar nelas interesse e atividade, colocar ao seu alcance material informativo acessível e valioso e, ainda, guiar, pouco a pouco, o raciocínio mal treinado dos 8 ou 10 anos até uma conclusão satisfatória dentro do gosto da criança e satisfatória dentro da verdade.

Mas que diferença de resultado! Num caso os alunos ganharam (?) conhecimentos mortos, prontos a se lhes varrerem da memória. No outro, os fatos foram aprendidos como indispensáveis à resolução do problema vivo e interessante. Adquiriram hábitos de raciocínio, de estudo, interpretação, observação, familiarizaram-se com livros, mapas e gráficos, gravuras e retratos.

Fixemos, portanto, um ponto, a *solução do problema deve ser encontrada pela criança* e não recebida diretamente da professora.

O trabalho desta será mais sutil e, sem dúvida, mais valioso: velar pela seleção e complemento das fontes de informação que a criança consultará; dar um ou outro conhecimento necessário e que não possa ser encontrado diretamente pelo aluno; por meio de palestras e ilustrações corrigir erros de raciocínio, zelando para que o pensamento da criança não se desvie; estar alerta para que o interesse se mantenha; fixar os problemas e sua solução, uma vez que esta seja encontrada pela classe.

A aplicação do método problema em Geografia é fácil. Não há dúvida que a professora pode melhorar, com sua prática e estudo, sua técnica de aplicação: selecionando melhor os problemas, formulando-os de modo mais claro e interessante, orientando o raciocínio da criança, colocando-lhe em mãos fontes de informações suficientes e inteligíveis, etc.

No entanto, o método de problema em Geografia dará sempre resultados mais apreciáveis do que métodos tradicionais e passivos desde que seja orientado por professora criteriosa, embora não muito conhecedora de sua teoria.

Queremos dizer, com isso, que todas as professoras podem e devem iniciar a aplicação de alguns problemas geográficos, sem esperar que tenhamos larga literatura sobre o assunto.

Alguns problemas bem escolhidos e orientados concorrem para estimular o interesse, unificar a matéria, estabelecer relações com outras matérias do Programa, dar significação a hábitos e habilidades, treinar o raciocínio, fixar fatos e fatos geográficos, etc.

Basta a atitude de reunir ao trabalho, que era inteiramente da professora, a atividade mental e manual da criança para alcançarmos resultado mais satisfatório e perdurável.

CAPÍTULO III

Iniciação na interpretação do mapa

Como vimos, a interpretação de mapas e plantas bem como o hábito de sua utilização constituem objeto imediato no ensino da Geografia.

Esse trabalho deve começar a ser feito no 2.º ano primário pelos seguintes motivos:

a) o estudo da Geografia local oferece grandes oportunidades para a transposição imediata da realidade para o símbolo.

b) o trabalho do 3.º e do 4.º já vai exigir, desde o início, o manuseio constante e inteligente de mapas;

c) a criança de 2.º ano primário já tem capacidade de observação e experiências suficientes para realização do trabalho com orientação da classe e não da professora de trabalhos manuais.

Nunca devemos permitir que a atenção se desvie da *representação de realidades geográficas*, para desenhos, coloração, etc. Apresentar, de início, uma planta da cidade, completa e muito bem feita, pela professora, é desviar a significação do trabalho.

A iniciação da criança à interpretação de mapas é, sem dúvida, trabalho delicado, pois pode desviar-se para a exigência da decora-

ção integral da planta da localidade, o que não entra nas cogitações deste Programa. O trabalho de fazer a criança guardar de memória toda a planta local seria não só difícil mas também inútil.

Mapas e plantas não constituem fins em si mesmos, mas sim instrumentos para o estudo da Geografia, e, como instrumentos da criança que deve ficar inteirada de sua significação como representação de coisas reais, de seu valor e do modo de melhor utilizá-los.

Como não é nosso objetivo que a criança traga de memória nenhuma planta, não devemos exigir dela:

a) traçado sem observação anterior imediata e sem orientação da professora;

b) localização de fatos e coisas em plantas mudas;

c) interpretação de plantas sem legenda;

d) localização de minúcias com exigências de precisão;

e) traçado, de memória, de pontos distantes da escola;

f) representação perfeita de realidades difíceis para a criança.

Devemos orientar o trabalho de modo a que possamos pedir à criança:

a) que reconheça a sua escola, sua casa e as de alguns colegas, alguns edifícios dos arredores, desde que tenham sido localizadas por ela própria, em classe;

b) que, na planta feita pela sua classe e acompanhada da respectiva legenda e denominação de ruas e praças seja ela capaz de indicar trajetos conhecidos;

c) que, utilizando-se da legenda, seja capaz de ler mapas simples, embora desconhecidos.

São esses os principais pontos a serem alcançados.

A iniciação da criança na interpretação de plantas pode seguir, mais ou menos, as seguintes etapas, com a colaboração dos alunos (as etapas aqui discriminadas não se referem a aulas; cada etapa poderá tomar uma ou mais aulas conforme a necessidade da classe):

1 — Excursão ao redor da escola. Em papel colocado no chão da sala, traçam-se, em correspondência com a realidade, os trechos das ruas entre as quais está situada a escola. Frente, costas, direita, esquerda.

2 — A professora, em casa ou na escola, cobrirá a lápis forte esses primeiros traços, tornando-os bem nítidos. Assim nítido, mas sem modificações, voltará à classe para ser continuado o trabalho.

3 — Localização de residências de alunos que fiquem no trecho já traçado. Escolha de sinais diferentes para representação de casas de residências e de outros edifícios.

4 — Excursão aos arredores. Traçado dos trechos das outras ruas que rodeiam a escola. Localização de alguns edifícios e residências de alunos aí compreendidos. Existindo, nesse trecho, algu-

ma praça, jardim etc., o seu traçado será feito depois de muito bem observada a realidade, o que se torna fácil pela proximidade da escola. Não se exigem da criança minúcias de perfeição.


5 — Como da primeira vez, a professora fortalecerá os traços sem desmerecer ou modificar o trabalho. Qualquer modificação corretiva deverá ser feita pela classe, apelando a professora para a observação da criança.

6 — Excursão aos arredores. Traçados de mais alguns trechos de ruas ao redor da escola. Determinação de pontos de referência: jardins, edifícios, praças, monumentos, etc. Casas de alunos e edifícios públicos. Discussão de trajetos da escola à residência de alunos e a edifícios públicos.

7 — A planta cresce para localização de mais alguns edifícios e casas dos arredores. Pode ser passada para um papel maior ou, então, ajudada pela classe, a professora colocará folhas de papel ao traçado já feito para a criança sentir a necessidade de "crescimento" da planta.

Nota — No decorrer do trabalho precedente, a professora deve ter levado a criança a ler a parte traçada com a significação dos sinais empregados. (Ex.: as crianças representaram suas casas por rodinhas, os edifícios públicos por quadrados, a praça por um triângulo, etc. É preciso que as pessoas que não fizeram o trabalho possam compreendê-lo. Daí a necessidade de uma explicação na própria planta. E as crianças escrevem:

O — residências de alunos.

 — edifícios públicos

+ — igrejas, etc.

Depois de feito o trabalho, dará a professora o nome técnico: legenda.

8 — Discussão e indicação de vários trajetos: caminhos a pé do bonde, em automóvel, etc.

9 — Crescimento da planta com mais trechos de ruas vizinhas, com localização de casas, edifícios públicos, igrejas, etc.

10 — Os pontos de referência serão substituídos por nascente, poente, norte, sul, orientada para a realidade a observação da criança.

11 — Faz-se a passagem do plano horizonte (chão) para o vertical (parede ou quadro negro). Notar a localização do norte na parte superior do mapa.

12 — A planta poderá crescer, assim, tendo a escola como centro e traçada pela classe, a critério da professora, tendo como limite os seguintes pontos:

a) não devem ser tomados para serem traçados pela criança trechos demasiadamente difíceis nem tão distantes da escola que não permitam observações diretas.

b) a criança já deve ter-se identificado com a significação da planta, tomando-a como representação de uma realidade e pronta a acompanhar o seu desenvolvimento, embora já não feito por ela mesma.

Atingindo êsse ponto, o trabalho poderá ser continuado da seguinte maneira:

13 — Tomando como base o trabalho já feito, a professora continua o traçado, auxiliada pela classe e fazendo a criança compreender o seu crescimento, em primeiro lugar, para a localização de pontos interessantes:

a) para a escola: residências de alunos, de professora, de pessoas conhecidas da classe, papelerias, livrarias, etc.

b) para o bairro em geral: edifícios importantes, igrejas, lanchas de bonde, praças, canais, etc.

Para essa segunda parte, a professora se orientará pela planta oficial da localidade.

Nota — Já não se exige mais que o traçado seja feito pelo aluno.

14 — Assim traçados os arredores da escola, o bairro pode ser colocado sobre a planta oficial da localidade. Deve ser mostrada a localização da escola em relação ao centro da cidade.

15 — Excursão a um ou mais pontos altos para uma vista geral da cidade. Determinação de nascente, poente, norte, sul.

16 — Estudo na planta oficial, com legenda, para reconhecimento de pontos importantes para a cidade em geral: mercado, igreja-matriz, correio, telégrafo, etc. (Para utilização da planta com êsse fim, a professora copiará a planta oficial, em decalque e ponto grande, desprezando minúcias, isto é, tudo o que não tenha interesse nem para a escola em particular, nem para a cidade em geral).

Os arredores da cidade podem ser tratados com seus pontos pitorescos e conhecidos: montes, chácaras, bosques, caixas d'água, matadouro, campo de futebol, bairros, etc.

17 — Uma vez conhecida e bem interpretada a planta da cidade esta pode ser localizada no mapa do município. Para isso, a planta da cidade já conhecida pela criança é, em miniatura (tamanho proporcional) feita pela professora, colocada em um mapa do município. A professora fará a criança tomar parte na sua localização, valendo-se de pontos de referência conhecidos e orientação: norte, sul, leste, oeste.

18 — Localizam-se, então, os pontos interessantes para o município em geral, a saber:

- a) municípios vizinhos
- b) vias de transporte para municípios vizinhos
- c) fonte de água
- d) campos de cultura
- e) fábricas
- f) acidentes geográficos: rios, lagos, montanhas
- g) fazendas de cultura e criação
- h) fonte de energia elétrica, etc.

Finalizando esse trabalho, o mapa já deve ser um instrumento inteligível e familiar à criança.

Nos lugares pequenos, procura-se para localização tudo aquilo que possa interessar à classe e que seja conhecido de todos: um pequeno trilho, uma casa de comércio, a residência da professora, etc.

Uma vez feito esse trabalho inicial, o mapa deve constituir objeto de manuseio constante do aluno (município, Estado, Brasil, mundo).

Ele esclarece situações, põe em evidência relações geográficas, fixa fatores e fatos.

Devemos ter cuidado ao exigir da criança mapas traçados de memória. A princípio, é preferível que o contorno seja decalcado para servir a localizações e estudos diversos. Não exigiremos, também, mapas muito minuciosos nem muito enfeitados, mais demonstrativos de habilidades em desenhos do que de compreensão geográfica. Aos muitos bonitos, preferiremos sempre os mais reais. Não é objetivo da escola primária fazer cartógrafos.

No fim do curso primário, é preciso apurar que a criança tenha relativa facilidade para representar, em linhas gerais, o contorno do Estado de Minas e do Brasil com suas divisões, localizações e aspectos geográficos mais interessantes.

Ela deve, no entanto, ter adquirido a habilidade de interpretar qualquer mapa de regiões distantes e mesmo desconhecidas, utilizando-se da legenda.

CAPÍTULO IV

História

O ensino da história tem como objetivo focalizar a relação entre o passado e o presente, mostrando como este é uma consequência daquele e contém em si traços deixados pelas gerações precedentes.

O aprendizado inteligente da história requer raciocínio e requer, ainda, uma capacidade de percepção que a criança não tem, quando entra para a escola.

Essa capacidade de percepção vai formar-se nos primeiros anos da escola primária e da sua formação dependerá a compreensão, o sentimento a serem adquiridos para com os homens e fatos do passado.

É por isso que o ensino da história não começa com o passado, que pela sua própria natureza escapa à observação infantil, mas começa com o presente num movimento para o passado mais próximo à criação no tempo e no espaço.

Esse método, chamado método regressivo, deve ser usado até que a criança tenha formada a sua concepção de tempo e possa seguir inteligentemente a ordem cronológica indispensável para a boa compreensão dos fatos históricos.

Assim, o 2.º ano pode dedicar-se à história da localidade, iniciando-se, mesmo, pelo passado da própria escola. É esse o passado mais próximo e, por isso, mais *inteligível* para a criança.

O 3.º ano estudará a história de Minas, ainda num movimento regressivo do presente para o passado e mesmo sem aprofundar muitos fatos como Tiradentes e Bandeirantes e que só poderão ser perfeitamente compreendidos no 4.º ano onde devem ser respeitados, focalizando-se sua importância na história pátria.

O 4.º ano deve já ter formado sua capacidade de percepção e pode, portanto, seguir o desenrolar dos principais fatos da história pátria dentro de sua ordem cronológica para o devido relêvo das relações de causa e efeito.

A relação entre o que *foi* e o que *é* deve ser focalizada a todo momento, pois o movimento do passado para o presente, e vice-versa, constitui o próprio método de estudo de história, um tornando o outro mais compreensível e apreciável.

Não podemos compreender bem o presente sem conhecimento do espírito e ação dos homens que nos precederam. As suas atividades concorreram para que fôssemos o que somos e devem ser assim interpretadas, não apenas no setor político, mas também no campo das ciências, literatura, artes e tudo o que tenha concorrido para o progresso da humanidade.

A par da história política, o conhecimento das descobertas científicas, dos progressos industriais, da vida dos grandes homens da Ciência e da Arte vem dar à criança maior compreensão do mundo atual, apreciação favorável às passadas gerações e maior senso de responsabilidade para com a sociedade e a Pátria.

CAPITULO V

Cronologia

O estudo da história no 4.º ano visa dar à criança idéia dos fatos históricos mais importantes, seus antecedentes e conseqüências. Para isso, é necessário que seja salientada a ordem cronológica.

Isto não quer dizer que devamos exigir do aluno decoraçáo profusa de datas, mas sim que ele saiba colocar cada fato em seu período próprio dentro da história pátria para compreensão real de suas causas e efeitos.

Aconselha-se a feitura de um quadro sinótico que fixe as principais datas e períodos históricos.

Iniciado com a data do descobrimento, pode ir-se completando de acôrdo com o progresso da classe no domínio da matéria.

Esse quadro, mantido na sala de aulas, servirá ao aluno para constantes consultas, auxiliando seu raciocínio e fixação, evitando os deploráveis anacronismos tão comuns em nossas escolas.

Os grandes dias da Pátria, com seus grandes vultos e grandes feitos, podem ser levados ao conhecimento da criança pequena desde que lhe sejam relatados aspectos de acôrdo com seu interêsse, gôsto e compreensão.

A criança do 1.º ano ouvirá com prazer, no dia ou na véspera da data comemorativa, o relato do descobrimento do Brasil, desde que lhe seja feito em seus aspectos de maior emoção, de mais graça e sentimento patriótico.

Através de poesias, lendas, narrações simples, a criança se prepara para participar das comemorações cívicas, educando-se no sentimento de respeito e admiração para com homens e fatos dignos e no sentimento de dever para com o presente e o passado da Pátria.

Já no 3.º e 4.º anos, muitas dessas comemorações podem servir de ponto central para estudo aprofundado e devidamente localizado no tempo e no espaço, da Geografia e História Pátria.

* * *

Estabelecido e justificado, como ficou, que não devemos iniciar o ensino da Geografia no 1.º ano, êste programa inicia o trabalho no 2.º ano com uma recapitulação e fixação de experiências colhidas no ano anterior.

Além da elaboração de tôdas as disciplinas e atividades para o enriquecimento de experiências da criança, o programa de Ciências Naturais, no 1.º ano, contribui especialmente para êsse enriquecimento.

dido à curiosidade da criança pelo meio ambiente, pelos fenômenos naturais, pelos fatos e cousas da vida social.

A maioria dêsses conhecimentos interessa diretamente à Geografia.

No desenrolar do trabalho a professora terá despertado e atencido. Mesmo que não tenha sido salientado o seu aspecto geográfico, a experiência foi adquirida e será fácil à professora do 2.º ano retomá-la e desenvolvê-la.

Isto significa que, embora não tenhamos programa de Geografia propriamente dita no 1.º, a criança tráz para o 2.º ano experiências que servirão de base para todo o trabalho pré-geográfico e iniciação geográfica.

Bem aproveitadas essas experiências, êste programa será facilmente vencido.

* * *

Experiências gerais

1 — Trabalho pré-geográfico.

O trabalho pré-geográfico tem por fim estabelecer certas noções que se relacionam diretamente com a geografia. A criança tem sempre noções sobre os elementos que a cercam na natureza, e sobre a relação das coisas no seu ambiente. Essas podem ser corretas, mas geralmente, não o são; pelo que se torna necessário à professora conhecê-las para fixar as verdadeiras, corrigir as falsas e formar as indispensáveis ao trabalho que vão empreender.

Atividades:

a) conhecimento das experiências de cunho geográfico adquiridas pelas crianças em sua vida de família, brinquedos, leituras e atividades no ano anterior. Fazer a criança contar o que sabe ou pensa sobre: calor do sol — luz — frio — chuva — rios — plantas — vida animal;

b) correção dessas experiências. Por meio de palestras observações e material ilustrativo, corrigir as experiências, destruindo concepções errôneas e firmando as exatas;

c) coordenação e fixação de experiências geográficas comuns a toda a classe e levando a conclusões simples sobre relações entre o homem e o meio ambiente:

1 — Plantações:

a) influência da água, da luz, do ar. Conseqüência da falta desses elementos. Prejuízos que adviriam para os plantadores;

b) solo — bom para as plantas, mau. Necessidade de trato;

- c) diferença entre plantas nativas e de fácil cultivo e outras de cultivo mais difícil. (Visão geográfica);
- d) algumas plantações mais comuns na localidade;
- e) valor de determinadas plantas. Sua existência na alimentação da criança ou dos animais;
- f) observações no jardim e horta da escola; terreno, adubação, trato, água.
- 2 — Verificar a noção que as crianças têm da origem dos produtos de alimentação: legumes, frutas; as diversas farinhas; e leite e seus derivados; carnes, banha, etc.
- 3 — A mesma coisa da origem da matéria prima usada na feitura do vestuário, como lã — algodão — seda; calçados; chapéus, etc.

Ideias sobre os processos por que passam para tomarem o aspecto que apresentam.

4 — Conhecimento da origem da matéria prima usada no fabrico de brinquedos como bolas de borracha, bonecos de celulóide, de massa, de louça; brinquedos de metal, como carrinhos, aparelhos, etc.

5 — Outras experiências cujo contacto com a criança desperte alguma relação de cunho geográfico interessante para a criança.

Planta:

1 — Iniciação à interpretação do mapa. Localização da escola (Ver Cap. III).

História: — A escola; nome; fundador; citação de fatos interessantes de sua vida presente e passada; valor; eficiência da escola. Exemplo. Alunos residentes na localidade.

SEGUNDO PERIODO

ABRIL, MAIO E JUNHO

A cidade:

- 1 — Orientar as observações dos alunos nas idas e vindas para a escola. Terrenos incultos. Praças, jardins, hortas etc.
- 2 — Lavouira local. Trabalho do homem: processo da adaptação para aproveitamento do meio. Valor econômico e social.
- 3 — Animais úteis existentes na localidade: Criação. Trabalho do homem.
- 4 — Indústria principal da localidade. O porquê de sua existência. Notícia de outras indústrias.

5 — Comércio local. Sua dependência da indústria e agricultura locais. Comparação de preços de cousas comuns. Baixa e alta de preços em épocas diferentes do ano. O porquê. Comparação com produtos não naturais à localidade. (Visão geográfica).

6 — Interdependência das diversas atividades humanas. Comércio, agricultura, indústria, profissões liberais, etc., com observações na vida local.

7 — Progresso da localidade. Dificuldades e possibilidades.

8 — O que determina a atividade predominante da vida da cidade: se industrial, agrícola, oficial, intelectual (ex: Juiz de Fora, Ponte Nova, Belo Horizonte, Ouro Preto etc.).

Planta:

1 — Localização de pontos importantes para a cidade.

História:

1 — O Governo da cidade. Autoridades locais. Prefeitura, impostos e benefícios. Diferença entre ambiente natural e o ambiente aproveitado e modificado pelo trabalho do homem.

2 — O nome da cidade. Origem. Fundadores. Beneméritos. Pessoas da cidade ligadas aos primeiros habitantes. Lendas e fatos interessantes. Estudo mais pormenorizado de uma data local e sua comemoração. Traços deixados por homens ilustres: casa de saúde, escolas, indústrias, embelezamento, etc.

TERCEIRO PERIODO

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

O Município:

- 1 — A cidade como um todo e seu Município. Lugares em que a cidade se abastece de viveres: carne, leite, legumes, cereais, ovos, frutas, etc.
- 2 — Abastecimento de água. Energia elétrica. Esgoto, etc.
- 3 — Causas de insalubridade e fatores de salubridade.
- 4 — Necessidades não satisfeitas diretamente pelo próprio Município. (Visão geográfica).
- 5 — Conhecimento, localização e valor dos principais acidentes geográficos dos Municípios: rios, elevação de terrenos, planícies, baixadas, etc.
- 6 — Síntese do ambiente natural: clima, solo, estradas, rios, montanhas, etc.

7 — Melhoramentos e aproveitamento do ambiente natural pelo homem. Progresso. Possibilidades. Dificuldades. Problemas locais.

8 — Indústria — Motivos de sua localização. Relações entre o solo e sua produção.

9 — Comércio — Suas relações com o solo, indústrias e lavouras.

10 — Intercâmbios e ligações no Município e com Municípios vizinhos. Vias de comunicações. Meios de transporte. Correio, Telegrafo. Telefone, etc.

11 — Vida social e cultural: escolas, associações, museus, bibliotecas, diversões. Os jornais do Município, etc.

Planta:

1 — Continuação — Localização de pontos importantes para o Município em geral — Municípios vizinhos.

História:

1 — O Município e sua história. Os filhos mais notáveis da terra. Antepassados. Sentimento de família. Idéia da terra natal. Idéia e sentimento de pátria. Bandeira Nacional.

QUARTO PERIODO

OUTUBRO E NOVEMBRO

Região do Município:

1 — Cidades vizinhas da sede escolar. Informações sobre elas; meios de comunicação, produções, minerações, lavoura, vida dos habitantes, casas de ensino, etc.

2 — A região onde está situada a sede escolar. Características principais: clima, produções, comércio, etc.

3 — Cidades principais da região.

4 — Rio principal — Outros acidentes geográficos dignos de nota.

5 — Ligações entre as cidades da mesma região.

6 — Vida de seus habitantes.

7 — Progresso. O trabalho do homem no aproveitamento do ambiente natural: lavoura, criação, mineração, indústrias, comércio, etc.

8 — Situar e localizar a região no mapa de Minas.

9 — O progresso da região — fruto do trabalho e da inteligência.

NOTA — Utilização freqüente e orientada do mapa de Minas.

História

1 — Conhecimento da vida e obra de homens ilustres ligados à região.

2 — Pequenas histórias e biografias relativas às grandes inven-

ções influenciadoras do progresso humano. Transporte — a estrada de ferro, o automóvel, a navegação, etc.

A luz elétrica — Edison — Histórico da iluminação.

O telefone, o rádio, etc.

Descobertas influenciando na saúde e felicidade do homem. Histórico dos meios de transporte.

Atividades:

Entre as atividades indicadas para o 2.º ano algumas são indispensáveis como o próprio objetivo da matéria demonstra. Outras podem ser escolhidas pela professora de acôrdo com os interesses e possibilidades da classe. Todas elas concorrem para aquisição de conhecimentos, hábitos e habilidades necessários. Devem ser *levados a efeito ligados* ao desenrolar do assunto.

1 — palestras das crianças relatando aos colegas experiências próprias;

2 — experiência com grãos (feijão, milho) para demonstração da influência dos elementos: a luz, a água, o calor;

3 — excursões com objetivos bem definidos e relação imediata com o estudo. Ex.: para confecção da planta; para conhecimento da lavoura local; para reconhecimento de acidentes geográficos, etc.;

4 — álbuns, contendo gravuras, composições, notícias, desenhos, fotografias, sobre:

a) a vida da escola;

b) fatos, cousas e homens da localidade e do Município;

c) cousas e fatos sobre as relações entre o Município e o Estado;

5 — planta da localidade (Ver. Cap. III);

6 — testes de interpretação de trechos simples de plantas e mapas desconhecidos com utilização da legenda;

7 — confecção de gráficos sobre diversos aspectos da vida local;

8 — dramatizações;

9 — organização de notas sobre os principais animais e plantas locais; animais e plantas existentes na localidade, já como resultado da atividade humana;

10 — organização de pequeno museu local (Geog., História);

11 — auditório sobre os estudos da localidade;

12 — cadernos individuais para apontamentos;

13 — jogos;

14 — canto, poesias, etc.

Introdução

A Educação Cívica visa à formação da "consciência patriótica" e reclama, cada dia mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral, no sentido em que procura harmonizar o indivíduo com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica prepara o cidadão. Daí o dizer-se que a Educação Cívica não prescinde da Educação Moral, visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, conjuntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

Parte formativa

A parte formativa compreende a formação do caráter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as atividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o caráter. É necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que nela há de bom e reprimindo o que há de mau; dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discernir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, incutir ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para o progresso do país e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquele que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.

São apenas responsabilidades da vida escolar que levarão o

aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dê-se modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório e em outras oportunidades, a desenvolver ideais e qualidades pessoais de retidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem, trabalho, controle próprio, etc. e sociais de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito a outrem, etc.

As comemorações de caráter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as lendas, os hinos e canções patrióticas, as poesias, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensejos para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

Socialização

A formação do caráter e o desenvolvimento do civismo fazem-se, especialmente, pela socialização da escola, através de métodos socializados (projetos, problemas, dissertações socializadas, grupos de estudos, etc.) e mais eficientemente, pelas instituições escolares, porque:

- a) elas trazem para a escola situações reais de vida, onde "o aluno aprende a fazer melhor aquilo que terá de fazer mais tarde".
- b) estão de acordo com o interesse e capacidade da criança;
- c) facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem;
- d) canalizam as tendências infantis;
- e) estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade.

Valores a auferir da socialização: — Cooperação, iniciativa, confiança em si, responsabilidade, julgamento, ordem, comando, inteligente obediência à autoridade, controle próprio, revelação de aptidões e capacidades especiais, etc. Exemplos: — elegendo os redatores do jornal escolar, os alunos estão praticando julgamento, responsabilidade, respeito a outrem, aprendendo a vencer e serem vencidos, etc.; no funcionamento de um clube desenvolvem-se: iniciativa, responsabilidade, sentimento de lei, de ordem, cooperação, etc.

De um programa de escola primária devem constar, tanto quanto possível, as seguintes instituições:

- a) Auditórios.
- b) Comemorações de datas nacionais e locais.
- c) Festivais.
- d) Hora cívica.
- e) Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de Leitura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.).
- f) Escotismo.
- g) Jornal.
- h) Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
- i) Jogos esportivos.
- j) Excursões.
- k) Biblioteca.
- l) Museu.

Parte Informativa

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres, auxilia o indivíduo a cumprir esses deveres e a usar esses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercício em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do país, suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc., conhecimentos esses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com eles. Serão matéria do 3.º e do 4.º.

É evidente que, no curso primário, o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de todas as questões, mas sim que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sobre os diversos pontos apresentados.

PRIMEIRO ANO E SEGUNDO

De acordo com o Capítulo anterior, no 1.º ano e no 2.º o trabalho de Educação Moral e Cívica é de natureza prático-formativa.

Compreende a iniciação e o cultivo dos hábitos, atitudes e idéias necessários ao aluno, em suas relações com a família, a escola e a sociedade.

Essas práticas e virtudes morais e cívicas serão desenvolvidas no decorrer do curso primário, e constituirão a base para o aperfeiçoamento das qualidades morais e cívicas do cidadão.

O 1.º ano e o 2.º formam ainda o período preparatório, em que o aluno vai adquirir praticamente, entre outras, noções de autoridade, discriminação de atribuições, conhecimento de regulamentos e leis que lhe permitirão compreender melhor a matéria nos programas de 3.º ano e de 4.º.

O ponto de partida é o que a criança vê e ouve discutido em casa: serviços públicos prestados no seu meio mais próximo — a família e administração local, para depois compreender o que é de atribuição do Estado.

São as questões de alimento, vestuário, habitação, plano de cidade, limpeza pública, diversões, saúde pública, policiamento, escolas, transporte, comunicações, etc., que formam base para o estudo do mecanismo da administração (governo, instituição, lei, etc.).

O programa faz, assim, a criança crescer com um conhecimento inteligente de alguns problemas vitais que defrontam as nossas cidades, vilas ou municípios, percebendo ao mesmo tempo as relações de causa e efeito.

No primeiro ano, essas noções serão adquiridas tendo por base as experiências que os alunos trazem de casa e as que encontram na escola.

No 2.º ano, a formação de hábitos, atitudes e ideais iniciada no 1.º ano e referentes à família e à escola, será continuada e ampliada à vida na localidade, baseando-se em conhecimentos contidos no programa de Geografia e História. (Ver programa de Geografia e História — 2.º ano).

Para o trabalho de natureza prático-formativa no 1.º ano e no 2.º, o professor se guiará, de um modo geral, como nos seguintes tópicos:

Ampliar a formação de hábitos, atitudes e ideais morais e cívicos iniciados no 1.º ano.

Municípios e seus distritos

- a) idéia de terra natal;
- b) principais aspectos da localidade que concorrem para o seu progresso;
- c) serviços públicos municipais: — saneamento, limpeza pública, escolas, iluminação, água, esgoto, etc.;

d) a Prefeitura e o Prefeito — Observar as principais leis do Município, relativas a trânsito, conservação de ruas, praças, jardins, estradas, prédios, etc.;

e) o imposto municipal e sua aplicação;

f) a ordem na localidade: o delegado — a polícia;

g) página literária: — prosa, poesia, canção ou hino sobre a escola e a terra natal.

(A inclusão deste último tópico no programa não significa somente sugestão de uma atividade; procura formar nos alunos uma atitude de interesse para com a música e a literatura brasileira como expressão do sentimento pátrio).

Comemorações cívicas e símbolos da Pátria:

A mesma orientação que para o 1.º ano.

Campanhas de caráter cívico:

Ampliar a participação dos alunos em campanhas de caráter cívico indicadas no programa do 1.º ano.

A Educação Moral e Cívica em relação com as demais disciplinas

As relações entre a História e a Educação Moral e Cívica irão sendo percebidas pela criança com o desenvolvimento do estudo de ambas: inicialmente, ao ver e ouvir falar sobre família, escola, serviços públicos, administração local, etc. (seu meio mais próximo); em seguida, ao estudar o que é da atribuição do Estado. (Governo, constituição, lei, etc.).

A colonização, os governos, as guerras, os estadistas, os homens ilustres, etc., são motivos que despertam, naturalmente, sentimentos cívicos.

Dêse modo, não se pormenorizam no programa de Educação Moral e Cívica, pontos que já constam do programa de História como: possibilidades dos estados de contribuírem para a riqueza nacional; atitude de patriotismo pela compreensão dos problemas brasileiros; colaboração com os dirigentes do país; atitude de compreensão para com os problemas e dificuldades dos povos estrangeiros, etc.

Assim como a História, a Geografia é matéria que tem grande relação com a Educação Cívica, concorrendo para desenvolver no educando a apreciação, o interesse e o amor pela terra.

Os conhecimentos geográficos farão a criança crescer em conhecimento dos problemas vitais de nossas vilas ou cidades, dos municípios, do Estado, do País, etc.

O meio físico, os recursos naturais, dificuldades e possibilidades, as indústrias, o progresso, o comércio, as relações com os países estrangeiros, os planos das cidades, as escolas, os traunportes, as comunicações, etc., são tópicos geográficos que ensinam o desenvolvimento do civismo.

Dêse modo, êsses e outros pontos deixam de figurar no programa de civismo, cabendo ao professor desenvolvê-los de modo a formar na criança a atitude de compreensão e de civismo que êsses tópicos favorecem, levando o aluno a uma visão equilibrada da realidade brasileira: — nem patriotismo que se exalta em enumerar e descrever riquezas naturais do Brasil, nem atitude de pessimismo em face dos problemas brasileiros, mas um sadio equilíbrio baseado num sentimento generoso de serviço à Pátria, na formação de energia capaz de enfrentar problemas e de solucioná-los, bem como da discriminação e na valorização de nossas riquezas naturais e humanas.

II — *Lingua Pátria.* Para facilitar o correlacionamento entre a linguagem e a Educação Cívica, são apresentadas como sugestões as seguintes atividades:

1 — Leitura, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias patrióticas ou que descrevem fatos de nossa história e se referem à nossa gente.

2 — Leitura, comentário, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias dos grandes escritores do País.

3 — Leitura, interpretação e comentário de alguns artigos da Constituição, de trechos de certos decretos-leis relacionados com o ensino primário, assistência à infância, etc., bem como de trechos fáceis que esplanem assuntos do programa de instrução cívica.

4 — Apresentação de trechos e poesias acima indicados, bem como de biografias dos grandes homens da Pátria e da humanidade, nas horas cívicas e sessões dos auditórios e clubes de leitura.

5 — Palestras sobre fatos históricos e geográficos, focalizando problemas da localidade, da região ou do país.

6 — Palestras ilustradas, focalizando os aspectos mais originais e interessantes da natureza brasileira, índole, costumes e tradição dos seus habitantes.

7 — Interpretação de gravuras de fatos históricos e geográficos, bem como de quadros dos grandes pintores brasileiros.

8 — Leitura e interpretação de fatos ou contos em que sejam acentuados os sentimentos de honradez, lealdade, amor à Pátria e à humanidade, cumprimento do dever, abnegação, altruísmo, bondade, exemplo de dignidade e outras virtudes cívicas e sociais.

9 — Leitura e interpretação de trechos de autores salientando traços nobres das personalidades que souberam vencer dificuldades ante a realização de ideais a serviço da humanidade.

10 — Leitura, interpretação e narração de lendas do país, história e poesias do "folclore" nacional.

11 — Composições sobre fatos históricos e geográficos, episódios edificantes da vida dos grandes homens da pátria e da humanidade.

12 — Dramatização.

III — *Aritmética e Geometria* — Correlacionando com a educação cívica o programa de aritmética e geometria, poderá o professor valer-se do seguinte:

1) Conhecer cifras (quantidade e valor) relativas às primeiras produções do município, do Estado e do País, acompanhando-as com as dos anos anteriores.

2) Elaborar problemas sobre as despesas do Estado e do País relativas aos serviços de proteção à agricultura, pecuária e outros.

3) Interpretar e mesmo levantar pequenas estatísticas que focalizem aspectos interessantes da vida do município, do Estado, do País.

4) Aproveitar cifras relativas a impostos, arrecadação municipal, estadual e federal, dados referentes às taxas cobradas, para elaboração de problemas sobre percentagem. Como o País o Estado e o município empregam as somas arrecadadas: — Os serviços municipais, estaduais e federais da localidade. Despesas com a educação e saúde pública, justiça, policiamento, iluminação e limpeza pública, meios de comunicação, construção de edifícios públicos, etc., etc. Relativamente à educação, por exemplo, elaborar problemas tendo em vista:

- construção e conservação de prédios escolares;
- fornecimento de material escolar;
- vencimento do pessoal administrativo e docente;
- custo de cada aluno ao Estado, por ano, e o prejuízo da repleta, etc., etc.

5) Conhecer o movimento das instituições de beneficência da localidade — Santa Casa, Conferência de S. Vicente de Paula, etc., da escola — Caixa Escolar, Cantina, etc.

6) Organizar problemas com dados referentes à produção e comércio, estradas de ferro e de rodagem, etc., etc.

7) Interpretar gráficos informativos do movimento econômico, social e cultural do País, do Estado e do Município.

8) Comparar o custo da vida em diferentes épocas. Por exemplo: o preço do gado, dos gêneros alimentícios, dos tecidos, o valor de propriedades, vencimentos de professores, etc., etc., há vinte, trinta, cinquenta anos passados, comparados com os atuais.

IV — Ciências Naturais e Higiene:

Poderão ser correlacionados ao Programa de Educação Moral e Cívica os seguintes pontos do programa de Ciências Naturais e Higiene:

- Atividades indicadas no 1.º período do 1.º ano.
- Os pássaros, sua utilidade. Proteção aos pássaros úteis e aos seus abrigos naturais.
- Os animais. Serviços que prestam ao homem. Propaganda em favor de um melhor trato aos animais. Comemorar o dia 4 de outubro, dedicado aos animais, contando ou lendo histórias do "folclore" nacional referente aos mesmos ou por outros meios.
- A árvore, seus benefícios, trato e conservação. O reflorestamento. O 21 de setembro.
- Fazer com que cada aluno se interesse pela própria saúde, a fim de que, no futuro, seja parcela de valor na comunidade brasileira.
- Campanha contra o impudismo, a tuberculose, a febre amarela, a lepra, a varíola, etc.
- O efeito do álcool no sistema nervoso e as virtudes da temperança (saúde, economia, moral, etc.).
- Clube rural e pelotão de saúde.

V — Educação Física:

O programa de Educação Cívica está correlacionado ao de Educação Física principalmente na parte referente a jogos em grupo. (Ver programa de Educação Física).

A criança se submete naturalmente ao regulamento dos jogos em grupo, adquirindo ou desenvolvendo:

- espírito de justiça, que se revela principalmente na aceitação da vitória do adversário e desenvolve sentimentos de tolerância, lealdade e solidariedade;
- espírito de renúncia e de cooperação;
- Iniciativa, responsabilidade, confiança em si, capacidade para aceitar sugestões, coragem, etc.;
- respeito às leis, na prática das regras dos jogos, na obediência ao juiz e no acatamento a sua decisões. A criança aprende a ser dominar, aceitando uma censura que tenha merecido, bem como penas cominadas nas regras dos jogos e que lhe são justamente aplicadas. O aluno aprende ainda a suportar o frio, o calor, a fadiga, e a ser corajoso, enfrentando o adversário nas competições.

3.º — As formaluras nas solenidades das grandes datas nacionais e as demonstrações de cultura física ensinam a criação da disciplina, do entusiasmo e da resistência.

VI — Canto:

Acha-se o programa de Canto intimamente correlacionado ao de Educação Cívica na parte relativa a canções, hinos patrióticos, músicas folclóricas, etc.

Precedendo cada comemoração, devem ser estudadas música e letra do canto referente ao episódio a ser comemorado.

Alguns fatos geográficos e históricos constantes do programa de Educação Cívica podem, igualmente, ser focalizados ou resumidos numa canção. Exemplo: A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (musicada) presta-se a completar o estudo e desenvolver o sentimento de terra natal ou de Pátria.

Deixam de ser mencionadas, por estarem já incluídas no programa de Canto as canções que são especificamente de caráter cívico. Cumpre ao professor consultar os dois programas (Canto e Educação Cívica) e fazer a correlação necessária.

VII — Desenho, Modelagem e Trabalhos Manuais:

Em sua relação com a Educação Cívica, serão aproveitados os motivos das diversas disciplinas do curso que apresentam pontos de referência com o assunto focalizado. Dentre outras são lembradas as seguintes:

1 — estudo cuidadoso e sistematizado da Bandeira Nacional, iniciado no 1.º ano por meio de desenhos e modelagem, etc., e terminado no 4.º ano com sua confecção em pano próprio;

2 — O Escudo Nacional, igualmente, no 4.º ano, poderá ser desenhado para figurar em cartazes e outros trabalhos;

3 — fichas ressaltando normas e legendas cívicas ou assinalando fatos e datas nacionais;

4 — albums de trabalhos selecionados;

5 — quadros, livros, cartazes, retratos, etc., referentes a assuntos cívicos.

CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão resultará dos cuidados com que a escola dirigir o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que os "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais. A medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ânsia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas, verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas, previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, com o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino da observação, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprego de termos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiência ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprego usual de operações numéricas, etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é esse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquisando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá ele mesmo...

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou aquela pergunta ou questão do aluno, responder com um "não sei mais, vamos procurar saber". O seu prestígio, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de pessoas de espírito

aberto e vivo, diligentes, amigas das crianças e do progresso. No ensino de tôdas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais não constitui uma exceção, certamente.

* * *

Cumpra ao ensino das Ciências Naturais e de Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criança para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumpra à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o indivíduo e para o país, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve desde cedo aproveitar os motivos que à vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque todo brasileiro, pela imensa extensão do país, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou criação. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos, etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que, entre outros fatores, este esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o indivíduo nas cidades aproveita relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar mais a sua observação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve inculcar nos seus alunos, o mais cedo possível, este amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançar as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, releva acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o

trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco frequentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a este fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos na escola até a conclusão do mesmo. Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para permanência dos alunos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

Higiene e alimentação

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do País. Dela depende grandemente o caráter, equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

À escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo a formação de hábitos higiênicos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação estética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos higiênicos, na escola como no seu próprio lar.

O método, que tão facilmente domina o psíquico da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e apreensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e dispendiosas.



No segundo ano continua-se o mesmo método do primeiro, que é, afinal, o verdadeiro método das Ciências Naturais. Um mesmo fato será oferecido à observação da criança sob diversos aspectos e várias influências, para permitir que o espírito infantil elabore por si as conclusões. Neste ano, entretanto, a observação pode ser mais orientada e um pouco menos espontânea.

O fato estudado ou apresentado à criança através de preleções custa a ser compreendido e ainda mais a ser conservado pela memória. Não acontece o mesmo com o fato adquirido através da observação quotidiana. A criança não o esquece nunca, porque ele se incorporou, dia a dia, às suas próprias experiências. Por outro lado, a observação custa menos tempo. Tem-se verificado que, aquilo que se expõe à observação da criança, ela o adquire às vezes sem saber como, sem nenhum esforço da professora ou de qualquer pessoa.

Neste ano, os fatos são também oferecidos à observação da criança.

O programa do segundo ano pode resumir-se nos seguintes pontos:

Quanto aos animais:

Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve a observação e conhecimento dos hábitos e característicos dos animais, do meio em que vivem, como reagem e como se adaptam às modificações do meio. Metamorfose de certos animais. Animais domésticos e selvagens, nocivos e úteis. Observações demorada de rãs, insetos, pássaros, vermes e outros animais.

Quanto às plantas:

Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve o estudo das partes de planta e suas funções. Principais condições de vida. Frutos, sementes e meios de disseminação.

Quanto ao céu:

— Posição do sol — Formas da lua.

Higiene: — Os mesmos hábitos do primeiro ano.

Influência de uma alimentação sadia sobre a saúde.

Respiração: respirar bem; ar puro.

Combate ao álcool e ao fumo.

Variola — Sinais — Vacinação.

FEVEREIRO E MARÇO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observação de insetos para conhecimento de seus hábitos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Apanhar insetos caseiros e levá-los vivos para serem observados em classe. Colocar cada um num vidro com alimento próprio.

Observar os seguintes insetos:

— de armários, malas e gavetas de roupa;

— de dispensa: do feijão, do arroz, do milho, da batata e das farinhas;

— de livros e papéis;

— do quarto de dormir;

— parasitas do homem e animais domésticos.

2 — Observar mais detidamente a barata ou outro inseto caseiro;

a) observar-lhe as partes do corpo, cabeça, tórax, abdômem;

b) examinar-lhe a cabeça: par de antenas e suas funções;

c) olhos e "óculos";

d) dois pares de asas;

e) tamanho das pernas umas em relação às outras; número de pernas;

f) observá-la em sua atividade para descobrir o seguinte:

— Porque tem a forma achatada;

— pelo tamanho das pernas, descobrir como se locomove: se salta — corre ou anda;

pelas asas, descobrir como é o seu vôo;

— pela sua atividade — descobrir qual o sentido mais desenvolvido;

g) quais são os seus meios de defesa contra os inimigos ou quando em perigo;

h) quando se torna mais fácil pegá-las. Como combatê-las;

i) observar a evolução de um ovo de barata.

Bibliografia para o professor: Insetos do Brasil, de Ernesto Roma.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Organizar e ampliar as observações do primeiro ano sobre a germinação.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres adaptados à vida em certas condições.

Pontos a serem dados: — Fases da germinação;
— condições de vida da planta — água, luz e calor.

Atividades:

1 — Pôr num mesmo dia sementes de ervilha, de serralha e de laranja, um bulbo e uma batata para germinarem. Tratá-los com zelo, observar-lhes as fases da germinação, comparando o desenvolvimento de umas com o das outras.

Depois de germinadas submetê-las a experiências simples para levar a classe a concluir a influência da água, da luz e do calor na vida da planta.

2 — Plantar flores de ciclo rápido em vasos ou latinhas.

Estudo do céu

Objetivo especial: — Observar o céu:

- a) mostrar a posição do sol várias vezes ao dia;
- b) procurar a lua e observar sua forma.

Observar o céu à noite para:

procurar a forma da lua e as suas modificações.

Higiene — Manter os hábitos formados no primeiro ano.

Formar o hábito de alimentar e respirar bem.

— Combater o uso de bebidas alcoólicas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

1 — Objetivo especial: — Observar como os animais se defendem de seus inimigos: todo animal se defende quando é atacado.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Investigar sobre a defesa dos animais domésticos e selvagens mais comuns:

- a) os que se defendem com garras;
- b) com coices e patadas;
- c) com cabeça e com os chifres;
- d) os que se agregam para se defenderem;
- e) os que mordem, veiculando veneno;
- f) os que mudam de cor para se confundirem com o ambiente;
- g) os que lançam fluidos fétidos;
- h) os que saem a procura de alimento quando os inimigos dormem;

i) os que picam e ferem.

2 — Objetivo especial: — Continuar a observar os insetos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Observar de perto as joaninhas e os pulgões:

- a) apanhar joaninhas em vários lugares;
- b) procurar larvas;
- c) observar-lhes o tamanho e a cor;
- d) comparar a larva ao inseto adulto;
- e) colocar uma joaninha junto a vários pulgões e observar o que acontece;

f) levar a observar os pulgões na laranjeira;

g) procurar joaninhas — notar que estas procuram os caules.

3 — Manter o interesse pelos animais estudados e comentar novas observações das crianças.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observação das plantas para saber como vivem.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptados às condições de vida do meio.

Pontos a serem dados: Funções das partes da planta — raiz e folhas.

Atividades:

1 — Imergir apenas as raízes de uma planta numa água vermelha. Depois de algum tempo, levar a classe a observar a água colorida nas folhas.

Explicar a função da raiz que pode ser comparada com a boca da planta.

2 — Fazer uma experiência simples para mostrar que a folha elabora o alimento com a luz do sol, principalmente;

Pôr uma latinha plantada com feijão ao sol e outra, nas mesmas condições, mas no escuro. Regá-las convenientemente — Observar que a última amarelece e depois morre. Explicar.

Estudo do céu

1 — Levar a classe a observar o tamanho dos dias.

2 — Marcar a sombra das árvores três vezes ao dia e relacionar com a hora.

3 — Prosseguir na observação do período anterior.

Higiene — Variola: sinais mais visíveis da doença. Vacinação.

Combater o uso do álcool e do fumo.

Sugerir trabalho para as férias:

- 1 — Apanhar insetos e mantê-los vivos para levar para a classe;
 - 2 — Procurar acompanhar o trabalho de um passarinho que faz seu ninho.
 - 3 — Apanhar ninhos abandonados e identificá-los.
 - 4 — Apanhar casulos e crisálidas, identificá-los e trazê-los para a classe para estudo da metamorfose das crisálidas.
 - 5 — Tratar de hortas e jardins.
 - 6 — Pôr uma galinha a chocar.
 - 7 — Procurar descobrir alguma coisa interessante sobre a vida das plantas, insetos, pássaros e animais domésticos.
 - 8 — Ler histórias e poesias sobre animais e plantas.
 - 9 — Escrever histórias interessantes sobre plantas.
- Tratar diariamente da horta, do jardim e dos animais: manter um "Diário" sobre o desenvolvimento dessa atividade.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- 1 — Verificar o trabalho de férias;
- 2 — Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio. às condições do meio em que vivem.

Atividades:

- a) aproveitar as experiências adquiridas no primeiro ano e desenvolvê-las no estudo do frio;
- b) o frio em outros lugares: apresentar gravuras sobre a neve; paisagens, brinquedos típicos na neve; vestuários próprios. Fazer tanto quanto possível nitida a descrição da neve — rios gelados — estradas obstruídas;
- c) histórias sobre a neve;
- d) explicar a defesa dos animais contra a neve:
 - alguns enchem-se de pêlos — esquilo.
 - outros imigram — pássaros, borboletas, etc.
 - outros cavam buracos debaixo da terra e dormem até dias mais quentes (hibernação).
 - outros cavam galerias debaixo da terra onde se demoram e armazenam alimentos.
- 3 — Como os homens se protegem:
 - a) aquecem as casas com aquecedores especiais; fogões próprios de sala — canos — água quente debaixo das janelas;
 - b) alimentam-se de substâncias gordurosas;
 - c) fazem conserva dos principais produtos de alimentação;
 - d) cultivam verduras e legumes em estufas, etc.;
 - e) vestuários de lã e de peles de animais;

- f) defesa dos veículos: caminhões, automóveis, charretes, caixões.

Como os homens ajudam os animais a se defenderem da neve.

- 4 — Contar à criança a vida em regiões eternamente frias.

Dar indicações gerais sobre os animais e sobre a vida dos homens nesses lugares.

(Ilustrar fartamente).

- 5 — Levar a criança a observar que entre nós a atividade dos pássaros e insetos diminui no tempo do frio.

6 — Como as plantas se defendem do frio onde há neve: — deixam cair as folhas, etc.

Estudo dos animais

- 1 — Observar de perto um pássaro útil comum no lugar. Exemplo: pica-pau, conforme esquemas anteriores.

2 — Observar o coelho:

- a) observar as atitudes do coelho parado — observar o movimento das orelhas;
 - b) observar a distensão do corpo e a direção das orelhas;
 - c) observar-lhe as patas; comparar as dianteiras com as traseiras;
 - d) observar os olhos do coelho;
 - e) observar-lhe a maneira de comer e a alimentação;
 - f) comparar a maneira de comer com a de outros animais;
 - g) procurar 5 outros animais que comem da mesma maneira. Como se chamam os animais que têm essa maneira de comer. Outros característicos iguais entre esses animais.
 - h) como é a voz do coelho.
- Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptados às condições do meio.
- Objetivo especial: — Como as sementes são protegidas pelos frutos.

Atividades:

- a) Levar a criança a observar os frutos.
 - b) Frutos que amadurecem, desprendem-se, caem ao solo, para espalhar a semente: laranja.
 - c) Frutos que amadurecem, secam e abrem-se para deixar cair a semente: feijão, ervilha, etc.
 - d) Mostrar em que consiste a defesa das sementes nos frutos carnosos e nos secos.
 - e) Pesquisar com as crianças os frutos das plantas conhecidas e a maneira como protegem a semente.
- Objetivo especial: — As sementes estão dotadas de recurso para se espalharem o mais possível.

Tópico geral: as plantas como seres vivos adaptados às condições de vida do meio.

Observação das várias sementes colecionadas em classe, para se descobrir o meio de disseminação de cada uma:

— as redondas — rolam: ervilha, couve, etc.;

— as de paraquedas — voam a grande distância: serralha, paina, etc.;

— as de velas navegam — às vèzes fruto e semente;

— as de espinhos — prendem-se às roupas das pessoas, ao pêlo dos animais e às penas dos pássaros: carrapicho.

Outros meios de disseminação: o cheiro e o gôsto dos frutos atraem os animais que os comem e lançam a semente noutro lugar.

Outras atividades:

Plantar árvores no bosque da escola.

Fazer concursos de jardineiras e de vasos.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observar os vários insetos colecionados em classe para apreciar a maneira peculiar de cada um.

Tópico de que faz parte êste estudo: — Os animais como seres vivos adaptados às condições do meio.

Atividades:

Observar os insetos para descobrir os que lambem, os que chupam, os que picam, roem, etc.

2 — Observar de perto a rã para conhecer seus hábitos:

a) forma do corpo, côr da pele;

b) comprimento das pernas;

c) comparar as patas trazeiras com as dianteiras;

d) bôca e dentes;

e) de que se alimenta e como caça o alimento;

f) observar o mimetismo da rã — envolver o vidro ou o aquário de tempos em tempos com papel de côr e acompanhar o fenômeno.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — As sementes têm recursos para lutar contra o meio e vencê-lo.

Tópico de que faz parte êste estudo: — As plantas com seres vivos adaptados às condições do meio.

1 — Pôr grãos de ervilha ou feijão para germinar na terra úmida. Logo que o embrião romper a casca, atravessar um grão com o alfinete de modo que êle fique a um centímetro da terra;

a) verificar que a raiz se prolonga até encostar a terra;

b) depois de 3 a 4 dias, comparar as raízes desta com as outras que foram germinadas sôbre a terra;

2 — Como a raiz luta para encontrar a umidade, necessária a seu desenvolvimento. Colocar uma raiz germinada sôbre um algodão molhado apenas do lado contrário à direção da raiz do embrião. Observar que a raiz vira e toma a direção do lado úmido.

Tempo: — Prosseguir na observação, conforme esquemas anteriores.

Fenômenos gerais: evaporação.

Objetivo especial: Familiarizar a criança com o fenômeno da evaporação.

Atividades:

1 — Indagar sôbre o destino das águas da chuva.

2 — Ferver água numa vasilha diante da classe para levar a observar três pontos essenciais:

a) o vapor saindo da vasilha;

b) a vasilha sêca, depois de algum tempo;

c) o vapor que se perde no espaço.

3 — Molhar um lenço e pô-lo a secar na janela:

— explicar o fenômeno.

No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) Desenvolveram seu poder de observação e melhoraram seus processos de pesquisa.

b) Interessam-se vivamente pelas cousas da natureza.

c) Conhecem os principais animais e plantas da localidade e as suas condições de vida num determinado meio.

d) Enriqueceram sua experiência sôbre a vida dos animais e plantas.

e) Adquiriram bons hábitos de higiene.

f) Familiarizaram-se com vários aspectos da germinação.

g) Plantaram ao menos uma árvore frutífera.

TRABALHOS MANUAIS

Introdução

Os trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São eles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis para a fixação de fatos já compreendidos; meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Com efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar, fixar uma série de noções estudadas em classe, enquanto desenha, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevisíveis, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao invés de ser dada ao aluno por informações, exigir que ele a concretize, realizando algo por suas próprias mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporar-se-á à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria independente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Resaltam daí as questões seguintes:

1) — Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2) — É mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projeto, excursões, dramatizações, etc. Por exemplo, na confecção de mapas, albums, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades dos clubes rurais (jardinagem, horta escolar, ensaios de avicultura, apicultura, etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3) — Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se ou estimular a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência, imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábua, arame, argila, etc., tudo isto de grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano, é assunto merecedor de especial carinho das professoras, pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria, para melhor amá-la.

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula de acordo com as possibilidades existentes. Por exemplo: organizar em um canto a biblioteca, aproveitando caixotes, cabos de vassoura, sacos de anagem, de sal, de farinha de trigo, retalhos, argila, gravuras, cartolina, papelão, etc., para fazer estantes, banquinhos, guardanapos, vasos, porta-vasos, quadros, etc.

2 — Desenhar:

- a) cenas que ilustrem as histórias inventadas ou ouvidas;
- b) cenas do princípio, do meio e do fim de histórias lidas ou ouvidas;
- c) cenas principais de uma dramatização e fatos observados durante as excursões;
- d) histórias mudas.

3 — Colorir:

- a) cenas referentes a histórias conhecidas da classe e esboçadas pelos alunos do 3.º ano e do 4.º;
- b) histórias mudas, esboçadas e mimeografadas pelos alunos da classe ou de outras turmas.

4 — Fazer:

- a) envelopes para guardar as gravuras não expostas;
- b) albums com gravuras já utilizadas em classe;
- c) idem, com as cenas de histórias recortadas de revistas ou de jornais infantis;
- d) pequeno livro com as histórias inventadas e ilustradas pelos alunos;

- e) programas dos auditórios ou festas da classe.

5 — Organizar o material para dramatizações.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

- 1 — Desenhar a Bandeira Nacional.
- 2 — Fazer:
- relogios com horas e minutos (empregar o material indicado para o 1.º ano);
 - fichas para fixação dos mesmos fatos, o que permite fazer dobramentos de papel para concretizar a idéia de meio, quarto, (vide programa de Aritmética);
 - envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudo;
 - frisos ou gregas em recortes ou desenhos, aplicando o círculo, o triângulo, o quadrilátero.
- 3 — Organizar o calendário da classe:
- cartaz da semana — nomes dos dias da semana e, à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída na semana seguinte;
 - cartaz do mês — nome do mês escrito em ficha que se coloca ao alto do cartaz: ao lado esquerdo, em coluna, os dias do mês; à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída no ms seguinte;
 - cartaz do ano — número do ano escrito ao alto do cartaz; ao lado esquerdo, em coluna, os nomes dos meses; à frente de cada mês, fichas com o registro dos acontecimentos e datas mais importantes do ano. (Estes mesmos cartazes podem ser empregados para o registro da freqüência).
- 4 — Ampliar as atividades da loja escolar, organizada no 1.º ano

✽

Trabalhos Manuais com Geografia e História

- 1 — Traçar a planta dos arredores da escola (vide programa de geografia).
- 2 — Desenhar:
- a Bandeira Nacional;
 - os edificios públicos ou casas comerciais que ficam mais próximos da escola;
 - ampliar o traçado da planta (vide programa de geografia).
- 3 — Recortar o desenho da Bandeira Nacional e reconstituí-la com as mesmas partes.
- 4 — Fazer:

- quadros com retratos do patrono, do fundador, dos benfeitores da escola;
- idem, idem, dos homens ilustres da cidade e do município;
- idem, com fotografias ou desenhos dos edificios públicos;
- alguns ou cartazes sobre as produções do município;
- alburns ou cartazes focalizando aspectos interessantes do município e da zona estudados;
- cartazes com meios de transporte.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

- 1 — Desenhar:
- do natural: plantas — no todo e em suas partes (raiz, caule, fôlha, flor e fruto);
 - os frutos ou legumes de plantas já mimeografadas ou desenhadas em outras classes (ver o programa do 1.º ano).
 - plantas regionais: algodão, café, mamona, etc. (Alguns destes desenhos poderão ser apenas esboçados pelos alunos do 2.º ano e coloridos pelos do 1.º ano).
 - animais domésticos;
 - pássaros, insetos e peixes.
- 2 — Fazer:
- sacolas, guardanapos, lenços;
 - frisos ou gregas, em recortes ou desenhos de animais ou plantas;
 - cartazes com gravuras ou desenhos de várias raças de gado bovino;
 - idem, idem, dos produtos derivados do leite;
 - idem, idem, de várias raças de galinha;
 - idem, idem, sobre a sericultura ou apicultura;
 - idem, sobre preceitos de higiene.
- 3 — Preparar caixotes para sementeira.
- 4 — Organizar, em tableiro, uma fazenda, com animais domésticos, suas instalações diversas, estábulo, curral, galinheiro, manga, etc., horta, pomar, cafezal, etc. Material: argila, areia, madeira, carretel, capim, palha, rôlha, etc.

C A N T O

Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espirito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado fisico ou psiquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-lhe os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona alegria e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando tôdas as almas em tórno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades e condições, mas integrando todos nos mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espírito fatigado, traz alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerado em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguites: o ritmo firme, senso auditivo, afinação segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas auditórias, etc. A última observação não se estende às escolas onde não haja professora especializada de canto ou às que não possuam piano sendo o canto, neste caso, lecionado por uma professora do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

Condições do aluno

Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de um ritmo, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por excelência, e de que a voz, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre

dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de *cantar gritando*, tão desagradável aos ouvintes e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

Em côro, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir certa extensão:

Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão, é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verifica-se uma *alteração na voz*, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desapareça o impedimento.

O *ouvido* merece, também, grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do côro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças *afônicas*, portadoras de amigdalite ou vegetações adenoideas, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *califasia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações freqüentes nas letras dos hinos e canções escolares.

A educação do *ritmo* e do *ouvido* pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopáicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

Respiração

Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns:

1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.

2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.

3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal *a*: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.

4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.

5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.

6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, ao emitir o *a*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.

7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diapasão). Este exercício denuncia imediatamente os desafinados.

8 — O mesmo exercício em conjunto com tôdas as vogais, em ritmo quaternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes

NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol 2.º linha.

Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local apropriado, este deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente êsse que dê prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por exemplo) podem ser colocados quadros de cartolina com os rudimentos de teoria e manossôla do curso primário, trabalhos biográficos de compositores brasileiros Carlos Gomes, Francisco Manuel da Silva, Vila Lobos, etc.) feitos pelos alunos das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos, fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de veneração das crianças pelos grandes músicos.

Horário

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bi-semanais, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidades de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos, pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, contanto que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário dêsse dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educa-

ção Física, no preparo de marchas, bailados, calistenia, etc. prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente, à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções patrióticas e outras acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habituar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

Seleção do repertório

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não somente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo o repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito e que o sentimento, e somente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções sadias e exaltar o valor de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, destituídos de valor educativo, não se adaptam ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanta singeleza o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e as canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e preconceitos de classe e profissão.

E' também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como propulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música bem diferente e especial.

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

Letra dos hinos e canções

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto é, repetindo a declamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, a fim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

Canto por audição

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentando gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos lhe apreendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

1.º — Interpretar a poesia com a classe.

2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — ve (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da espe (4.º) — ran (1.º) — ça (2.º) — sal (3.º) — ve (4.º), etc.

3.º — Tocar a melodia, bem baixinho, ao piano, para ser apenas ouvida.

NOTA — Não sendo possível, por falta de piano, pode ser suprimida a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.

5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.

6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinhas e sem piano, desenvolvendo a educação e ouvido e da atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os componentes de um câro.

7.º — Fazer, ao piano, o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados.

Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão da voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitir as vogais, *a e e*, que não devem soar abertamente. É indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou a duas e mais vozes.

Correlação de matérias

As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes, etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos e ensejos.

✽

FEVEREIRO

Recapitulação de algumas canções do ano anterior.

MARÇO

A Escola — C. I Pág. 99.

Hino à Bandeira Nacional — H. I Pág. 15.

ABRIL

Marcha escolar — C. II Pág. 16.

A mão — C. I Pág. 155.

M A I O

Hino Infantil — H. I Pág. 132.

Marcha escolar — C. II Pág. 16.

J U N H O

Vai, canoinha — C. II Pág. 20.

O pequeno solfista — C. I Pág. 20.

J U L H O

Canção do berço — C. II Pág. 220.

Bão-ba-la-lão (a duas vozes, Vila Lobos) — Avulsa.

AGOSTO

Marcha, soldado — C. I Pág. 115.
 Nozani-ná (indígena, a uma voz, Vila Lobos) — Avulsas.

SETEMBRO

Canção da laranja — C. II Pág. 47.
 Primavera (1.ª 2.ª, 4.ª e 6.ª estrofes) — C. II Pág. 197.

OUTUBRO

Brasil — C. I Pág. 100.
 O papagaio — C. II Pág. 150.

NOVEMBRO

A nossa Bandeira — C. II Pág. 14.
 Férias (a duas vozes, Vila Lobos) — Avulsas.

NOTA — O 2.º ano pode cantar, sempre que possível, em conjunto com o 1.º ano, por terem sido estudadas, no ano anterior, as músicas a êste destinadas.

Na Canção "Vai, canoinha", a 1.ª estrofe e a 2.ª devem ser terminadas no 16.º compasso e o final do 2.º verso "à casa chegar" e "sem descansar" ser repetido. A canção "Nozani-ná" deve ser cantada 3 vezes, com andamento variado, sendo a 3.ª vez *vivo* e a 2.ª menos *lento* que a 1.ª.

Convenção — C. cancionero; H. hinário; I ou II, 1.º ou 2.º volume.

Sugestões de outras músicas que podem ser aproveitadas, além do programa acima: A Escola (H.I 70); Carangueijo (Vila Lobos); Minha terra tem palmeiras (C., II, 99); Carneirinho de algodão (Vila Lobos); Capelinha de melão (Vila Lobos); Onde vai, onde vem (C., II, 27); Velho sino (C., II, 92); Carrilhão (C.B. Barreto); A boa dona de casa (C. I, 137); Cajueiro pequenino (C., II, 69); A roseira (a duas vozes, Vila Lobos); "Meus brinquedos (Vila Lobos); Dorme, filhinho, (C., I, 33); Meu pai (C., II, 178); etc., etc.

Educação Física

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém, o seu desenvolvimento requer alicerces: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e constância nas lutas.

Sendo sua obrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo deste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência, de uma ginástica ritmada podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio da vontade, fatores indispensáveis na conquista de qualidades de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o, a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas, sobretudo a Pátria.

E' lutando contra a inércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil, até o patriota entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e quicá criadas pela Educação Física consciente, isto é, *continuada, alternada, graduada, sistematizada e atraente*.

O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao som da música, os exercícios físicos despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.



"O corpo e os espirito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente."

Devemos reagir enérgicamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. É a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cômico do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz mais hábil mais veloz,

mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral, na escola, treinando caracteres.

*

A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate a sedentariedade: porque corrige as constituições franzinas e defetuosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minora os que são congênitos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que deles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatório, excretório, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativa, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos esses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se das possibilidades de cada um, o que acarretará o esgotamento a fadiga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as consequências de abusos, que se devem evitar na escolha e na gradação metódica dos exercícios.

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadoras de defeitos físicos. A fadiga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor. Constitui a base em que se poderá firmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física.

obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas, essencialmente, a tipos morfo-fisiológicos diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno com os das escalas avaliadas para esse fim obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas, inicialmente, com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escalas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem:

1.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se agrupam em torno do mínimo normal e do máximo;

2.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de estado de tonto passageiro, não incompatível com a Educação Física;

3.º grupo — crianças que apresentam insuficiências notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos sub-grupos quantas forem as necessidades de exercícios especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

1.ª — normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo;

2.ª — deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será a maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

Assistência médica — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos de normais e defeitos orgânicos, fornecerá meios ao professor de selecionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento".

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescrevendo exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O médico escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

Exame antropométrico — O exame antropométrico, determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embora sumariamente, às necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio

da enfermeira escolar, onde houver, limitando-se a um número indispensável das medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinala as diferenças de desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

Ficha de educação física — Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transfira para outra estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Pêso

Perímetro torácico

Envergadura (para os alunos do 4.º ano).

O material necessário à tomada dessas medidas resume-se no seguinte:

Uma balança

Uma toesa

Uma fita métrica, metálica sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

Pêso — Com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o pêso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

Estatura — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, descançado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (pontas de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatutra pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colocada convenientemente a uma parede vertical. O antropômetro ou uma boa toesa constituem os processos de manejo mais aproveitáveis.

Perímetro torácico — Meninos: na altura da base do apêndice xifóide; meninas: sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e esteja em perfeita horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

Elasticidade torácica — Será obtidas pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

Envergadura — Em pé, de costas para o quadro mural, tocando a parede com as nádegas e o dorso: abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

Observações do professor — Na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações se ridentará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

*

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observadas pelo professor em relação ao aluno:

Local — As aulas de aducação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivo, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoeirados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas ladrilhadas ou assoalhadas, rigorosamente limpas. No caso de se dispôr de áreas cimentadas ou ladrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes claras.

Horas de trabalho — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas horas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das primeiras refeições e terminar cêrca de uma hora antes das mesmas.

Uniforme — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não comprimam o tórax, o abdômen, o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acôrdo com a estação, é recomendável.

Temperatura e condições climatéricas — Levar-se-á na maior consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários ao asseio.

Fadiga — O trabalho físico nunca deve ser levado até o estafamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece mesmo com a estafa que é acompanhada de inapetência e de insônia, lassitude geral e mesmo de febre.

O professor deverá conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga, a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis no últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeiram um mínimo de despesas nervosas.

*

A EDUCAÇÃO FÍSICA ELEMENTAR OU PRÉ-PUBERTARIA INTERESSA AS CRIANÇAS DE 4 A 13 ANOS, MAIS OU MENOS

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem, antes de tudo, necessidade de uma saúde vigorosa. A E. F. que ela deve praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento das grandes funções respiratória e circulatória, bem como a articular, e educação do sistema nervoso, sem contudo visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

1.º grau — 4 a 6 anos;

2.º grau — 6 a 9 anos;

3.º grau — 9 a 11 anos;

4.º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes. A E. F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concernente ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. Os valores educacionais dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus

efeitos. As crianças que são desanimadas, retardadas, indolentes, que observam pouco o que as cerca; que reagem vagarosamente a um estímulo externo; que são numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal levam-na a preferir jogos diferentes em diferentes períodos do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuam para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiênicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sós, um método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte:

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou coisa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como, por exemplo: — imitar um ratinho, um gato, um galo que canta, um gigante, um médico, etc. Está ela em um período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sozinha, é ao mesmo tempo, causa e efeito, isto é, realiza e sente a satisfação do jogo, isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro e em que o atacante experimenta a emoção de domínio; e o atacado, a de defesa. Exemplos: — "O gato e o rato", "O caçador e o veado", etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. São jogos que enfraquecem na criança, a predominância da consciência do eu e estimulam, pouco a pouco, a aquisição do interesse pelo contacto com os companheiros.

c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimen-

tares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária espontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acórdos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo *agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de cooperação, sacrifício, iniciativa e sugerida*, e de coragem própria ou refletida do grupo. Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — ("Corra, seu urso", "Nunca três").

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria iniciativa; a confiança em si; inicia o espírito de tática para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplo: Apanhar o lenço.

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um *trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impellido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte.* Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientais, como também à influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento da mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplo: Branco e preto.

f) *Jogos de "team"* — Entraremos agora a tratar dos jogos de "team", que encerram em si *todas as leis sociais, na sua mais alta expressão.* Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução do jogo associado ao desenvolvimento da criança e com os jogos de "team" entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos de "team", necessário é o um preparo prévio do educando, por meio de outros

que abram tôdas as válvulas de des congestionamento das tendências predominantes em cada fase de sua evolução.

Chegando a êsse ponto, nota-se que alguns característicos declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória.

O principal característico dos jogos de "team" é a cooperação de todos.

Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em "team" são altamente valiosos na vida prática e social.

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção, e habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

Sessão preparatória

1) Formações e exercícios de ordem:

em linha, em uma fileira

em coluna por um

em círculo

alinhamento

em linha, em duas fileiras

passar de coluna por um a coluna por dois

fora de forma e reunir

maneiras simples de tomar e verificar distâncias

2) Evoluções e rodas:

marchas normais em diferentes cadências

marcha batendo com os pés

marcha com canto

marcha em círculo

marcha em serpentina

marcha em espiral

rodas

3) Flexionamentos:

a) Posições de partida:

posição fundamental

mãos nos quadris

afastamento lateral

afastamento para a frente

sentado, pernas afastadas

deitado

b) Flexionamentos dos braços:

Elevação horizontal dos braços (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços (diferentes planos)

Flexão dos antebraços (diferentes planos)

Flexão dos ante-braços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano horizontal

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano vertical

c) Flexionamento das pernas:

Mãos nos quadris: elevação do joelho (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (diferentes planos)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados)

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação dos joelhos, extensão das pernas

d) Flexionamentos do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco.

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco

e) Flexionamentos combinados:

(Daremos apenas alguns exercícios a título de exemplo)

Elevação horizontal dos braços com elevação da perna estendida (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços com elevação do joelho (diferentes planos)

Afastamento lateral: elevação lateral dos braços, flexão dos antebraços com inclinação lateral do tronco

Afastamento para a frente com elevação lateral dos braços, seguida de rotação do tronco com flexão dos antebraços no plano horizontal

f) Flexionamentos da caixa torácica: a) Jogos respiratórios

b) Levantar alternadamente as espáduas para a frente e para trás com circundação das espáduas.

B) Lição propriamente dita:

1) Marchar:

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Marchar nas pontas dos pés

Marchar com elevação dos joelhos

2) Trepar:

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos — suspensões:

Suspensão inclinada

Suspensão inclinada, braços flexionados

Suspensão inclinada, elevação do joelho

Suspensão inclinada, elevação da perna estendida

Suspensão inclinada, elevação do joelho, seguida de extensão da perna

(Na falta de barras, estes movimentos podem ser executados com auxílio dos outros alunos, alternando-os).

3) Saltar

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Balanceamento dos braços com flexão coordenada das pernas.

Saltar pernas estendidas

Saltar com afastamento lateral das pernas

Saltar com afastamento das pernas para a frente e para trás

Saltar cruzando as pernas

Pular a corda

4) Levantar e transportar

a) Movimentos mímicos

Transportar um objeto sobre a cabeça

Passar de lado objetos diversos

Passar por entre as pernas objetos diversos

Passar por cima da cabeça objetos diversos

5) Correr

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Estudo da passada no mesmo lugar

Elevação alternada dos joelhos

Estudo da passada correndo

6) Lançar

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos

Lançar uma bola por extensão do braço (dois a dois, de frente)

Lançar para a frente uma bola por uma extensão horizontal dos braços (2 a 2, de frente).

7) Atacar e defender-se

a) Movimentos mímicos

Jogos (Dentro do espírito e da organização dos seguintes exemplos)

Pega-pega de avestruz

Saltar a vara

Nunca três

Segura a bola

Os prisioneiros

- C) Volta à calma
 1) Marcha lenta com exercícios respiratórios
 2) Marcha com canto ou assobio
 3) Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

INSTRUÇÕES SOBRE OS HORÁRIOS

1 — O início e o fim das aulas, bem como o recreio, nas escolas que funcionam em dois turnos ou em turno único, devem obedecer ao horário indicado no Regulamento do Ensino:

a) *Aulas: Início* — 7 ou 7,30 e 12 horas ou 12,30, para as escolas que funcionem em 2 turnos; 11 horas, para as de um só turno. *Fim:* 11 ou 11,30 e 16 ou 16,30 para as primeiras e 15,30 para as segundas.

b) *Recreio:* 9,5 às 9,30 ou 14,5 às 14,30 nas escolas de 2 turnos; 13,15 às 13,45, nas escolas de um só turno.

2 — Os professores podem organizar seus horários. Recomenda-se, porém, que considerem o seguinte:

- a) o total de horas semanais deve ser respeitado assim:

Para o primeiro ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral e composição — 7 horas e 45 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora e 15 minutos.

Período livre de 30 minutos. Demais atividades como chamada — entrada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total: 20 horas.

Para o segundo ano:

Língua Pátria — compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — duas horas e 30 minutos.

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos.

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos.

Canto — Uma hora.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora.

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Período livre — 30 minutos. Demais atividades como entrada — chamada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total: 20 horas.

Para o 3.º ano e o 4.º:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição e biblioteca — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — 3 horas.

Ciências — Uma hora e 15 minutos.

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos.

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora.

Canto — Uma hora.

Demais atividades: entrada, chamada, recreio, saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

b) Antes do recreio, atividades que exijam maior esforço mental dos alunos.

c) A duração de cada aula deve ser regulada pelo interesse da classe.

d) Os períodos livres a professora preencherá com atividades que julgar mais necessárias para atender às deficiências dos alunos ou permitirá que estes trabalhem de acordo com o interesse; por exemplo: alguns em jardinagem; outros, na biblioteca; outros, em trabalhos manuais, etc., contanto que nenhum permaneça inativo.

e) Nos escolas onde não houver biblioteca, as professoras deverão fazer para a classe a leitura de algum livro interessante.

f) São oferecidos, como sugestões, modelos de horários para o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. Os horários de Língua Pátria podem ser alternados com os de outras matérias.